

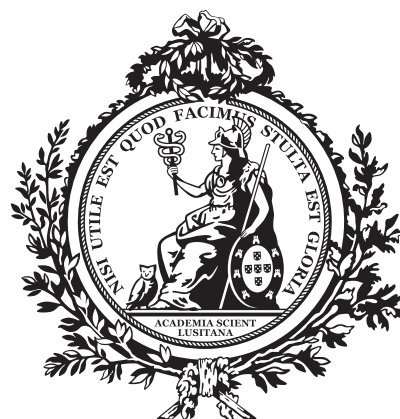
# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras  
e da Academia das Ciências de Lisboa  
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

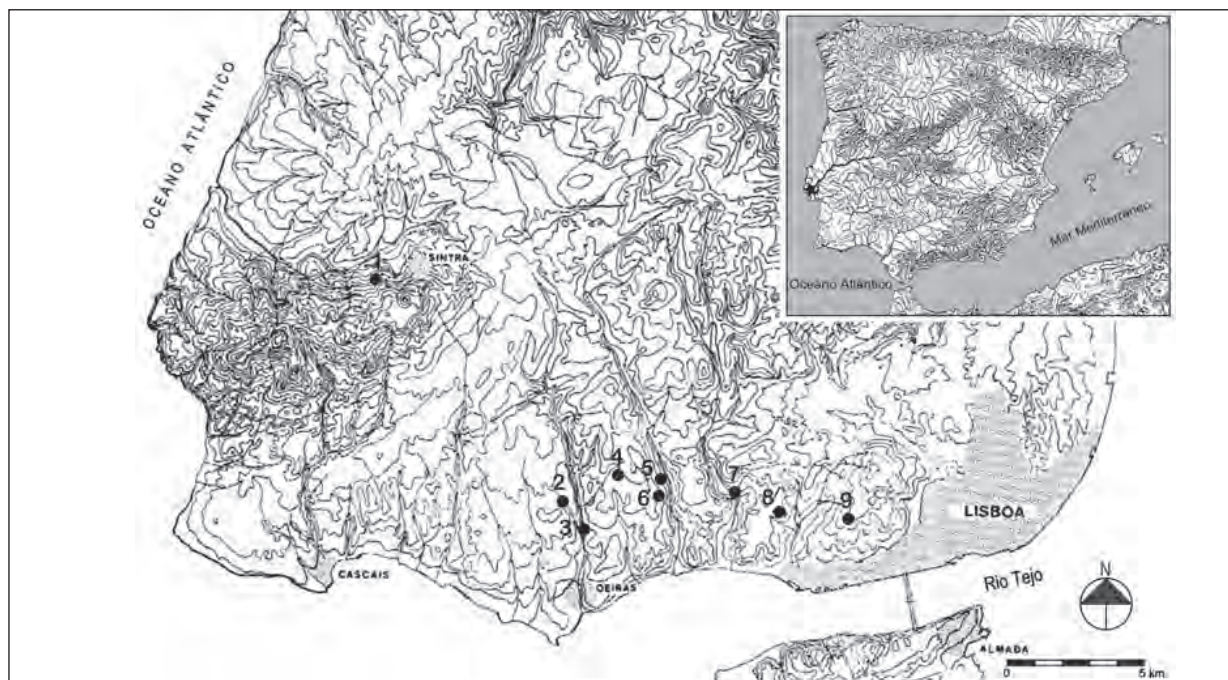
Estudos de Arqueologia regional  
e de  
História da Arqueologia

## O CAMPANIFORME DE FREIRIA (CASCAIS)<sup>1</sup>

João Luís Cardoso<sup>2</sup>, Guilherme Cardoso<sup>3</sup> & José d'Encarnação<sup>4</sup>

### 1 - LOCALIZAÇÃO E CONDIÇÕES DOS ACHADOS

A *villa* romana de Freiria possui as seguintes coordenadas (CARDOSO, 1991): Q965 955, lidas na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, Folha 430, Oeiras, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1970 (Fig. 1).



**Fig. 1** – Freiria. Localização na Península Ibérica e no contexto dos sítios campaniformes na região adjacente da margem norte da foz do Tejo. 1 – povoado fortificado de altura da Penha Verde; 2 – povoado de encosta de Freiria; 3 – gruta funerária da Ponte da Laje; 4 – Casal agrícola de Leião; 5 – povoado fortificado de altura de Leceia; 6 – casal agrícola do Monte do Castelo; 7 – povoado de encosta de Carnaxide; 8 – casal agrícola de Barronhos; 9 – povoado de altura de Montes Claros.

<sup>1</sup> Os dois primeiros capítulos são da autoria de dois de nós (G.C. e J. d'E.), sendo os restantes da responsabilidade do primeiro signatário. Os desenhos são da autoria de Filipe Martins e de Bernardo Ferreira (Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras).

<sup>2</sup> Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

<sup>3</sup> Arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa. Presidente da Associação Cultural de Cascais.

<sup>4</sup> Professor Catedrático aposentado da Universidade de Coimbra. Membro do CEAUCP/CAM.

Quando, em 1980, a mesma foi localizada por dois de nós (G.C. e J. d'E.), verificou-se desde logo que, a par dos vestígios romanos, aí existiam também vestígios de ocupações mais antigas (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1984, p. 26).

E, de facto, as sucessivas prospecções efectuadas em redor da *villa*, implantada em encosta suave virada para sul, ocupada por bancadas de calcários cretácicos (Cenomaniano inferior e médio), nas proximidades de curso de água, a ribeira de Freiria, possibilitaram a identificação de uma grande mancha de ocupação que se estendia desde os terrenos a oriente da ribeira da Várzea até à área da *pars urbana* e dali até às Termas Sul (Fig. 2). Mais tarde, durante a escavação da necrópole, na margem direita da ribeira de Freiria, a sul da *villa*, observou-se que, também ali, existiam cerâmicas decoradas campaniformes.

A surpresa não foi o aparecimento de materiais deste período, pois eles existem por todo o concelho de Cascais em grande abundância, mas, sim, o aparecimento de estruturas daquela época, bem conservadas, na área da *villa* romana.

As observações de terreno vieram demonstrar que a presença de tais estruturas e dos correspondentes espólios ocupava área a norte e do lado nascente da *pars urbana* da *villa*, cujas estruturas assentam, nessa área, ora na camada arqueológica pré-histórica, ora nas bancadas calcárias já então aflorantes, ora ainda na camada da Idade do Ferro. Tais ocupações explicam a surpresa com que se identificaram as estruturas habitacionais pré-históricas, conservadas a pequena profundidade, devendo-se a sua preservação, na época moderna ao solo pedregoso que não aconselhava a introdução do arado.

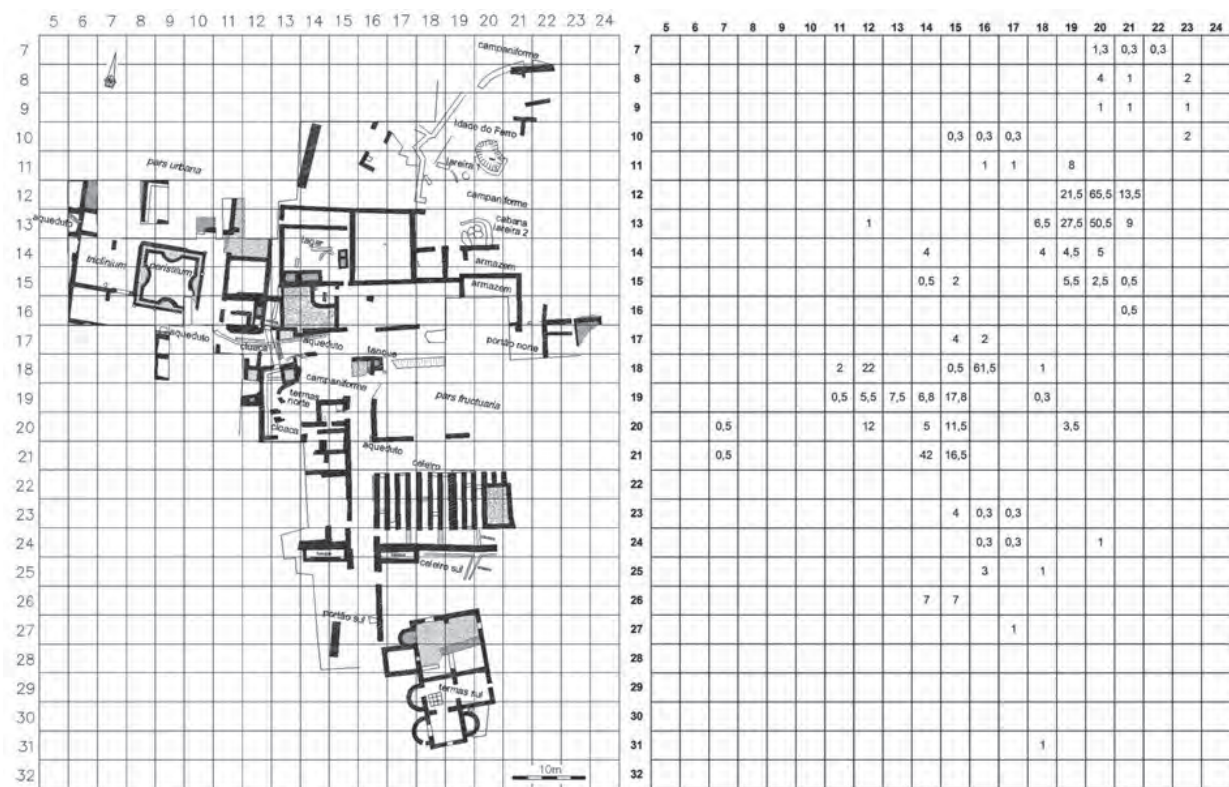
Após o abandono da *villa*, durante a Alta Idade Média, anos de contínuo amanho do solo tinham levado a camada de terra arável que cobria o sítio, ficando apenas nalguns pontos pouco mais de um palmo de terra ( $\pm 20$  cm). À superfície, os alinhamentos de muros de pedra seca, da Idade do Ferro e romanos, mostravam as feridas abertas nas bancadas geológicas pelas relhas do arado. O lavrar e as chuvas tinham facilitado o deslocamento da terra para as partes mais baixas da encosta, deixando em alguns locais as bancadas de calcário à vista.

## 2 – ESTRUTURAS PRÉ-HISTÓRICAS

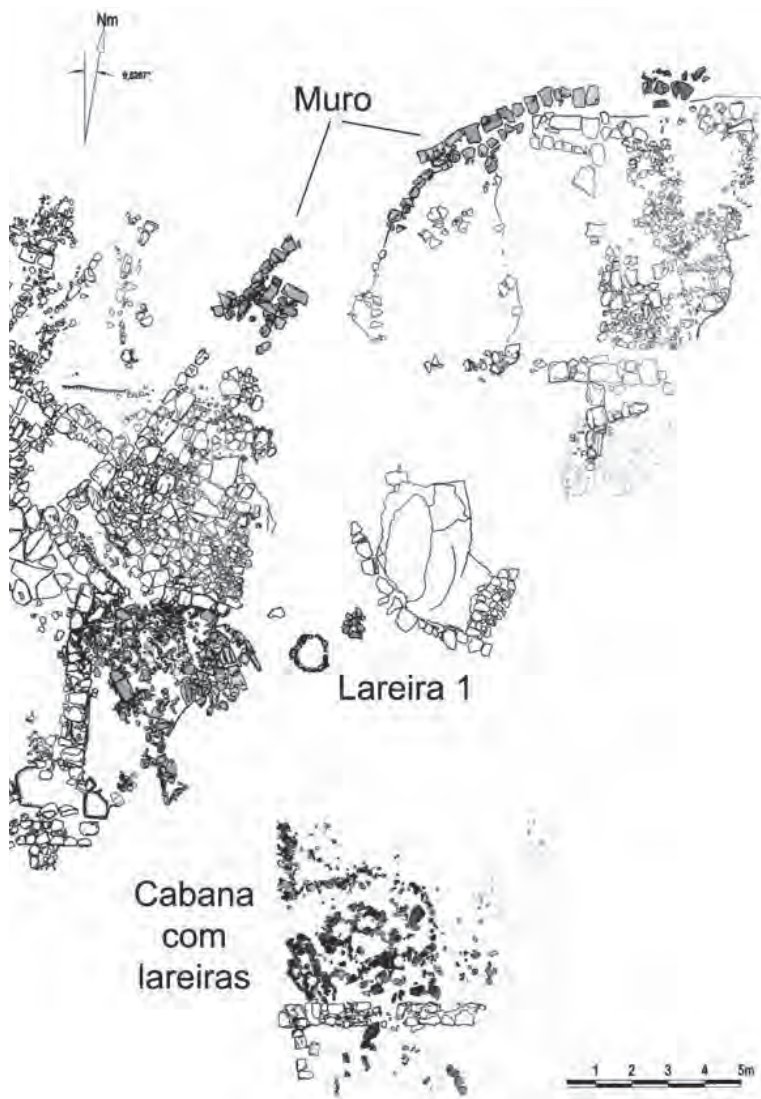
São três as áreas onde se identificaram estruturas de época campaniforme, todas elas situadas a norte e nordeste da *villa* romana (Fig. 2 e 3):

**Alinhamento norte** – foi durante a escavação da zona mais tarde identificada como “sector da Idade do Ferro”, ou seja, a área nordeste, que apareceram, por baixo dos muros da Idade do Ferro, as primeiras estruturas campaniformes. Inicialmente, foi apenas um muro de dupla fiada, que fazia parte de um muro de protecção do antigo povoado ou, eventualmente, de vedação para redil de animais de pastoreio. A pequena espessura do muro, cerca de 0,5 m, e o desaparecimento de parte do alinhamento da estrutura, destruída em época posterior ao seu abandono, não nos permitem mais considerações. Somente foi escavada parte do estrato arqueológico atribuível à presença de época campaniforme, uma vez que estava coberto pelas ruínas mais modernas; por isso, a fim de o proteger e de o preservar para futuros estudos, atendendo à sua raridade, optámos pela sua não-remoção.

**Muros do lado poente** – um pequeno ressalto natural do terreno pelo lado poente deste sector estava coberto por muros de pedra seca e lajes de pisos a servir de patamares de passagem desnivelados. De mais complexa interpretação, este espaço fora construído parcialmente na Idade do Ferro sobre muros preexistentes de época campaniforme. A base de todas as estruturas, localizada sobre o afloramento rochoso do lado oriental, apenas



**Fig. 2** – Freiria. Em cima, à esquerda: planta da *villa romana* (a negro) e das estruturas campaniformes identificadas, a traço fino (levantamento de José António de Oliveira); em cima, à direita: distribuição absoluta dos materiais cerâmicos campaniformes pela área escavada (sempre que a referência correspondia à área ocupada por dois ou três quadrados, contabilizou-se, respectivamente 0,5 e 0,3 por cada ocorrência registada nessas condições). Em baixo: vista geral da área arqueológica escavada (foto de Guilherme Cardoso).



**Fig. 3** – Freiria. Planta das estruturas campaniformes identificadas (levantamento dirigido e executado por Pedro Fialho de Sousa).

espaço tinha sido cortado, em parte, por uma das paredes de um armazém romano, subsistindo alguns vestígios, constituídos por fragmentos de cerâmicas e lascas de sílex, sobre o substrato rochoso, no interior do referido compartimento romano, e estruturas campaniformes do lado exterior norte.

Aparentemente, a cabana seria de planta circular, delimitada por blocos de calcário irregulares, e havia no seu espaço interno uma grande lareira, a Lareira 2, ladeada por outras duas mais pequenas.

Abundantes fragmentos de cerâmica decorada, lascas de sílex, um botão de osso e restos de fauna revelaram uma ocupação de carácter habitacional compatível com a presença de uma pequena comunidade agro-pastoril ali residente. As lascas de sílex demonstram que ali se desenvolvera alguma actividade de talhe; as cerâmicas e os ossos, no meio dos cinzeiros, comprovam que naquele espaço se cozinhava e depois se lançavam os ossos ao fogo, para o alimentar. O assinalável interesse desta estrutura reside na raridade, para a época em causa, apesar de em parte já se encontrar destruída.

estava preenchida por terra, que continha cerâmicas pré-históricas, ladeando os muros mais antigos em contacto com as bancadas de calcário do substrato geológico.

Devido à destruição sofrida, este sector da escavação, embora inteiramente sondado, só revelou restos de muros construídos com pequenos blocos de calcário rústico e, um pouco afastados para nascente, os restos de uma pequena fogueira (Lareira 1), de planta curvilínea, estruturada por pequenas pedras de cutelo que a circundavam. No interior do cinzeiro e à sua volta, fragmentos de cerâmica decorada e lisa. De realçar que o fundo da Lareira 1 se encontrava assente na bancada calcária e que, a cerca de dois metros de distância, para oriente, este fora rebaixado cerca de um metro, na Idade do Ferro, para a construção de uma fossa, onde apenas se recolheu uma faca de sílex no lado sul, junto à base, certamente devido a escorregamento de terras posteriormente ao seu abandono (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013).

**Cabana campaniforme** – na zona meridional do mesmo sector apareceram, nos últimos anos das escavações arqueológicas, os restos de uma cabana com abundantes cerâmicas campaniformes. O

**Termas Norte e Lagar Norte** – nesta área, os materiais do período campaniforme encontravam-se no interior das fendas das lajes calcárias do substrato geológico. Os romanos nivelaram toda aquela zona, aquando da construção das referidas estruturas, não deixando vestígios de paredes ou de outras estruturas anteriores à sua ocupação.

### 3 – MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

Os espólios arqueológicos recuperados são diversificados, incluindo produções de pedra lascada, de pedra polida, cerâmicas lisas, decoradas e industriais, de indumentária (botões campaniformes), objectos utilitários metálicos e um fragmento de ídolo cilíndrico de calcário, comprovando que tais peças eram ainda produzidas em contextos campaniformes.

Neste trabalho estudam-se apenas os artefactos conotados com a ocupação campaniforme, os quais correspondem à quase totalidade do espólio recolhido. Com efeito, identificaram-se escassos indícios compatíveis com o Neolítico Antigo evolucionado, atribuíveis aos finais do VI milénio a.C., evidenciados especialmente pelas produções cerâmicas, totalizando 11 exemplares. Da mesma forma, um testemunho, ainda mais ténue, do Neolítico Final é indicado pela presença de 3 fragmentos de bordos denteados (Fig. 40, n.º 11, 15 e 25), todos recolhidos em 2002, talvez em resultado de alguma bolsada dessa época, então atingida pela escavação. Esta realidade contrasta com as cerca de cinco centenas de cerâmicas decoradas campaniformes, recolhidas na mesma área, pelo que a probabilidade de alguns exemplares líticos ou metálicos, ou ainda de recipientes lisos, poderem pertencer a épocas anteriores, como as referidas, é residual.



**Fig. 4** – Freiria. Área com estruturas campaniformes. Em primeiro plano, a Lareira 1 (foto de Guilherme Cardoso).



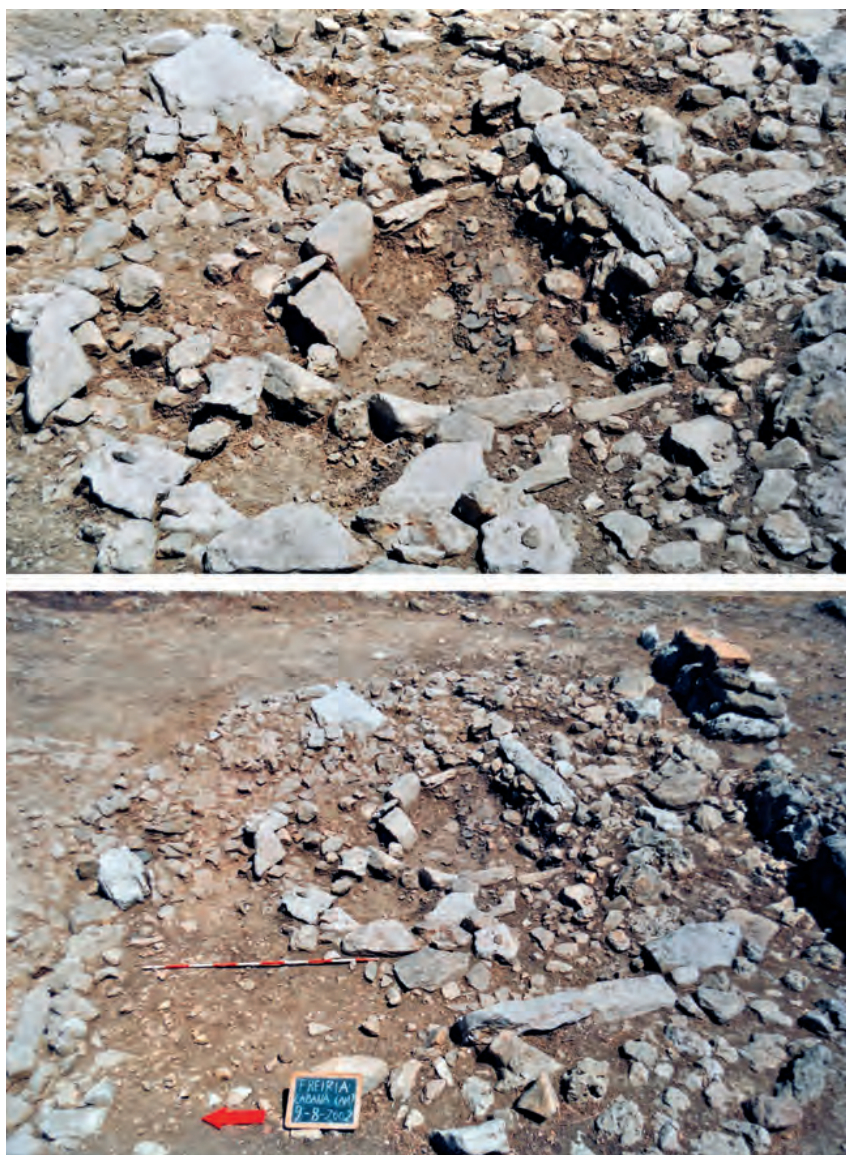
### 3.1 - Distribuição espacial

A Fig. 2, à direita apresenta a distribuição espacial dos fragmentos cerâmicos recolhidos. Torna-se evidente que a larga maioria dos fragmentos provém de concentração associada à implantação da Cabana, aspecto já verificado em Leceia, aquando da escavação das Cabanas EN e FM (CARDOSO, 1997/1998). No interior de uma das lareiras (Lareira 2) nela existentes, recolheu-se assinalável quantidade de tais fragmentos, utilizados possivelmente como embasamento da área de combustão, dado que o material cerâmico, além de termo-resistente é bom conservador do calor (Fig. 5, em cima).

Um outro núcleo, menos importante, de cerâmicas campaniformes, foi identificado na área entre o tanque e as Termas Norte, assinalada na Fig. 2, à esquerda, embora aí não se tenham detectado estruturas da mesma época, por certo devido à destruição sofrida aquando da construções romanas. Como se disse, subsistia apenas restos de um estrato arqueológico, conservado imediatamente sobre o substrato geológico e preenchendo, em parte, as suas anfractuosidades.

### 3.2 - Pedra lascada

Nas Figs. 8 e 9 apresenta-se o conjunto da utensilagem de pedra lascada recolhida. Trata-se exclusivamente de artefactos de sílex, de origem provável nos calcários cretácicos recifais da região (Cenomaniano superior), onde ocorrem nódulos ou massas tabulares de sílex cinzento ou acastanhado, outras vezes anegrado, colorações dominantes na colecção em estudo.



**Fig. 5** - Freiria. Em cima: a Lareira 2, com duas outras estruturas de combustão geminadas, no interior da qual se recolheu elevado número de fragmentos campaniformes. Em baixo: a Cabana de planta sub-circular, parcialmente conservada, observando-se no seu interior a Lareira 2 (fotos de Guilherme Cardoso).

Trata-se de indústrias que integram maioritariamente lamelas e lâminas retocadas ou não. Registaram-se, entre estas últimas, algumas com “lustre de cereal” num dos bordos maiores, indiciando a sua utilização como elementos de foice (Fig. 8, n.º 24, 25, 27 e 30). Estes artefactos diferenciam-se dos conhecidos elementos bifaciais calcolíticos, tão abundantes em Leceia (CARDOSO & MARTINS, 2013), mas aqui não representados (salvo um exemplar recolhido à superfície, junto à ribeira de Freiria (Fig. 9, n.º17), revelando-se deste modo assinalável distinção face às colecções calcolíticas coevas e da mesma região, mas não campaniformes. Um exemplar de talhe bifacial, de contorno sub-elipsoidal, não pode ser confundido com as ditas peças para o corte de cereais, por possuir retoques semi-abruptos ao longo de ambos os bordos laterais, transformando-o em raspador duplo convexo (Fig. 9, n.º 18). Outros raspadores ostentam, tal como esta peça, cuidados retoques contínuos ao longo de um dos bordos maiores (Fig. 9, n.º 7 e 10).

O talhe local, pelo menos de alguns destes produtos alongados, está documentado pela recolha de vários núcleos prismáticos (Fig. 9, n.º 11 a 15), bem como pela ocorrência de alguns produtos de debitagem, utilizados tal qual, ostentando apenas indícios de utilização ao longo dos bordos (Fig. 9, n.º 1).

Identificaram-se alguns furadores alongados de contorno sub-triangular, mais ou menos espessos (Fig. 8, n.º 34 a 36).

As raspadeiras são abundantes, relativamente às restantes produções (Fig. 9, n.º 2 a 6, 8 e 9) e parecem constituir um aspecto característico da utensilagem de algumas estações campaniformes.

As possibilidades de comparação deste conjunto são muito limitadas, devido à escassez de publicações de espólios comparáveis oriundos de sítios habitacionais, já que os contextos funerários se afiguram desinteressantes para este exercício. Os resultados obtidos no sítio campaniforme de Getafe, Madrid, com quase exclusividade de indústrias laminares, nalguns casos com os bordos denticulados, para utilização como



**Fig. 6** – Freiria. Materiais cerâmicos campaniformes esmagados *in situ* (fotos de Guilherme Cardoso).



Fig. 7 – Freiria. Selecção de alguns espólios arqueológicos. 1 – botão de osso em forma de calote esférica/cónica, com perfuração em V na face ventral; 2 – botão de osso, de tipo tartaruga, de forma antropomórfica, desprovido de perfurações; 3 – braçal de arqueiro fracturado e com tentativa de reutilização; 4 a 6 – fragmentos de cerâmicas campaniformes incisas com decorações simbólicas, representado cervideo (5), ou as suas armações (4 e 6); 7 a 9 – fragmentos de cerâmicas campaniformes com preenchimento de pasta branca; 10 – fragmento de cilindro de calcário reutilizado; 11 – martelo de anfíbolito, com a superfície de trabalho totalmente polida (fotos de J. L. Cardoso).

elementos de foices, furadores, e raspadeiras (BAENA PREYSLER *et al.*, 1994) assinaláveis semelhanças com os de Freiria.

### 3.3 – Pedra polida

Todo o instrumental de pedra polida é executado em anfiboloxistos, denotando um aprovisionamento regular desta matéria-prima, cuja preferência era justificada pela sua dureza e tenacidade.

Sempre que foi possível identificar a utilização primária das peças, esta corresponde a machados (Fig. 10, n.º 1, 2 e 5). Porém, a maioria apresenta os gumes fortemente embotados pela sua reutilização como percutores, o que parece ser um indício de uma relativa abundância desta matéria-prima, já que, com idênticos resultados, se poderiam utilizar seixos rolados de quartzito, mantendo-se operacionais os artefactos por polimentos recorrentes dos gumes. Estão nesta situação a maioria dos exemplares recolhidos (Fig. 10, n.º 4, 6, 7 e 8). Um exemplar, correspondente à parte anterior da peça, ostenta polimento muito expedito, conservando a superfície de formação do lingote original (Fig. 10, n.º 10).

Merecem destaque dois exemplares, cujo gume se encontra substituído por uma superfície polida, do tipo brunidor. Já em trabalhos anteriores se discutiu a utilização destes exemplares, cuja utilização proposta seria a de martelos para o trabalho dos metais, pelo que se dispensa a apresentação, de novo, da referida discussão (CARDOSO, 1999/2000, p. 243; CARDOSO & CANINAS, 2010, p. 86). Os dois exemplares desta colecção (Fig. 7, n.º Fig. 10, n.º 3 e 9), são os que possuem as superfícies terminais mais extensas, substituindo os gumes, ostentando polimento semelhante à das restantes faces dos artefactos e aproximam-se singularmente, por essas características, dos martelos de contextos campaniformes destinados ao trabalho do metal, recolhidos na Holanda e na Grã-Bretanha (HARRISON, 1980, Fig. 13, 14 e 69).

Do ponto de vista tipológico, tanto estas peças, que poderemos continuar a designar como brunidores ou martelos transversais, como as restantes, ostentam superfícies em geral completamente polidas e secções transversais sub-retangulares, conferindo-lhes características tipológicas evoluídas dentro das produções calcolíticas, o que está de acordo com a idade da estação.

### 3.4 – Produções cerâmicas

#### *Cerâmicas lisas (Fig. 12 a 14)*

O facto de se estar perante uma única ocupação pré-histórica, do final do Calcolítico, fornecia a garantia de que as produções cerâmicas lisas recuperadas, num total de 368 formas, identificadas a partir dos perfis dos bordos dos recipientes, eram coevas das produções decoradas campaniformes, possibilitando assim um estudo circunstanciado das chamadas “cerâmicas de acompanhamento”. Um primeiro trabalho dedicado a este tema, com base nos espólios recolhidos em Leião, onde, tal como na Freiria, se associavam exclusivamente cerâmicas decoradas campaniformes a produções lisas, foi já publicado (CARDOSO, 2010/2011 a). Os trabalhos sistemáticos sobre cerâmicas lisas de contextos habitacionais onde ocorrem vasos campaniformes associados a produções decoradas regionais, do grupo “folha de acácia”, como é o caso de Penha Verde (CARDOSO, 2010/2011 b), Outeiro Redondo (CARDOSO, 2013 a) e Moita da Ladra (CARDOSO & CANINAS, 2010), permitirão suportar futuro trabalho de síntese, em curso, e evidenciar eventuais distinções entre a tipologia dos recipientes lisos identificados em sítios campaniformes “puros” de características abertas, face aos sítios fortificados de altura, onde as produções cam-

paniformes decoradas se mesclaram com outras. De momento, importa, simplesmente, caracterizar as produções lisas de acordo com a classificação empírica efectuada.

A Fig. 11 ilustra os 8 tipos de recipientes identificados. O mais comum corresponde às taças em calote ((214 em 368 ex.), cuja distribuição métrica, no concernente ao diâmetro da boca, vai um mínimo de 7 cm a um máximo de 40 cm, com os valores mais frequentes entre os 18 e os 24 cm. Na ausência de pratos, cabia a este tipo de recipientes uma função essencialmente relacionada com o consumo de alimentos, correspondendo os de menores dimensões a outras utilizações desconhecidas.

Os esféricos são segundo grupo de recipientes mais comuns (75 em 368 ex.). O diâmetro da abertura varia entre 8 cm e 26cm, correspondendo os primeiros a pequenos potes para a conservação de produtos, por certo não alimentares, e os maiores à confecção e sobretudo ao armazenamento destes últimos, incluindo líquidos. Tal como o grupo anterior, os exemplares mais frequentes correspondem aos situados na parte média da distribuição, com um máximo entre os 14 e 16 cm de abertura (19 ex.).

As duas formas seguintes, respectivamente com 50 ex. e com 9 ex. (em 368 ex.), correspondem a produções campaniformes lisas, representadas por caçoilas e por taças Palmela. Estas produções acompanham as equivalentes decoradas, corporizando que umas e outras seriam utilizadas nas práticas quotidianas comensais desta comunidade.

As caçoilas evidenciam tamanhos de abertura dominantes entre os 14 cm e os 22 cm, sendo residuais os diâmetros superiores, que atingem 36 cm. Estes recipientes, mormente os de menores dimensões, que, como se viu, são dominantes (30 ex. em 50 possuem diâmetros de abertura inferiores a 22 cm), destinar-se-iam essencialmente para beber, podendo os de maiores dimensões ser utilizados quer para a conservação de líquidos, quer para a confecção de alimentos, à semelhança dos esféricos de maiores dimensões.

O grupo dos grandes recipientes de paredes verticais, pobremente representado (8 em 368 ex.), com evidentes afinidades ao das caçoilas, seria, tal como estes, destinado essencialmente para beber, culminando uma linhagem de produções cuja importância máxima se verificou no Calcolítico Inicial da Estremadura.

Os restantes grupos de recipientes – vasos de bordo espessado, abertos e fechados, e vasos de bordo em aba, de inclinação variável – encontram-se representados por número residual de exemplares, respectivamente 6, 4 e 2 ex., em 368 ex. Trata-se de formas que estão bem representadas em Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1983/1984), encontrando-se as suas raízes no Neolítico Final da região, especialmente os vasos de bordo em aba, que então se mostram frequentemente decorados por denteados (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996). Tais recipientes teriam fins múltiplos, servindo os de maiores dimensões como alguidares.

### *Cerâmicas decoradas*

A totalidade das cerâmicas decoradas apresenta-se nas Figs. 15 a 40. om base na análise das mesmas, foi possível apresentar a seguinte distribuição, com base na análise cruzada de formas, por um lado, e de técnicas e padrões decorativos, por outro:

- Grandes caçoilas incisadas – 98
- Grandes caçoilas a pontilhado – 5
- Taças em calote incisadas – 60
- Taças em calote a pontilhado – 8
- Caçoilas incisadas – 136
- Caçoilas a pontilhado – 30
- Taças Palmela incisadas – 34

Taças Palmela a pontilhado – 6  
 Vasos campaniformes marítimos a pontilhado – 8  
 Vasos campaniformes marítimos incisos – 21  
 Vasos campaniformes lineares pontilhados – 3  
 Vasos campaniformes lineares incisos – 2  
 Esféricos simples incisos – 10  
 Esféricos altos incisos – 7  
 Garrafas incisas – 1  
 Vasos de corpo vertical incisos – 3  
 Vasos com decoração incisa do lado interno – 1  
 Fragmentos inclassificáveis com decoração incisa – 56  
 Fragmentos inclassificáveis com decoração a pontilhado – 7

A análise destes resultados, a par da observação das respectivas representações gráficas, permite as seguintes observações:

1 – assinalável homogeneidade interna do conjunto, sendo largamente dominado pelas decorações incisas.

2 – Nos vasos marítimos, são excepcionais os clássicos AOO decorados a pontilhado (Fig. 33, n.º 14; Fig. 37, n.º 14), reproduzindo os motivos de bandas produzidos por pontilhado, comuns em outros contextos. Verifica-se que as bandas horizontais são em geral mais estreitas do que nos vasos marítimos clássicos AOO, e que os preenchimentos internos de segmentos oblíquos se fazem usualmente sempre para o mesmo lado, e não, como naqueles, alternadamente para os dois lados, como é exemplificado pelos fragmentos da Fig. 16, n.º 15; Fig. 19, n.º 11; Fig. 33, n.º 3. No entanto, existem fragmentos em que tal se observa (Fig. 31, n.º 25; Fig. 34, n.º 7; Fig. 40, n.º 21). Por outro lado, existem vasos campaniformes incisos em que o preenchimento interior das bandas é feito por traços verticais, formando bandas duplas (Fig. 16, n.º 7).

Linhas incisas, por vezes profundamente gravadas no bojo de vasos campaniformes (Fig. 17, n.º 14), serão equivalentes à clássica decoração linear pontilhada, também presente (Fig. 29, n.º 20; Fig. 30, n.º 1; Fig. 31, n.º 8). Mas, em geral, tais linhas associam-se a motivos geométricos mais complexos, podendo coexistir num mesmo exemplar com bandas preenchidas interiormente e zigue-zagues horizontais formando bandas (Fig. 32, n.º 11)

Variante interessante é a que se representa na Fig. 23, n.º 22, em que as bandas incisas horizontais alternam com faixas de linhas incisas interrompidas, aparentemente produzidas a pente, ou ainda a que é representada pelo fragmento da Fig. 28, n.º 1, em que feixes horizontais de linhas incisas alternam com espinhados simples lembrando o padrão decorativo da “folha de acácia”, podendo, tal como aquele, os pequenos folículos terem sido produzido com uma matriz, por impressão.

Tradicionalmente, tanto pelo formato, como pelas dimensões, aos vasos campaniformes têm sido associados ao consumo de líquidos.

3 – Identificaram-se formas intermediárias que se aproximam dos vasos de paredes verticais (copos), característicos do Calcolítico Inicial. A existência de formas de transição entre ambos os tipos de recipientes já tinha sido identificada por J. L. Gonçalves, com base no espólio de uma das grutas artificiais da Quinta das Lapas, Torres Novas (GONÇALVES, 1992), que se veio juntar a outros exemplares do dólmen da Pedra Branca, Montum, a outro de uma das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (CARDOSO, 2004 a, Fig. 87). Mais recentemente, essa realidade foi valorizada, no sentido de admitir uma continuidade no espaço e tempo entre ambas as produções (AMARO, 2010/2011). Os 5 exemplares de Freiria (Fig. 23, n.º 24; Fig. 35, n.º 5; Fig. 34, n.º 3; Fig. 37, n.º 1; Fig. 21, n.º 1) são mais um elemento a favor, não de uma filiação directa em protótipos do Calcolítico Inicial, que embo-

ra possível, se encontra por demonstrar, mas talvez mais de uma convergência formal em consequência de idêntica utilização (vasos para beber). Aliás, tais recipientes de paredes verticais, conquanto em geral mais grosseiros que os seus antecedentes do Calcolítico Inicial, estão também presentes na mesma região no Calcolítico Pleno/Final, com decorações em “folha de acácia”, como evidenciam exemplares de Leceia (CARDOSO, 2007). Assim, tal como os vasos campaniformes, estes recipientes teriam, até por maioria de razões, o mesmo tipo de funções.

4 – As caçoilas são os recipientes dominantes em Freiria. Trata-se de recipientes de perfil mais marcado que os vasos campaniformes, dividindo-se os exemplares em dois grupos essenciais: as de grandes dimensões, decoradas por linhas incisivas de traço largo, formando decorações geométricas muito simples, contrastando com as decorações miúdas, pesadas e fortemente geometrizadas, presentes nos exemplares de menores dimensões, ostentando idênticos padrões decorativos de alguns vasos campaniformes.

Identificaram-se exemplares de perfil suave, entre os quais se registam os seguintes: (Fig. 17, n.º 5 e 7; Fig. 19, n.º 13; Fig. 20, n.º 4; Fig. 23, n.º 18 e 23; Fig. 25, n.º 1, 10, 12 e 27;; Fig. 27, n.º 11 e 19; Fig. 28, n.º 7; Fig. 29, n.º 1 e 4; Fig. 31, n.º 2, 16 e 19; Fig. 35, n.º 1, 2, 9 e 14). Ocorrem também caçoilas de ombro com goteira mais ou menos marcada (Fig. 16, n.º 21; Fig. 20, n.º 2; Fig. 22, n.º 19; Fig. 23, n.º 14; Fig. 24, n.º 12; Fig. 32, n.º 12; Fig. 36, n.º 7 e 16), e carenados, representados apenas por um exemplar (Fig. 18, n.º 6). Facilmente se verifica que os exemplares das duas primeiras categorias se encontram representados por uma grande diversidade de tamanhos, enquanto à última categoria pertence apenas um exemplar de tamanho médio.

Assinala-se na pequena caçoila com decoração pontilhada, que tem em exemplar da *tholos* da Tituaria, Mafra, paralelo próximo (CARDOSO *et. al.*, 1996, Fig. 55, n.º 1)

O assinalável número dos exemplares de grandes dimensões parece representar as necessidades de armazenamento de produtos agro-pastoris, incluindo cereais, enquanto as de menores dimensões se destinariam essencialmente para beber, tal como os seus congêneres lisos.

5 – Os esféricos, invariavelmente decorados pela técnica incisa, constituem um importante grupo de recipientes, apesar de serem muito pouco conhecidos na panóplia campaniforme. Em Espanha, são característicos da designada “Cultura de Salamá”, Catalunha, que derivou a sua designação da gruta epónima, a “Cova fonda de Salamó”, em que os vasos esféricos possuem colo apertado de paredes abertas, com equivalente também em outras estações francesas (HARRISON, 1986, p. 130). Incluíram-se nesta categoria dois grupos morfológicos distintos, os esféricos simples, possuindo por vezes o bordo levemente espessado e o lábio aplanado; e os esféricos altos, diferenciando-se daqueles por possuírem colo mais ou menos pronunciado, de paredes divergentes. Nos primeiros integram-se os exemplares da Fig. 15, n.º 13; Fig. 19, n.º 1; Fig. 21, n.º 8; Fig. 23, n.º 6 e 10; Fig. 25, n.º 11; Fig. 40, n.º 23), entre os quais existem 3 exemplares com o lábio decorado, à maneira das taças Palmela (Fig. 22, n.º 18; Fig. 32, n.º 9 e Fig. 39, n.º 8). Têm paralelo em diversos sítios de carácter habitacional da região, como a gruta da Ponte da Laje, Oeiras (CARDOSO, 2013 b). A este propósito, verifica-se que nalgumas taças Palmela, de bojo reentrante, podem ser consideradas como formas intermédias a estas, como ilustram alguns exemplares recolhidos no sítio aberto do Casal dos Pianos, Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996, Fig. 8, n.º 3 e 4, uma decorada pela técnica incisa, a outra a pontilhado).

Ao segundo grupo, pertencem os fragmentos das Fig. 17, n.º 6; Fig. 19, n.º 12; Fig. 20, n.º 8; Fig. 27, n.º 6 e 11; Fig. 33, n.º 5; Fig. 40, n.º 9. Esta forma tem sido assimilada às garrafas; porém, existem critérios de diferenciação entre ambas, adoptados neste trabalho: assim, a esta última forma devem ser adstritos apenas os exemplares que possuem um colo vertical, de paredes cilíndricas acima do bojo, enquanto aos esféricos altos serão adstritos os exemplares cujo perfil acima do colo exhibe paredes divergentes.

O. da Veiga Ferreira e M. Leitão englobaram num único grupo, designado por “garrafas”, tanto os exemplares de colo vertical, como os de colo aberto (FERREIRA & LEITÃO, 1981, p. 208, 209).

Como exemplares indeterminados, podendo pertencer a esféricos altos ou garrafas, ou ainda a caçoilas de bojo esferoidal, características das produções de Ciempozuelos, contabilizaram-se os exemplares da Fig. 29, n.º 10; Fig. 32, n.º 10 e 12; Fig. 37, n.º 8; Fig. 39, n.º 19, por não possuírem um desenvolvimento suficiente da parte superior do colo susceptível de determinar a sua inclinação, sendo mais provável que pertençam a esféricos altos, dada a extrema raridade de garrafas comparativamente àqueles.

Apenas dois exemplares atribuíveis a garrafas ou esféricos altos, um oriundo da Casa 1 do povoado da Penha Verde (CARDOSO, 2010/2011 b, Fig. 22, n.º 15), o outro do povoado de Moita da Ladra (CARDOSO & CANINAS, 2010, Fig. 26, n.º 35), são decorados a pontilhado, configurando evidentes semelhanças, tanto pela técnica, como pela decoração (triângulos invertidos na parte do bojo imediatamente abaixo do ombro), com os exemplares catalães, como o de Arboli, reproduzido por R. Harrison.

Seja como for, trata-se de um grupo importante de exemplares de forma que, conjuntamente com as garrafas que, tardiamente e sempre de forma residual, vem sendo identificadas em estações portuguesas (um inventário dos exemplares conhecidos até 1981, designados invariavelmente, identificou apenas 7 exemplares (FERREIRA & LEITÃO, 1981, p. 208, 209).

6 – As garrafas, definidas segundo o critério acima exposto, encontram-se representadas apenas por um exemplar inciso (Fig. 26, n.º 9), com escassos paralelos na Baixa Estremadura, de que se destaca o primeiro exemplar dado a conhecer, integralmente reconstituído, oriundo da gruta da Cova da Moura, Torres Vedras (TRINDADE & FERREIRA, 1971). Mais recentemente, foram publicados fragmentos de exemplares comparáveis, um deles do pequeno núcleo habitado do Monte do Castelo, Oeiras (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996, Fig. 6, n.º 1), dois outros da Cabana EN de Leceia (CARDOSO, 1997/1998, Fig. 50, n.º 6 e 11), todos decorados pela técnica incisa.

7 – As taças Palmela representam um conjunto muito interessante e variado, estando as decoradas pela técnica do pontilhado, que corporizariam um dos três grupos tradicionais da Estremadura, o “Grupo de Palmela”, segundo a classificação há muito apresentada (SOARES & SILVA, 1974/1977) claramente subordinadas às suas homólogas incisadas.

A principal característica que estes recipientes exibem – o lábio, largo e aplanado, decorado ou não decorado – conduz à inclusão de exemplares que, na verdade, possuem morfologias muito distintas. Com efeito, o lábio pode ser inclinado para o exterior (Fig. 15, n.º 6), horizontal (Fig. 16, n.º 6 e 20) ou, ainda, inclinado para o interior (Fig. 22, n.º 23), embora os segundos sejam de longe os mais abundantes. Existem ainda casos que se podem considerar híbridos, como o exemplar da Fig. 37, n.º 2, morfologicamente uma taça de carena alta, da qual a parte do bojo superior à carena se encontra preenchida por linhas incisadas, aproximando-se assim das taças Palmela de lábio decorado inclinado para o exterior. O exemplar mais próximo que se compulsou provém de El Acebuchal (Sevilha), e corresponde a um prato cujo lábio, aplanado para o exterior, se apresenta decorado, tal como este exemplar (HARRISON, BUBNER & HIBBS, 1976, n.º 245).

8 – Os vasos de corpo vertical incisados, sendo residuais, exibem particularidades dignas de realce, como o exemplar da Fig. 24, n.º 11, com bordo decorado amaneira das Taças Palmela, embora tenha perfil distinto destas

9 – As taças em calote decoradas apesar de muito abundantes, não assumem a dominância verificada no conjunto dos recipientes lisos. Os motivos, na larga maioria dos casos, produzidos pela técnica incisa, reproduzem sequências já observadas nas caçoilas de pequenas dimensões, devendo, pela sua finura, ter sido produzidos com uma ponta metálica. Estes recipientes podem associar-se essencialmente ao consumo de bebidas, embora não se deva excluir outras utilizações. Na sua quase totalidade, são exemplares de bordo simples, embora num exemplar



a sua espessura tenha permitido a existência de um lábio plano, decorado a pontilhado, amaneira das taças Palmela (Fig. 34, n.º 4).

10 – Técnicas decorativas: deste ponto de vista, embora a técnica incisa seja largamente dominante, identificaram-se exemplares em que as duas técnicas ocorrem, sublinhando a simbiose que desde o início das produções campaniformes se verificou entre ambas (CARDOSO, 2014). Com efeito, os exemplares adiante indicados confirmam a utilização conjunta de decorações incisas e pontilhadas, em taças Palmela (Fig. 15, n.º 6); em esféricos altos (Fig. 27, n.º 6; Fig. 40, n.º 4); em taças em calote (Fig. 29, n.º 9; Fig. 30, n.º 16; Fig. 31, n.º 24; Fig. 40, n.º 19); em vasos campaniformes com decoração dominante linear pontilhada (Fig. 30, n.º 1), e em caçoilas (Fig. 37, n.º 17 e 18).

Nalguns casos, torna-se difícil assegurar a existência de linhas incisas, a par da decoração a pontilhado, pelo facto de uma impressão mais profunda do pente, na pasta mole, produzir o efeito de uma linha incisa.

Por outro lado, a coexistência de decorações incisas e impressas, revela-se frequentemente pela existência, de linhas quebradas horizontais, produzidas por impressão, em decorações predominantemente incisas, tal como se observa em esféricos altos ou caçoilas de bojo esférico (Fig. 17, n.º 7; Fig. 27, n.º 1), em vasos campaniformes com decorações predominantemente incisas (Fig. 31, n.º 2; Fig. 32, n.º 11; Fig. 35, n.º 2; Fig. 38, n.º 10); estes padrões de linhas quebradas horizontais produzidos por impressão, mais do que por incisão, é um dos mais frequentes nas produções de Ciempozuelos, tal como as decorações pseudo-excisas, que, sendo residuais, e feitas de forma muito expedita, parecem reforçar tais influências, como se observa num exemplar indeterminado (Fig. 33, n.º 17) e numa taça Palmela (Fig. 36, n.º 10). Aliás, as influências da Meseta, expressam-se também pela ocorrência de caçoilas de bojo esferoidal do tipo Ciempozuelos, e, de forma muito mais clara, embora de natureza excepcional, pela existência de um vaso com decoração do lado interno, de linhas quebradas horizontais (Fig. 24, n.º 17). É interessante assinalar que em Portugal, este tipo de produções já anteriormente havia sido identificado em diversas estações, de tipo habitacional e funerário do Alto Alentejo (CARDOSO & NORTON, 2004), sendo provavelmente essa a via que explica o presente exemplar de Freiria. Em resumo, tanto as técnicas decorativas (decorações pseudo-excisas), como a tipologia de alguns exemplares (caçoilas de bojo esferoidal) e a existência de decorações do lado interno do bordo, parecem conformar-se com uma ligação, ainda que longínqua, ao interior peninsular.

A coexistência da técnica incisa com a pontilhada ou da técnica impressa com a incisa num mesmo exemplar, foi já discutida em trabalho anterior, dedicado ao conjunto campaniforme de Leião, o qual apresenta muitas semelhanças com este (CARDOSO, 2010/2011 a), pelo que se remete o leitor para as considerações e comparações ali apresentadas.

11 – Representações simbólicas de cervídeos. Tanto na Meseta (OBERMAIER, 1917), como na Andaluzia (HARRISON, BUBNER & HIBBS, 1976, n.º 248) são conhecidas representações simbólicas de cervídeos em cerâmicas campaniformes, cuja ocorrência ultrapassa o território peninsular.

Em Freiria, tais representações apresentam-se de forma estilizada, como é habitual, reproduzindo figura padronizada onde as armações, ramificadas, ocupam lugar destacado (Fig. 7, n.º 5; Fig. 37, n.º 5). Em dois vasos, apenas as armações se encontram representadas, repetidamente, a toda a volta do bordo da caçoila (Fig. 7, n.º 4 e 6; Fig. 37, n.º 12; Fig. 40, n.º 5), repetindo-se neste último exemplar a mesma representação em pelo menos uma segunda faixa, situada no junto da inflexão do bojo da caçoila. A valorização das armações desta espécie, que era, naturalmente, o que mais importava, têm equivalentes em recipientes renanos, como o reproduzido por H. Obermaier (*op. cit.*, Fig. 18).

Em trabalho anterior, inventariaram-se os exemplares recolhidos em Portugal, bem como se discutiu a simbologia associada a estas representações, a propósito de uma taça Palmela recolhida na *tholos* da Tituarria (CARDOSO,

SO *et al.*, 1996), a que se poderá, com reservas, somar mais uma ocorrência, recolhida no casal agrícola de Leião (CARDOSO, 2010/2011 a). Mais recentemente, o significado desta temática foi abordada a propósito de um vaso Ciempozuelos recolhido em Almenara de Adaja, Valladolid (DELIBES de CASTRO & GUERRA DOCE, 2004).

12 – Preenchimento de pasta branca (Fig. 15, n.º 12; Fig. 20, n.º 3; Fig. 22, n.º 3 e 16; Fig. 25, n.º 3 e 15; Fig. 29, n.º 13; Fig. 31, n.º 9; Fig. 33, n.º 17; Fig. 39, n.º 11; Fig. 40, n.º 13). Escassos exemplares ostentam as decorações preenchidas por pasta branca, com a intenção de acentuar o efeito visual daquelas, por contraste cromático produzido com a coloração, muito mais escura, dos próprios recipientes. Esta evidência foi, até época recente, considerada de forma duvidosa, já que, em ambientes ricos de carbonato de cálcio, este podia precipitar sobre as superfícies dos exemplares, criando concreções que se manteriam, depois de lavagem, nas reentrâncias produzidas pelas decorações. No caso das peças de Freiria, observaram-se depósitos endurecidos de coloração castanho-clara, que nada têm a ver com as partículas brancas observadas e que, por conseguinte, só podem derivar de antigos preenchimentos intencionais. Trabalho recente veio a demonstrar que a composição química de tais preenchimentos produzidos em vasos campaniformes, invariavelmente brancos, variavam consoante a área geográfica considerada. Assim, na Galiza, foi utilizado uma massa constituída por talco, enquanto que na região da Meseta (campaniformes de tipo Ciempozuelos) e na região do Guadalquivir (campaniformes de tipo El Acebuchal), foi utilizado carbonato de cálcio; enfim, na região do sudoeste peninsular, incluindo alguns exemplares portugueses, do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) e da Lapa do Bugio (Sesimbra), recorreu-se ao osso moído (ODRIZOLA *et al.*, 2012). Conforme sublinham estes autores, embora o resultado final fosse idêntico, as tecnologias de produção eram muito distintas, pois, enquanto que a utilização de uma pasta de carbonato de cálcio teria de ser aplicada forçosamente depois da cozedura dos recipientes, já a utilização de uma massa óssea moída antecederia o cozimento dos mesmos. Estas diferenças explicam-se por tradições culturais distintas, inerentes aos oleiros que laboravam em cada uma das regiões consideradas.

O facto de, em Freiria, todos os exemplares corresponderem a decorações incisas, de provável fabrico local, é indicio de que poderão corresponder a preenchimentos de pasta branca produzida essencialmente à base de osso, conforme os resultados anteriormente apresentados; contudo, só análises a realizar oportunamente poderão confirmar esta eventualidade

13 – Enfim, as características das produções campaniformes decoradas de Freiria, bem como as oriundas de outros sítios abertos – onde dominam largamente os recipientes com decorações incisas e são abundantes as grandes caçoilas de armazenamento – contrastam com a raridade de vasos finos decorados a pontilhado, como são os vasos marítimos e outras produções de igual qualidade a eles usualmente associadas de estilo geométrico, abundantes, por seu turno, nos sítios fortificados de altura, apesar de ambos os tipos de implantação serem sincrónicos, como foi comprovado por programa sistemático de datações absolutas recentemente levado a cabo (CARDOSO, 2014). Tal dicotomia, tem do presente as características das produções dominantes em ambos os tipos de contextos, justifica a conclusão de que os sítios de altura eram, à época, essencialmente ocupados pelo segmento emergente dominante da sociedade campaniforme, enquanto os casais agrícolas, de natureza familiar circunscrita, eram ocupados por pequenas comunidades agro-pastoris, explorando intensa e extensamente os férteis terrenos adjacentes.

### *Cerâmicas industriais*

Fragmento de cincho (Fig. 22, n.º 12). Pequeno fragmento de paredes perfuradas, idêntico aos exemplares recolhidos em contextos coevos de sítios fortificados, como Leceia, Oeiras, onde são relativamente abundantes (CARDOSO, 2007), ou a quase ausência na Penha Verde, Sintra, com um exemplar (CARDOSO, 2010/2011 b),

em Moita da Ladra, Vila Franca de Xira, também apenas com um exemplar (CARDOSO & CANINAS, 2010) e no Outeiro Redondo (CARDOSO, 2013 a), com dois exemplares. A escassez de tais elementos configura situação em que a transformação do leite em diversos produtos secundários não era usual na maioria dos sítios fortificados da Baixa Estremadura. Em contextos campaniformes, são de referir os dois exemplares de Barrinhos, Oeiras (CARREIRA, CARDOSO & LOPES, 1996, Fig. 10, n. 6, 7), que configuram, como comprova o exemplar de Freiria a prática de produção de queijo por parte destas comunidades campaniformes.

Suporte de lareira (Fig. 27, n.º 4). Este exemplar possui a particularidade de apresentar a face anterior decorada por impressões punctiformes. A ocorrência de este exemplar em contexto habitacional – como todos os demais – reforça o seu carácter prático, relacionado com a utilização do fogo, servindo de suportes aos recipientes cujo conteúdo se pretendia aquecer. No caso presente, tal conclusão é reforçada pelo facto de o mesmo provir da área da Lareira 2, situada dentro da Cabana.

A discussão sobre a questão da funcionalidade deste tipo de produções cerâmicas é extensa, reportando-se agora apenas a última das publicações onde aquela é apresentada, a propósito de exemplares recolhidos no povoado fortificado do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2013 a).

### 3.5 – Instrumentos de osso

Foi recolhido um furador estreito e alongado, aproveitando sem alteração morfológica significativa, um metápode lateral de cavalo (*Equus caballus*). Trata-se de uma peça de assinalável raridade em contextos pré-históricos, dada a escassez da espécie nessa época, admitindo-se, por essa razão, que possa ser mais recente, da Idade do Ferro, ou mesmo romana (Fig. 41, n.º 1).

### 3.6 – Objectos de indumentária

Destaca-se a existência de dois botões, ambos de osso, de tipologia campaniforme característica. Um deles, apresenta a forma aproximada de calote esférica, com um traço profundo de um dos lados, aparentemente resultado de uma tentativa de serragem anterior, possuindo na face oposta dupla furação, de perfil arqueado (Fig. 7, n.º 1; Fig. 41, n.º 2). O segundo botão possui contorno igualmente característico, dito “em tartaruga”, com duplo apêndice de forma sub-trapezoidal, sendo executado sobre uma tábua óssea cuja fraca espessura não possibilitou a execução da dupla furação que frequentemente tais botões ostentam numa das faces, a ventral (Fig. 7, n.º 2; Fig. 41, n.º 3). Em alternativa, poderia apresentar uma única perfuração, que atravessaria a peça, como se observa em exemplar de espessura idêntica, de uma das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (ROCHE & FERREIRA, 1962, Fig. 1, n.º 4), ou mesmo duas perfurações convergentes, que atravessam toda a espessura da peça, à semelhança do único exemplar, também de formato dito antropomórfico recolhido no Zambujal, Torres Vedras (JIMÉNEZ GÓMEZ, 1995, Fig. 10, n.º 7). O exemplar de Freiria corresponde, pois, a uma variante rara no quadro dos botões de contorno em tartaruga. Neste caso, a fixação do botão ao vestuário, por forma a assegurar a sua função, não sendo possível através da dupla perfuração, seria efectuada através dos chanfros resultantes da junção do corpo principal da peça com os dois apêndices, que permitiriam a passagem das linhas que atariam o botão ao vestuário; em alternativa, poderia admitir-se tratar-se, simplesmente, de exemplar inacabado. Importa invocar a existência, em Leceia, de botão alongado de tipologia campaniforme, com apêndices, igualmente desprovido de furação (CARDOSO, 1997, p. 96), cuja funcionalidade poderia ser assegurada da mesma forma do botão de Freiria.

O referido trabalho os autores atribuem a estes botões a categoria de “botões de tipo antropomórfico”, diferenciando-os dos botões de tipo tartaruga, onde os apêndices se apresentam muito menos desenvolvidos. Tal foi também em parte a orientação seguida mais recentemente (USCATESCU, 1992), onde este tipo de botões é considerado variante dos botões de tipo tartaruga, fazendo-a coincidir com os botões de aspecto antropomórfico de J. Roche e O. da Veiga Ferreira, atribuindo-lhes o tipo XIV, que considera específico da foz do Tejo. Com efeito, os três exemplares que inventaria provêm da região Tejo/Sado, como, aliás, a quase totalidade dos botões de contorno em tartaruga, pois os 12 exemplares inventariados desta área geográfica contrastam com apenas os 5 identificados no restante território peninsular (*op. cit.*, Fig. 35).

Já no respeitante aos botões em forma de “casquete esférico” e cónicos, os quais, como se verifica no presente exemplar, nem sempre são de fácil separação, a sua distribuição peninsular é mais alargada (USCATESCU, 1992, Fig. 33).

A coexistência, numa estação habitacional, destes dois tipos de botões é situação singular, atendendo a que a larga maioria deles ocorre, como era de esperar, em contextos funerários, relacionados com a indumentária dos corpos. Sob este aspecto, importa salientar que, na vizinha gruta artificial 1 de São Pedro do Estoril, foram identificados em perfeito alinhamento, com o comprimento de cerca de 1 m, 11 botões, dos quais os primeiros quatro de uma das extremidades são de tipo “casquete esférico” ou cónicos, sendo os restantes de tipo tartaruga, com dois intercalados do primeiro tipo (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, Est. C). Esta realidade vem demonstrar que ambos os tipos eram utilizados na mesma peça de vestuário, adaptando-se a sua morfologia à utilização que deles se pretendia fazer.

### 3.7 – Objectos metálicos

Na Fig. 41, n.º 4 e 5 apresentam-se os dois exemplares metálicos recolhidos, tratando-se respectivamente de um pequeno formão e de um furador ou sovela. Tais artefactos são os mais comuns em contextos calcolíticos, o que se compreende, por corresponderem aos que os seus equivalentes líticos ou ósseos teriam mais dificuldades em substituir, nas tarefas do quotidiano.

### 3.8 – Objectos de carácter simbólico-votivo

“Braçal de arqueiro” – ao chamado “pacote” campaniforme, pertence o “braçal de arqueiro” executado em placa de rocha arenítica anegrada (grauvaque), cuja alteração superficial lhe conferiu coloração castanho-avermelhada (Fig. 7, n.º 3; Fig. 41, n.º 6).

Trata-se de um exemplar que, originalmente, teria dois furos bitroncocónicos no centro de cada uma das extremidades, tal como a generalidade dos exemplares peninsulares, contrastando com a generalidade das ocorrências da Europa Central que apresentam 4 furações (HARRISON, 1980, Fig. 36).

A peça apresenta-se totalmente afeiçoada por polimento, excepto numa das actuais extremidades, ocupada por superfície de fractura, resultante de acidente que a terá partido pela sua parte média. Essa superfície apresenta-se levemente regularizada, tendo em vista a reutilização do fragmento, como se de uma placa nova se tratasse. Nesse sentido, foi tentada uma nova perfuração, a qual, tal como a anterior, foi realizada a partir de ambas as faces, mas que não se concluíram.

As razões para tal prendem-se, por certo, com o curto comprimento do exemplar, inadequado à finalidade pretendida já que os exemplares inteiros apresentam uma relação comprimento/largura significativamente superior,

que esta peça já não podia respeitar. Com efeito, na larga maioria destas peças, a relação comprimento/largura, quando completas é, no mínimo, de 3/1. Provindo essencialmente de sepulturas, têm sido associadas por vários autores a oferendas votivas, à semelhança de outras reproduções rituais líticas encontradas em contextos funerários.

Seja como for, o facto de se ter querido reaproveitar uma peça partida, para idêntica finalidade, revela a importância que se atribuía a este tipo de artefactos. Na pesquisa efectuada, são raríssimos os exemplos compulsados nas mesmas circunstâncias. O que mais se aproxima apresenta-se partido obliquamente numa das extremidades. A reutilização está documentada pela realização de uma única furação no centro da fractura, contrastando com a dupla furação que a peça apresenta nos dois cantos da extremidade intacta. Provém de dólmen do sudeste do território francês (LEMERCIER, 2004, Fig. 310, n.º 10). Na Holanda, estudo dedicado a estas peças, interessando a análise detalhada de 33 exemplares, permitiu também a identificação de um exemplar anteriormente fracturado, cuja reutilização não se concluiu, tendo ficado inacabado furo iniciado a partir de uma das faces (VAART, 2009, peça WG13). Também na Grã-Bretanha foram identificados três exemplares reutilizados (WOODWARD *et al.*, 2006).

Não se entrará na discussão do significado funcional ou ritual ou, a um tempo funcional e ritual deste tipo de artefactos, divergindo as interpretações a tal respeito. No entanto, sendo certo que em sepulturas, estas peças líticas se associam ao ante-braço esquerdo dos inumados, admite-se que os exemplares utilizados no quotidiano seriam preferencialmente de outras matérias-primas que não a pedra, mais manuseáveis e adaptáveis à própria anatomia, designadamente em couro ou mesmo em madeira, fornecendo, deste modo, protecção mais eficaz, até por serem mais fáceis de obter. Na eventualidade de estas peças estarem relacionadas com a guarda da face interna do ante-braço, como defende S. v. d. Vaart, e não com a face externa daquele segmento anatómico, como defende Woodward e colaboradores, parece não restarem dúvidas de que de facto era a função de braçal de arqueiro a desempenhada por tais peças. Fica, no entanto, a dúvida de saber se a função votiva desempenhada nos mortos por tais peças era extensível aos vivos. Embora S. v. d. Vaart defenda no seu bem fundamentado estudo essa conclusão, parece que a opção mais realista será, pelo contrário, considerar as peças líticas como reproduções de exemplares funcionais, cuidadosamente fabricados para distinguirem aqueles que integravam a elite da sociedade campaniforme. Neste caso, as peças em questão teriam claramente um carácter ideotécnico (SMITH, 2006), enquanto símbolos, e como tal foram consideradas naquele estudo. Prova do requinte atingido pela produção votiva de tais exemplares no território português, é corporizada pelo braçal de arqueiro, de ouro, recolhido em sítio indeterminado da região de Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo, com o comprimento de 12 cm e o peso de 72,7 g (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993, p. 150, 151), exemplar único no seu género, no contexto europeu.

Cilindro de calcário – trata-se de uma peça incompleta, por fractura, nas duas extremidades, das quais uma foi ulteriormente regularizada (Fig. 7, n.º 10; Fig. 41, n.º 7). A ocorrência de cilindros de calcário, como peças de cunho simbólico, representando a divindade feminina, como transparece claramente da presença do atributo sexual num exemplar recolhido em Leceia (CARDOSO, 1995), é comum em sepulcros calcolíticos da região, na medida em que tal divindade poderia representar também a fertilidade, associada também à ideia de regeneração, reafirmada para além da morte. Contudo, a confecção destas peças seria feita nos povoados, onde poderiam também ser utilizadas em altares domésticos, como já foi admitido a propósito do conjunto de peças recolhidas em Leceia e já publicadas (CARDOSO, 2009). Com efeito, um exemplar ali recolhido apresenta-se incompleto, tendo sido abandonado em curso de trabalho provavelmente por ter sobrevivido fractura accidental (*op. cit.*, Fig. 21). Um outro mostra a extremidade proximal muito incompleta por percussão, indicando a sua utilização como simples pilão ou percutor, depois de perdida a carga simbólica que continha (*op. cit.*, Fig. 25). Provindo este exemplar de contextos do Calcolítico Pleno, abarcando toda a segunda metade do 3.º milénio a.C., tal realidade parece indicar

que, por essa época, tais peças já teriam deixado de ser produzidas. Esta conclusão é importante para se poder interpretar a ocorrência do exemplar de Freiria. Sendo esta ocupação reportável ao último quartel do referido milénio, é lícito admitir que o exemplar em causa tenha sido ocasionalmente recolhido num sepulcro mais antigo, dos diversos existentes na região, e transportado para o povoado, onde pode ter sido circunstancialmente reutilizado como martelo, explicando-se assim as fracturas centrípetas que ostenta na extremidade mutilada.

## 4 – CRONOLOGIA ABSOLUTA DA OCUPAÇÃO

Obtiveram-se duas datações de radiocarbono por AMS sobre ossos de animais domésticos, no quadro de um programa de datações absolutas de estações campaniformes da região, conduzido no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Ambas as amostras provêm da zona sul da área escavada, correspondente à implantação da cabana, e forneceram os seguintes resultados:

Beta-260301 – 3770 ± 40 BP (2340-2040 cal BC, 2  $\sigma$ );

Beta-296577 – 3630 ± 40 BP (2130-1890 cal BC, 2  $\sigma$ ).

Considerando os intervalos das duas datações obtidas, é lícito admitir para a ocupação de carácter habitacional ali verificada uma cronologia essencialmente situada no último quartel do 3.º milénio a.C., prolongando-se pelos inícios do milénio seguinte.

Tais resultados estão em sintonia com os obtidos para a maioria dos sítios campaniformes da região ribeirinha da margem norte do estuário do Tejo, tanto fortificados como abertos, cuja ocupação decorreu genericamente na segunda metade do 3.º milénio a.C. (CARDOSO, 2014).

Desta forma, pode concluir-se que, no decurso daquele lapso temporal, se verificou a presença contínua no território em apreço de populações portadoras de cerâmicas campaniformes, as quais se implantaram *ex-novo* em zonas com altas potencialidades agrícolas, através de pequenas unidades de natureza familiar, como Freiria – conforme indica a exclusividade de cerâmicas campaniformes – ou conviveram com as comunidades não-campaniformes, de raízes locais, nos sítios fortificados, conforme indica a associação de produções cerâmicas campaniformes com os característicos padrões decorativos em “folha de acácia”, em diversos sítios fortificados, quer os fundados anteriormente, como Leceia (CARDOSO, 1997/1998), quer os fundados *ex-novo*, como Penha Verde (CARDOSO, 2010/2011 b), ou a Moita da Ladra (CARDOSO & CANINAS, 2010). A prova de que se tratariam, efectivamente, de populações distintas, pelo menos do ponto de vista cultural, é indicado pela existência de sítios fortificados coevos onde as produções campaniformes praticamente nunca se utilizaram, apesar de esses importantes núcleos humanos se situarem na área de maior densidade de ocorrências de produções campaniformes, como é o caso dos povoados de Penedo do Lexim (SOUSA, 2010) e do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2013 a).

## 5 – DISCUSSÃO

### 5.1 – A arquitectura doméstica

A identificação de uma cabana de planta sub-circular, com uma lareira principal no seu interior, e uma outra situada na área externa adjacente (Fig. 3), é aspecto que merece ser valorizado. Quanto a esta última, é possível que estivesse ao ar livre, tal como se verificou com equivalentes em Leceia, tanto do Neolítico Final,

como do Calcolítico estruturas AD e FF (CARDOSO, 1994), podendo ser utilizada por diversas unidades habitacionais.

A cabana encontra-se evidenciada por um conjunto de pequenos blocos de calcário cuja distribuição no terreno configura um arco de circunferência, interrompido devido à destruição que sofreu em resultado da edificação de estruturas mais modernas. A existência destes blocos é compatível com a delimitação da área construída, reforçando o embasamento de uma estrutura feita de materiais perecíveis, como caniços e entrançados vegetais, cuja leveza é indicada indirectamente pela fragilidade da sua própria delimitação. Esta realidade tem o seu paralelo mais próximo em algumas das cabanas calcolíticas identificadas em Leceia, igualmente denunciadas por ténues alinhamentos de blocos calcários de pequenas e médias dimensões, constituindo recintos adossados a estruturas defensivas pré-existentes, como é o caso da Cabana LL, de planta circular, como a Cabana FL, ou ainda de planta elipsoidal, como as Cabanas NN e FC (CARDOSO, 1994, 1997). Dentro desta tipologia, que pressupunha a existência de uma superestrutura de materiais perecíveis desde o nível de fundação, incluem-se ainda as duas cabanas que forneceram exclusivamente materiais campaniformes, as Cabanas EN e FM, ambas de planta elipsoidal, correspondendo a primeira a um alinhamento simples de blocos e a segunda, de maiores dimensões, a dois alinhamentos simples de blocos, distanciados de cerca de 1,0 m, sugerindo a existência de uma dupla cobertura (CARDOSO, 1997/1998).

Em Leceia, a par destas cabanas de construção frágil e expedita, tal como a de Freiria, de plantas circulares ou elipsoidais, construíram-se, ao mesmo tempo, outras, de embasamentos mais robustos, constituídos por paredes de alvenaria de blocos arrumados, formadas por duplo alinhamento, com enchimento intermédio de elementos de menores dimensões. É o caso da Cabana ZZ, de planta circular, ou da Cabana HH, com parede em arco de circunferência, adossada a muralha pré-existente (CARDOSO, 1997). Estas estruturas, por possuírem sólido embasamento de alvenaria, justificam a existência de uma cobertura mais pesada, que poderia ser executada em falsa cúpula, eventualmente assente em estrutura de madeira.

Procurando paralelos para esta arquitectura doméstica, que, com origem no Calcolítico ante-campaniforme (globalmente o Calcolítico Inicial da Estremadura), se prolongou até aos finais do III milénio a.C., verifica-se que a estação mais semelhante se situa muito próximo: trata-se do sítio de Casal Cordeiro 5, Mafra, o único povoado aberto campaniforme adequadamente escavado da região entre a Serra de Sintra e Torres Vedras, sendo de evidente interesse comparar os resultados ali obtidos com os da Freiria. Situado a cerca de 1 km do litoral, foram reconhecidas diversas cabanas de planta sub-circular, corporizando um sítio de povoamento permanente, disperso por distintos núcleos, onde se praticou a metalurgia do cobre. No conjunto, as cerâmicas decoradas estão representadas por 34 fragmentos decorados em folha de acácia e 19 fragmentos campaniformes. Embora a questão da cronologia absoluta desta ocupação permaneça ainda em aberto, nada exista que impeça admitir a contemporaneidade das produções em folha de acácia com as campaniformes, as quais evidenciam assinaláveis semelhanças com Freiria, pois, dos 19 fragmentos de recipientes decorados, 16 evidenciam a técnica incisa, pertencendo apenas 2 a vasos marítimos e um a vaso geométrico pontilhado (SOUSA 2010, p. 266; SOUSA, 2013).

É no Alto Alentejo, mercê dos trabalhos realizados no âmbito do Projecto Multiusos do Alqueva que se reconheceram os exemplos mais numerosos de cabanas de época campaniforme. Assim, no povoado do Porto das Carretas, Mourão, identificaram-se diversas cabanas da fase campaniforme, todas de planta circular e, de modo geral, com embasamento pétreo, formando muretes de alvenaria arrumada (SOARES & SILVA, 2010, Fig. 7), de características comparáveis à Cabana ZZ de Leceia e a outras cabanas campaniformes reconhecidas em outros povoados alentejanos, inventariadas pelos referidos autores, como o de Miguens 3, Alandroal e Monte do Tosco, Mourão, às quais se poderia acrescentar a cabana campaniforme do povoado fortificado de San Blas, identificado na margem espanhola do Guadiana e a pouca distância desta (HURTADO, 2004), bem como no povoado de Palacio Quemado, Badajoz (HURTADO, 1997). Nestes dois sítios fortificados da margem esquerda do Guadiana, foram

reconhecidas cabanas campaniformes de planta circular, constituídas, tal como as do Porto das Carretas, por um sólido embasamento de alvenaria argamassada, que parece ser uma característica arquitectónica daquela região, em contextos campaniformes.

No centro e norte do País, os testemunhos comparáveis são muito mais ténues, também porque a presença campaniforme em sítios habitados é quase desconhecida. Avulta a Fraga da Pena, Fornos de Algodres, pela quantidade de vasos campaniformes encontrados, oriundos de recintos muralhados adaptando-se aos blocos de granito que coroam o topo da fraga (VALERA, 2000), de natureza ritual, habitacional, ou ambas.

Para além do sítio já mencionado de San Blas, têm sido reconhecidas em Espanha diversas cabanas campaniformes, de tipologias distintas, integrando plantas circulares, elipsoidais e irregulares, nalguns casos com rebaiamento do substrato geológico, por escavação de toda a área correspondente ao fundo da cabana, ou apenas da sua periferia, para melhor se efectuar a fundação das paredes, por vezes com a ajuda de postes, como evidenciam as respectivas estruturas negativas para a sua fixação.

Em qualquer destas categorias se inscrevem diversas ocorrências identificadas na Galiza em Espanha, Irlanda, Dinamarca e Holanda (ACUÑA PIÑEIRO, BARBEITO POSE & PRIETO MARTÍNEZ, 2011), destacando-se a variabilidade arquitectónica das cabanas campaniformes de O Fuxiño, de contorno sub-circular e elipsoidal, cujas plantas se evidenciam pelo roço escavado no embasamento, por vezes possuindo buracos de poste (BONILLA RODRÍGUEZ, 2011), aos quais foi possível associar fragmentos de recipientes campaniformes decorados, tal qual o verificado em Freiria e em Leceia. Merecem também referência especial as cabanas de Villafía, Burgos, uma delas de planta elipsoidal com dimensões próximas da Cabana EN de Leceia, tendo fornecido o seu interior diversos fragmentos campaniformes de estilo Ciempozuelos, enquanto outra cabana, identificada em outra estação da mesma região, Quintanilla de Arriba, escavada na rocha, apresenta-se delimitada por oito buracos de poste (GARRIDO-PENA; ROJO-GUERRA & MARTÍNEZ de LAGRÁN, 2005, p. 413). Na região de Madrid, os mesmos autores assinalam a presença de uma grande cabana de planta elipsoidal, da estação de Pedazo del Muerto, e sobretudo as duas cabanas escavadas no solo do povoado de El Ventorro, uma delas de planta sub-circular, a outra de planta elipsoidal, de maiores dimensões, ambas com vestígios de metalurgia associados a outros restos, demonstrando que não se tratavam de estruturas especializadas, evidenciando-se uma vez mais pela diversidade de plantas, evidencia o polimorfismo deste tipo de construções, a que acresce as que, tendo sido igualmente escavadas no solo, possuem contornos irregulares, como é o caso, ainda da região madrilenha, das diversas cabanas do Camiño de las Yeseras (LIESAU *et al.*, 2013; BLASCO-BOSQUED *et al.*, 2005).

O levantamento das estruturas habitacionais campaniformes conhecidas nas Ilhas Britânicas até 1987 (GIBSON, 1987), bem como na Dinamarca e Holanda (ACUÑA PIÑEIRO, BARBEITO POSE & PRIETO MARTÍNEZ, 2011), a que se poderiam acrescentar alguns exemplos franceses como as cabanas campaniformes do povoado de Calades, Bouches du Rhône (BARGE-MAHIEU, 1989), evidenciou, também, acentuada variabilidade arquitectónica, visto que as cabanas possuem plantas circulares ou elipsoidais, nuns casos constituídas por alinhamentos de blocos, tal qual o observado em Freiria, noutros casos definidas por buracos de poste e roços escavados, tal qual outros exemplos já anteriormente referidos. Merece destaque a notável semelhança encontrada entre as cabanas de planta elipsoidal definidas por alinhamentos de blocos Calades e as suas equivalentes de Inverness, na Ilha de Harris (HARRISON, 1986, p. 88). Registaram-se, ainda, tanto em França, como na Suíça, casas campaniformes de plantas sub-quadrangulares a sub-rectangulares, definidas pela posição dos buracos de poste encontrados (BESSE & DESIDERI, 2005).

É provável que a escavabilidade do substrato possa ter determinado a técnica construtiva utilizada, neste caso dando preferência à abertura de roços e à implantação de buracos de poste, visto que solos fáceis de escavar se encontram, em geral, associados a falta de pedra, matéria-prima que abundava, ao contrário, em terrenos mais dificilmente escaváveis. Nestes, seriam edificadas casas cujo embasamento seria definido em toda a periferia por



alinhamentos de blocos, que permitiriam o apoio da superestrutura, em materiais perecíveis, como no caso anterior. A prova de que esta diferença é mais de ordem tecnológica do que cultural, reside no facto de, em ambas as alternativas, se reconhecerem os dois tipos de plantas, elipsoidais e circulares, os quais, por seu turno, podem coexistir no mesmo povoado, como é o caso de El Ventorro, entre outros. Enfim, na região alentejana e andaluza, identificaram-se cabanas campaniformes de planta circular, constituídas por sólidos muretes de alvenaria de blocos arrumados, que pressupõem uma superestrutura pesada, com equivalentes pré-campaniformes como a Casa ZZ de Leceia, as quais não têm equivalentes extra-peninsulares.

## 5.2 – A indústria de pedra lascada

Existem escassos elementos com interesse comparativo sobre as indústrias de pedra lascada campaniformes. Este facto deve-se a ter-se desde sempre valorizado as produções cerâmicas, designadamente as decoradas, em detrimento das restantes produções, consideradas pouco relevantes em termos comparativos. E, na verdade, na maioria dos casos, são-no, tanto pela escassez de elementos recolhidos, como pela raridade de conjuntos domésticos fechados campaniformes. Também em Freiria estes dois pressupostos encontram-se prejudicados, não só pela reduzida quantidade de peças como pelo facto de algumas delas resultarem de colheitas de superfície, ou de áreas em que não existe garantia de contextos estratigráficos.

As produções caracterizam-se pela abundância de produtos de debitage alongados e respectivos núcleos, incluindo lâminas retocadas e outras com bordo serrilhado, utilizadas como elementos de foice. Contrastando com a escassez de raspadores, dos quais um exhibe cuidado retoque bifacial, ocorrem raspadeiras e furadores, que parecem constituir a característica principal, a par das lâminas, deste conjunto. É de destacar a ausência de pontas de seta, tal como de outras produções características de conjuntos campaniformes compulsados.

Duas cabanas da estação de Camino de las Yeseras, Madrid, revelaram uma distribuição mais pobre que a de Freiria, embora, tal como aqui, estejam presentes, entre os instrumentos, as lâminas, os núcleos e os denticulados (LIESAU *et al.*, 2013, p. 144). Ao contrário, na estação de Rances, Vaud, Suíça, a indústria é caracterizada, tal como em Freiria, por raspadeiras, de variada tipologia, algumas idênticas a exemplares de Freiria (BESSE & DESIDERI, 2005, p. 88), embora também ocorram outros tipos, como as pontas de seta (raras). Noutra estação da mesma área geográfica, a de La-Croix-Léonard, já as raspadeiras se afiguram subordinadas às pontas de seta, sendo estas de base pedunculada, a par de pontas de transversais (BAILLY, 2001, Fig. 4). A estação de Monte Covolo, na Itália setentrional, tal como outras da mesma região, apresenta-se com características algo distintas, pois, embora as pontas de seta transversais estejam presentes com assinalável diversidade formal, a par de pontas de seta de base pedunculada, recta ou côncava, ocorrem micrólitos em forma de crescente, lamelas de bordo abatido e buris de ângulo, além de raspadeiras, que são aparentemente as únicas produções comparáveis às de Freiria (BARFIELD, 2001, Fig. 3 a 6; MARTINI, 2001).

No sudeste francês, a presença de alguns dos tipos identificados em Itália esbate-se, embora continuem a ocorrer geométricos, sob a forma de crescentes, pontas de seta pedunculadas, folhas de cuidado trabalho bifacial, a par de produtos alongados (lâminas e lamelas), retocados ou não, acompanhados de núcleos de diversa tipologia, comuns a Freiria, tal como pequenas raspadeiras (FURESTIER, 2004, Pl. 1). Com efeito, estudos ulteriores levados a efeito pelo referido autor, na referida região, confirmou, nas três fases sucessivas em que a presença campaniforme foi decomposta, a marcante presença de raspadeiras acompanhadas por outras produções não representadas em Freiria, acima referidas (FURESTIER, 2007).

O estudo da presença campaniforme na referida área geográfica, levado a cabo por Olivier Lemerrier conduziu à identificação de conjuntos líticos em numerosas estações de carácter habitacional cujas características, resumi-

damente, se podem identificar em parte com as indústria de Freiria, sobretudo pela presença de raspadeiras de diversa tipologia, embora acompanhadas por itens que faltam na estação portuguesa, já anteriormente referidos, como pontas de seta pedunculadas, micrólitos (crescentes) (LEMERCIER, 2004, Fig. 11, ).

Em suma, para além da presença de peças que fazem parte do fundo comum da utensilagem de qualquer estação calcólica, como os produtos alongados, parece que a presença de artefactos de época campaniforme na Europa além-Pirenéus que não ocorrem na Península Ibérica, em contextos da mesma época, parece conferir a esta última área geográfica um particularismo assinalável no concernente às produções líticas. Um dos escassos itens que, pelo contrário, parece ser comum às estações peninsulares e extra-peninsulares, corresponde às raspadeiras, usualmente associadas ao trabalho das peles.

### 5.3 – As produções cerâmicas

Vistas numa óptica transregional, a existência de importações de produções cerâmicas campaniformes, ainda que excepcionais, encontra-se ilustrada por um exemplar com decoração do lado interno do bordo, ostentando as características linhas quebradas horizontais, produzidas por impressão. Com efeito, estas produções são características da Meseta, tendo-se prolongado à Andaluzia, para sul, e, para ocidente, até ao Alto Alentejo, de onde poderia ter irradiado o exemplar recolhido em Freiria.

Outro aspecto interessante é a presença de preenchimento de pasta branca nas decorações, com o intuito de lhes reforçar o impacto visual. Trata-se de prática generalizada, tendo sido reconhecida na Galiza, na Meseta, na Andaluzia e, também, em exemplares portugueses, tanto da região do Sudoeste, como da Estremadura. Tal realidade não impede de se terem reconhecido regionalismos, denunciados pelas diferentes composições das referidas pastas, correspondendo os escassos exemplares portugueses analisados – apenas dois, porque o terceiro pertence ao Neolítico Antigo – a pastas produzidas a partir de ossos moídos. Importa, assim, confirmar tal resultado para os exemplares de Freiria, os quais correspondem a uns escassos 11 fragmentos, todos com decorações incisais, num universo de cerca de 500 fragmentos decorados campaniformes.

A existência de um abundante conjunto de cerâmicas lisas, representado por 368 fragmentos de recipientes com possibilidade de reconstituição da forma, permitiu o conhecimento da tipologia das chamadas “cerâmicas de acompanhamento”, juntando-se a outros resultados recentemente obtidos sobre sítios exclusivamente campaniformes, ainda que baseados em conjuntos menos numerosos, como Leão (CARDOSO, 2010/2011 a). No conjunto, dominam largamente as taças em calote, de dimensões muito variadas, seguidas dos globulares. Importa assinalar a existência de caçoilas campaniformes lisas, ainda em quantidade relevante, bem como de taças Palmela lisas.

Esta realidade, a par de outras permite, de forma sustentada, discutir o estatuto das produções campaniformes de Freiria, o qual não se poderá desligar a natureza e características da própria estação arqueológica.

1 – Estatuto das cerâmicas campaniformes decoradas. Tratando-se Freiria de um sítio campaniforme implantado em encosta suave, sem condições de defesa, a sua correspondência com uma implantação de carácter agropastoril, onde se encontrava sediada uma comunidade pacífica explorado intensivamente os recursos decorrentes de uma economia intensiva e extensiva afigura-se inquestionável. Neste contexto, a extraordinária abundância de produções cerâmicas decoradas, a par dos seus equivalentes lisos, só pode entender-se se se admitir que tais recipientes faziam parte integrante da panóplia do quotidiano, que requeria recipientes para armazenamento, propiciados pelas grandes caçoilas e esféricos decorados, para cozinhar alimentos, e ainda destinados ao seu consumo, incluindo de bebidas. Entre estas, poderiam incluir-se preparados alcoólicos, cujo consumo, podendo ser conotado com manifestações rituais do grupo, seria também reportado à simples actividade diária, como ainda hoje acontece.

Em conclusão, não existem quaisquer evidências de que a panóplia campaniforme decorada possa ser associada estatuto social diferenciado dos seus utilizadores dada as características evidenciadas pelo próprio sítio arqueológico nem, tão-pouco, que possa ser considerada um bem de prestígio, não só por ocorrer num sítio ocupado por pequena comunidade agro-pastoril, onde essa questão não se põe, mas também pela grande abundância de tais testemunhos, retirando-lhes quaisquer estatuto de excepcionalidade. Tal foi, também, a situação verificada em outros sítios com as mesmas características de implantação da região, como Leião (CARDOSO, 2010/2011 a), Monte do Castelo (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996), ou o Alto dos Barrinhos (CARREIRA, CARDOSO & LOPES, 1996) situado nas proximidades, ou os diversos sítios de carácter habitacional do concelho de Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Estas considerações são válidas apenas para a região em causa, não podendo ser generalizadas a outras realidades arqueológicas, observadas em contextos geográficos distintos, designadamente no centro-norte e no norte de Portugal onde é aceitável admitir-se que, ao ocorrerem excepcionalmente, tais produções possam deter um significado e estatuto distintos das restantes peças de olaria.

## 6 - CONCLUSÕES

Face ao exposto, pode concluir-se que, pelo menos na região em apreço, a panóplia decorada campaniforme corresponderá, simplesmente, a uma moda ou, em alternativa, a uma marca identitária de populações que se diferenciavam do ponto de vista da organização económica e social das restantes populações coevas com quem partilhavam a ocupação do mesmo espaço geográfico. Esta constatação não é nova, já que em artigo com mais de duas décadas, se tinha defendido a coexistência das produções campaniformes com produções regionais do grupo “folha de acácia”, o que inviabilizaria a manutenção da periodização clássica do Calcolítico estremenho em Inicial, Pleno e Final, correspondendo a fase final à emergência das cerâmicas campaniformes. Na verdade, como se referiu no citado artigo (CARDOSO & SOARES, 1990/1992), bem como em outros que se lhe seguiram (CARDOSO, 1997/1998, 2001, 2004 b, 2010/2011 a, 2014), a antiguidade das produções campaniformes na região remonta ao segundo quartel do 3.º milénio a.C., sendo particularmente abundantes no decurso do lapso temporal tradicionalmente atribuído ao Calcolítico Pleno, inviabilizando portanto a validade da periodização proposta.

A coexistência no mesmo espaço geográfico de produções cerâmicas exclusivamente campaniformes com outras não campaniformes, realidade evidenciada pela primeira vez em Leceia, onde se identificaram no exterior do povoado duas cabanas, coevas de fases distintas da ocupação da área intramuros, onde as produções campaniformes conviviam com outras não campaniformes, suscitou desde logo a hipótese de se poder estar perante duas formações sociais distintas (CARDOSO, 1997/1998) coexistindo complementar e pacificamente na mesma região. A esta, outras evidências se juntaram ulteriormente. Assim, no povoado do Penedo de Lexim, as cerâmicas campaniformes afiguravam-se, aquando das primeiras explorações, completamente ausentes (ARNAUD, 1974/1977), para passarem à categoria de residuais, aquando da escavação extensiva do sítio, pois ali só foram encontrados dois fragmentos daquele tipo (SOUSA, 2010), ainda que o povoado tenha sido ocupado ao mesmo tempo que se verificava a proliferação de tais produções na região envolvente, como indica a data Beta 142541 que, calibrada a dois sigma corresponde ao intervalo de 2310-2200 cal BC, semelhante à cronologia da ocupação de Freiria.

Situação idêntica foi verificada no povoado fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra), situado cerca de 30 km para sul do estuário do Tejo, onde tais produções são igualmente excepcionais, ocorrendo apenas cinco fragmentos na camada superficial da sequência estratigráfica (CARDOSO, 2013 a), apesar de aquele sítio ter sido intensamente ocupado no decurso de toda a segunda metade do 3.º milénio a.C. (CARDOSO *et al.*, 2010/2011).

A realidade identificada nestes dois povoados fortificados merece reflexão, dado que ambos se inserem em regiões de elevada concentração de estações campaniformes, cuja cronologia coincide com a sua ocupação, sugerindo que os seus produtores e utilizadores não ocuparam aqueles locais, conferindo-lhes assim o importante papel de marcador social, associado a uma determinada comunidade, mais do que uma simples moda que, por razões desconhecidas ali não foi adoptada, por simples adição à panóplia já existente. Esta conclusão é apoiada pelas observações recentes de A. C. Sousa relativas ao Penedo de Lexim: “os dados disponíveis parecem indicar que a ausência de cerâmica campaniforme que se regista no Penedo do Lexim é comum a toda a unidade de paisagem onde este povoado se insere” (SOUSA 2010, p. 490), o que contrasta claramente com a abundância daquele tipo de sítios na região envolvente.

Outra observação da mesma autora, que reforça a natureza diferenciada das populações portadoras das cerâmicas campaniformes na região de Mafra, é o facto de se ter verificado uma rotura ao nível da produção da utilidade lítica entre as populações que ocuparam o Penedo do Lexim face aos estabelecimentos campaniformes da região (SOUSA 2010, p. 488).

Nestes termos, o sítio de Freiria, correspondente a um pequeno aglomerado populacional, provavelmente um casal agrícola de carácter familiar, ocupado no último quartel do 3.º milénio a.C., deveria articular-se com um sítio de altura, onde se sediaria, no modelo ora proposto, o segmento da sociedade a quem competiria a gestão de um determinado território onde este sítio se situaria, realidade que não se diferenciaria de verificada na mesma região, cerca de mil anos depois, em pleno Bronze Final (CARDOSO, 2004 a; CARDOSO, 2010/2011 c).

Aliás, em 1998, ao admitir-se que a aparente fissão do modelo sócio-económico vigente até cerca de meados do 3.º milénio a.C., baseado em grandes povoados fortificados, como o de Leceia, onde se concentraria a população e a partir dos quais o segmento dominante administraria o correspondente território, bem conhecido e definido (CARDOSO, 1998), ainda se desconhecia que haveriam de ser explorados em época ulterior povoados fortificados que, na mesma região, foram edificados ex-novo, em épocas mais recentes, como é o caso de Moita da Ladra e do Outeiro Redondo, e que viriam demonstrar que tal modelo se prolongou na Baixa Estremadura pelo menos até ao final do 3.º milénio a.C. Tal realidade não é de espantar, pois, como naquela publicação se constatava, “As redes de circulação transregionais anteriormente estabelecidas, foram, mesmo, reforçadas, acentuando-se a presença de produtos de grande difusão e que integram o chamado “pacote” campaniforme (vasos marítimos, pontas Palmela, adagas, braçais de arqueiro, botões em forma de “tartaruga” ou com perfuração em “V”, entre outros” (*op. cit.*, p. 108). Com efeito, alguns de tais itens ocorrem em Freiria, o que significa que, mesmo locais como este, ocupados aparentemente pelo segmento menos proeminente da sociedade, poderiam ter acesso a esses bens, o que só seria viável em modelo económico-social estruturado que permitisse a livre circulação transregional de produtos como os acima mencionados, expressivamente evidenciados no caso em apreço, pela ocorrência de produções campaniformes, oriundas do interior peninsular.

## REFERÊNCIAS

- ACUÑA PIÑEIRO, Á.; BARBEIRO POSE, V. & PRIETO MARTÍNEZ, P. (2011) – Setepias (Cambados, Pontevedra), un exemplo de arquitectura doméstica en la Edad del Bronce. In PRIETO-MARTÍNEZ, P. & SALANOVA, L., *Las comunidades campaniformes en Galicia*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, p. 13-24.
- AMARO, G. C. (2010/2011) – Continuidade e evolução nas cerâmicas calcolíticas da Estremadura (um estudo arqueométrico das cerâmicas do Zambujal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 201-233.

- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo de ourivesaria. 1.º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- ARNAUD, J. M. (1974/1977) – Escavações no Penedo do Lexim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7/9, p. 398-406.
- BAENA PREYSLER, J.; LUQUE CORTINA, M.; MILLÁN, A. & ARRIBAS, J. G. (1994) – La producción lítica durante fases calcolíticas: análisis del conjunto del yacimiento campaniforme del Campo de Fútbol (Getafe, Madrid). In BLASCO, M.<sup>a</sup> C. (ed.), *El horizonte campaniforme de la region de Madrid en el centenario de Ciempozuelos*. Madrid: Universidad Autonoma de Madrid, p. 173-226.
- BAILLY, M. (2001) – Stone tool production and use on Bell Beaker domestic sites from eastern France and western Switzerland: from lithic technology towards patterns of social organization. *Bell Beakers today (Riva del Garda, 1998)*. Trento: 2, p. 497-506.
- BARFIELD, L. H. (2001) – Beaker lithics in northern Italy. *Bell Beakers today (Riva del Garda, 1998)*. Trento: 2, p. 507-518.
- BARGE-MAHIEU, H. (1989) – L'habitat perché et les cabanes campaniformes des Calades (Orgon, Bouches du Rhône). In D'ANNA, A. & GUTHERZ, X. (ed.), *Enceintes, habitats ceinturés, sites perches du Néolithique au Bronze Ancien dans le Sud de la France et les regions voisines. Mémoires Société Languedocienne de Préhistoire*. Montpellier. 2, p. 231-237.
- BESSE, M. & DESIDERI, J. (2005) – La diversidad campaniforme: Hábitats, sepulturas y cerámicas. In El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo. In ROJO-GUERRA, M.; GARRIDO-PENA, R. & MARTÍNEZ de LAGRÁN, I. (coord.), *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Salamanca: Universidad de Valladolid, p. 61-88.
- BLASCO-BOSQUED, C. et al. (2005) – Enterramientos campaniformes en ambiente doméstico: el yacimiento de Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid). In ROJO-GUERRA, M.; GARRIDO-PENA, R. & MARTÍNEZ de LAGRÁN, I. (coord.), *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Salamanca: Universidad de Valladolid, p. 457-472.
- BONILLA RODRÍGUEZ, A. (2011) – Asentamientos prehistóricos en As Cruces/Reborica (Aranga, A Coruña). In PRIETO-MARTÍNEZ, P. & SALANOVA, L., *Las comunidades campaniformes en Galicia*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, p. 25-30.
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 76-78.
- CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 5, p. 23-30.
- CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. d' (2013) – O Povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 133-180.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo (1997)*. Lisboa/Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras.

- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1998) – O povoado fortificado pré-histórico de Leceia (Oeiras), exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no 3.º milénio a.C. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 16, p. 97-110.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2001) – Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). *Bell Beakers Today. Colóquio Internacional (Riva del Garda, 1998)*. Actas. Trento, 1, p. 139-154.
- CARDOSO, J. L. (2004 a) – A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2004 b) – An interpretation of the Bell Beaker cultural sequence in the Tagus stuary region: data from Leceia (Oeiras). *Journal of Iberian Archaeology* (2004). Porto. 6, p. 147-156.
- CARDOSO, J. L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14: 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2009) – Estatuetas do Neolítico Final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 73-96.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011 a) – Ocupação campaniforme de Leão (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 9-32.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011 b) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-552.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011 c) – O casal agrícola do Bronze Final do Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2013 a) – O povoado pré-histórico do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados da primeira fase de escavações arqueológicas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20. Neste volume.
- CARDOSO, J. L. (2013 b) – A necrópole campaniforme da gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20. Neste volume.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon north of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (1), em publicação.
- CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (2010) – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Actas. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2013) – O povoado pré-histórico do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados da primeira fase de escavações arqueológicas (2005-2008). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20. Neste volume.

- CARDOSO, J. L. & NORTON, J. (2004) – As çaçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 129-136.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1990/1992) – Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série IV, 8/10, p. 203-228.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. & LOPES, F. P. (1996) – A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 301-316.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) – Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1983/1984) – O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª e 2ª campanhas de escavação. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 41-68.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M.M. & MARTINS, J. M. M. (2010/2011) – Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 553-578.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. V.; NORTH, C.T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. F. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituária, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- DELIBES de CASTRO, G. & GUERRA DOCE, E. (2004) – Contexto y posible significado de un cuenco Ciempozuelos com decoración simbólica de ciervos hallado en Almenara de Adaja (Valladolid). In BAQUEDANO, E. (ed.), *Miscelánea en Homenaje a Emiliano Aguirre*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, vol. 4, Arqueología, p. 116-125.
- FERREIRA, O. V. & LEITÃO, M. (1981) – *Pré-História de Portugal. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Europa-América.
- FURESTIER, R. (2004) – Bell Beaker lithic industry: a rediscovered Paradise ? In CZEBRESZUK, J. (ed.), *Similar but different. Bell Beakers in Europe*. Poznań: Adam Mickiewicz University, p. 77-98.
- FURESTIER, R. (2007) – *Les industries lithiques campaniformes du sud-est de la France*. BAR (International Series). 1684. Oxford: John & Erica Edges,Ltd.
- GARRIDO-PENA, R.; ROJO-GUERRA, M. & MARTÍNEZ de LAGRÁN, I. (2005) – El campaniforme en la meseta central de la Península Ibérica. In ROJO-GUERRA, M.; GARRIDO-PENA, R. & MARTÍNEZ de LAGRÁN, I. (coord.), *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Salamanca: Universidad de Valladolid, p. 411-435.
- GIBSON, A. (1987) – Beaker domestic sites across the North Sea: a review. In *Les relations entre le continent et les Iles Britanniques à l'Age du Bronze. Actes du Colloque de Lille dans le cadre du 22e Congrès Préhistorique de France*. Revue Archéologique de Picardie (supplément), p. 7-16.
- GONÇALVES, J. L. M. (1992) – Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Monte Redondo – Torres Vedras). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 247-276.
- HARRISON, R. (1980) – *The Beaker Folk. Copper Age archaeology in Western Europe*. Londres: Thames & Hudson.
- HARRISON, R. (1986) – *L'Age du Cuivre. La civilisation du vase campaniforme*. Paris: Éditions Errance.

- HARRISON, R. J.; BUBNER, T. & HIBBS, V. (1976) – The beaker pottery from El Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla). *Madridier Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 79-141.
- HURTADO, V. (1997) – The dynamics of the occupation of the middle basin of the river Guadiana between the fourth and second milleniaBC. In DÍAZ-ANDREU, M. & KEAY, S., *The Archaeology of Iberia. The dynamics of change*. Londres: Routledge, p. 98-127.
- HURTADO, V. (2004) – El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). III Milenio AC. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61(1), p. 141-155.
- JIMÉNEZ GÓMEZ, M. C. (1995) – Zambujal. Los amuletos de las campañas 1964 hasta 1973. *Madridier Beiträge*. Mainz. 5, p. 155-238.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEMERCIER, O. (2004) – *Les campaniformes dans le sud-est de la France*. Lattes: Association pour le développement de l'Archéologie en Languedoc-Roussillon (Monographies d'Archéologie Méditerranéenne 18).
- LIESAU, C. *et al.* (2013) – Hut structures from the bell beaker horizon: housing, communal or funerary use in the Camino de las Yeseras site (Madrid). In PRIETO-MARTÍNEZ, P. & SALANOVA, L. (ed), *Current researches on Bell Beakers. Proceedings of the 15th International Bell Beaker Conference: from Atlantic to Ural* (Poio, 2011). Santiago de Compostela, p. 139-151.
- MARTINI, F. (2001) – Le produzioni litiche campaniformi in área fiorentina: alcune osservazioni. *Bell Beakers today (Riva del Garda, 1998)*. Trento: 2, p. 655-657.
- OBERMAIER, H. (1917) – *Yacimiento prehistórico de Las Carolinas (Madrid)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Meoria 16).
- ODRIOZOLA, C. P. *et al.* (2012) – Los rellenos de pasta blanca en cerámicas campaniformes y su utilización en la definición de límites sociales. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 19, p. 143-154.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O. V. (1961) – Révision des boutons perforés en V de l'Énéolithique portugais. *L'Anthropologie*. Paris. 65 (1/2), p. 67-73.
- SMITH, J. (2006) – *Early Bronze Age Stone Wrist-Guards in Britain: Archer's bracer or social symbol?* BA Thesis, <http://geocities.com/archaeos1/article1/1.htm>.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1974/1977) – O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 101-124.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (2010) – Campaniforme do Porto das Carretas (médio Guadiana). A procura de novos quadros de referência. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Actas (2010). Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 65-95.
- SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo de Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de doutoramento em História, Especialidade em Pré-História. 2 vols. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, A. C. (2013) – Casal Cordeiro 5 e o povoamento (com) campaniforme na área da ribeira de Cheleiros. *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 469-480.



- TRINDADE, L. & FERREIRA, O. V. (1971) – Vaso campaniforme “tipo garrafa bojuda” do Museu de Torres Vedras. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p. 261-264.
- USCATESCU, A. (1992) – *Los botones de perforacion en “V” en la Península Ibérica y las Baleares durante la Edad de los Metales*. Madrid: Foro, Arqueología, Proyectos y Publicaciones, S.L.
- VAART, S. v. d. (2009) – *Bell Beaker wrist guards reconsidered. A research into their functionality and possible uses*. Leiden: University of Leiden.
- VALERA, A. C. (2000) – O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. Porto: ADECAP, 4, p. 269-290.
- WOODWARD, A., *et al.* (2006) – Beaker age bracers in England: sources, function and use. *Antiquity*, 80, p. 530-543.

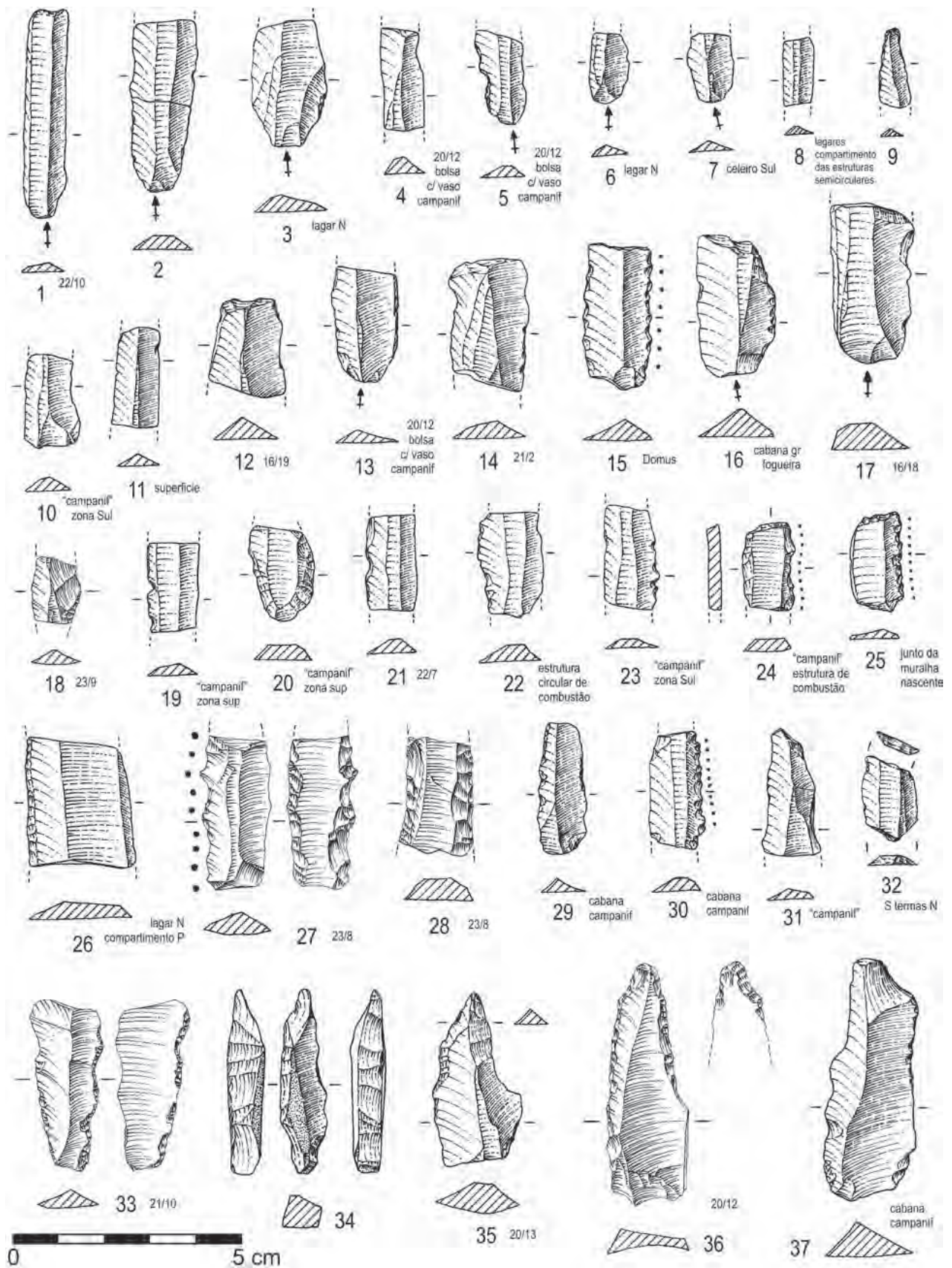


Fig. 8 – Freiria. Indústrias de pedra lascada, executadas sobre sílex de origem local ou regional.

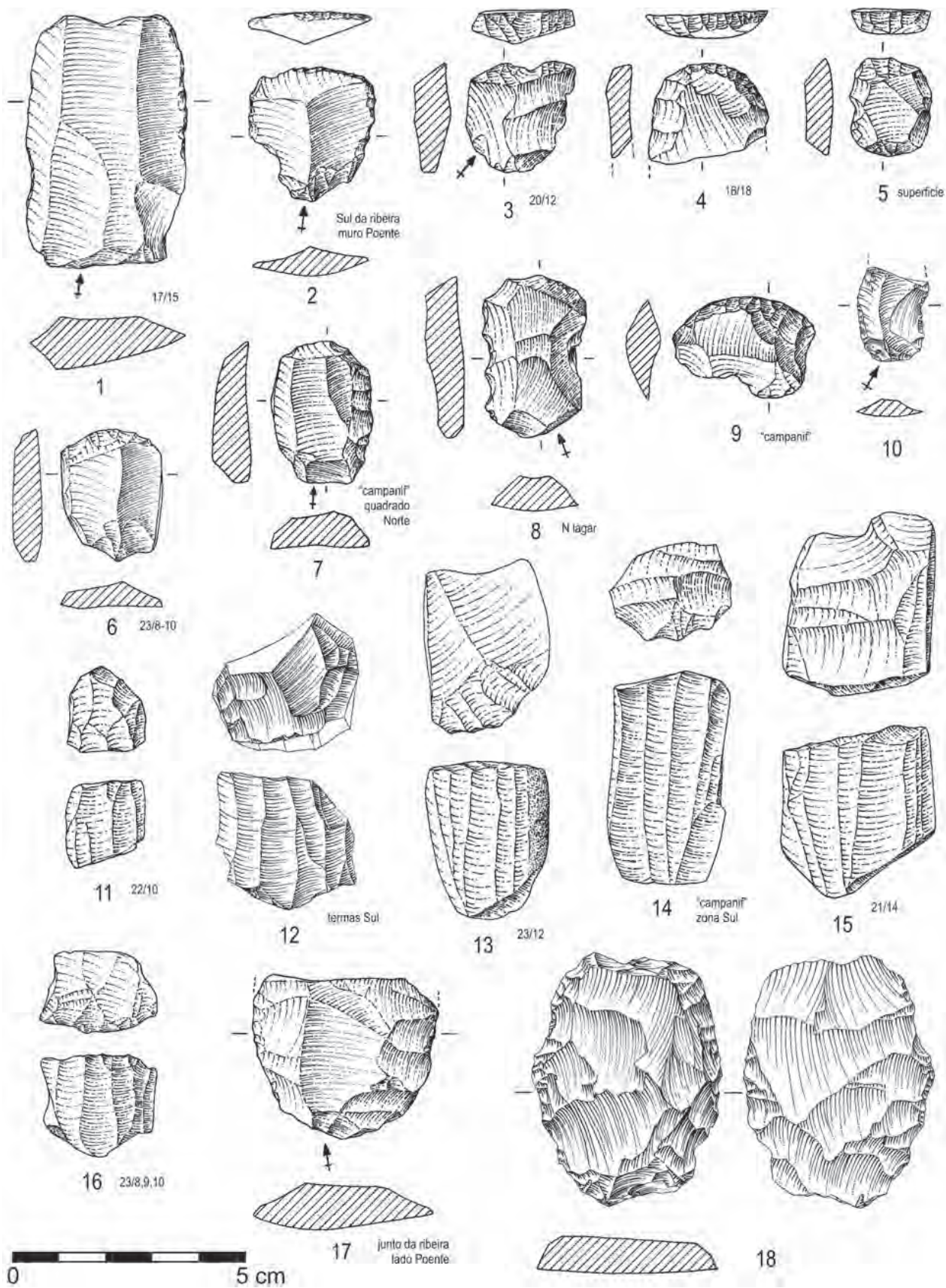


Fig. 9 – Freiria. Indústrias de pedra lascada, executadas sobre sílex de origem local ou regional.

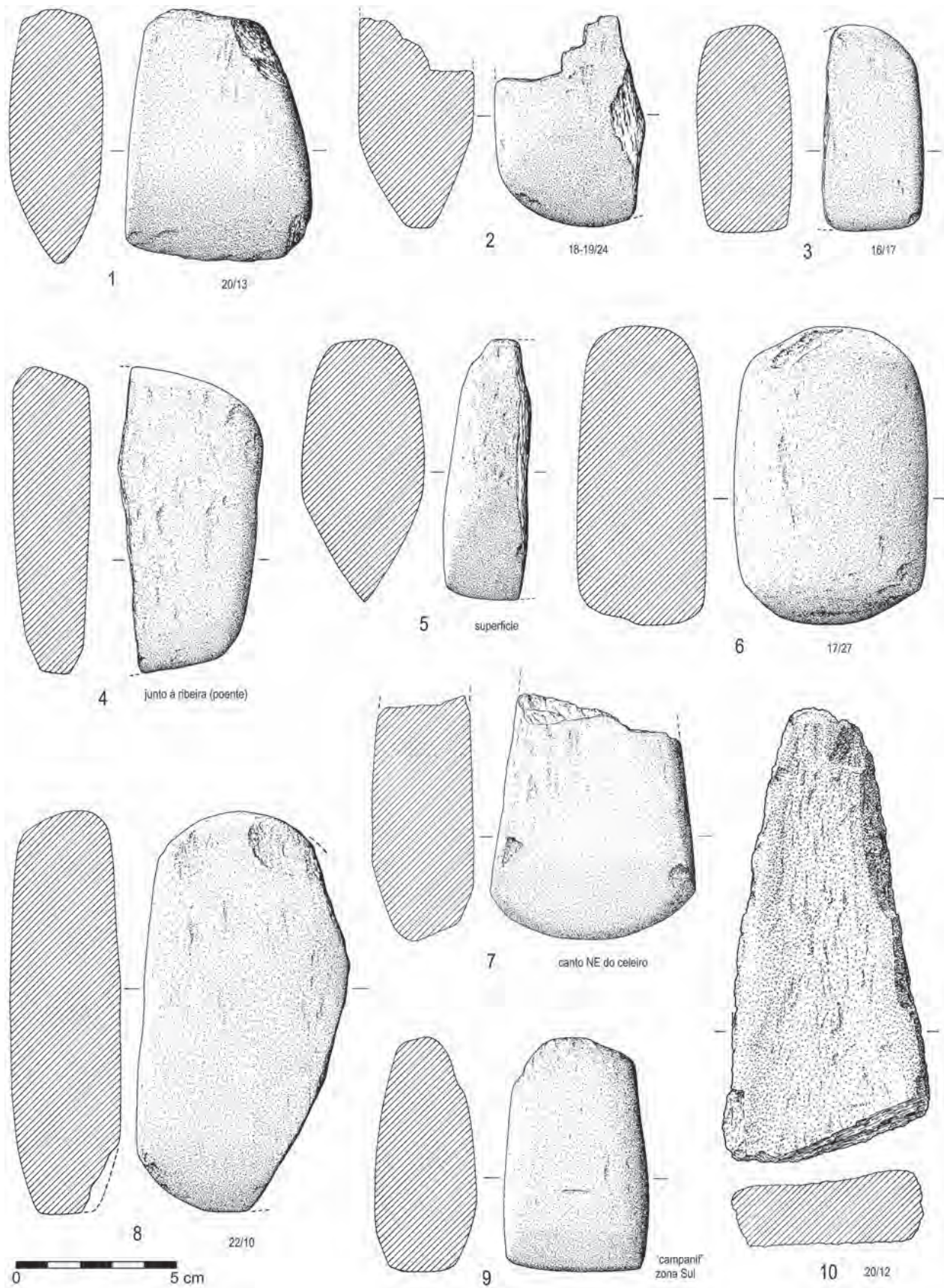


Fig. 10 - Freiria. Indústrias de pedra polida.






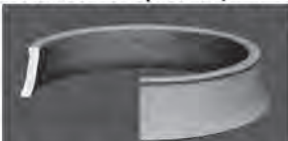


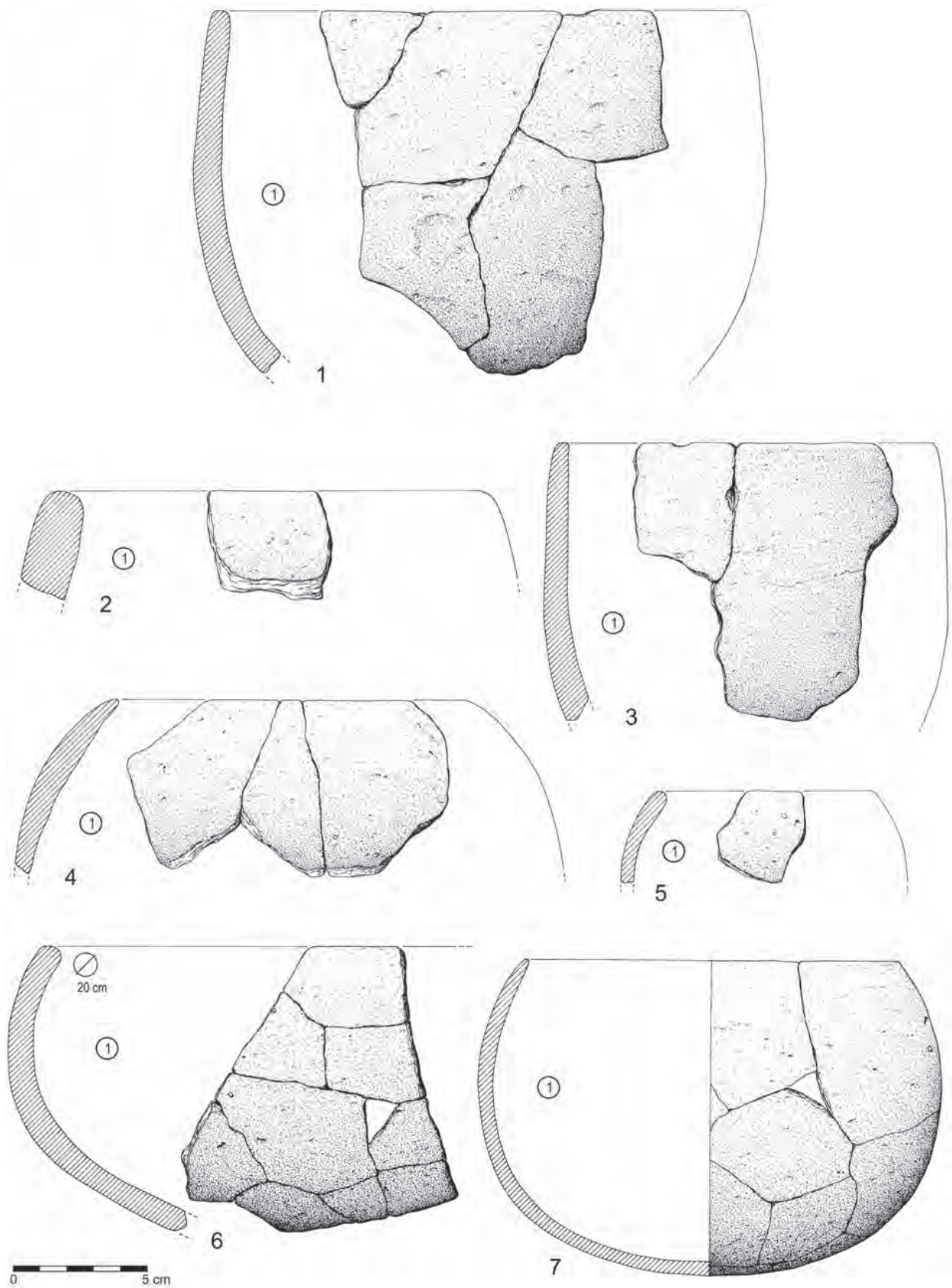
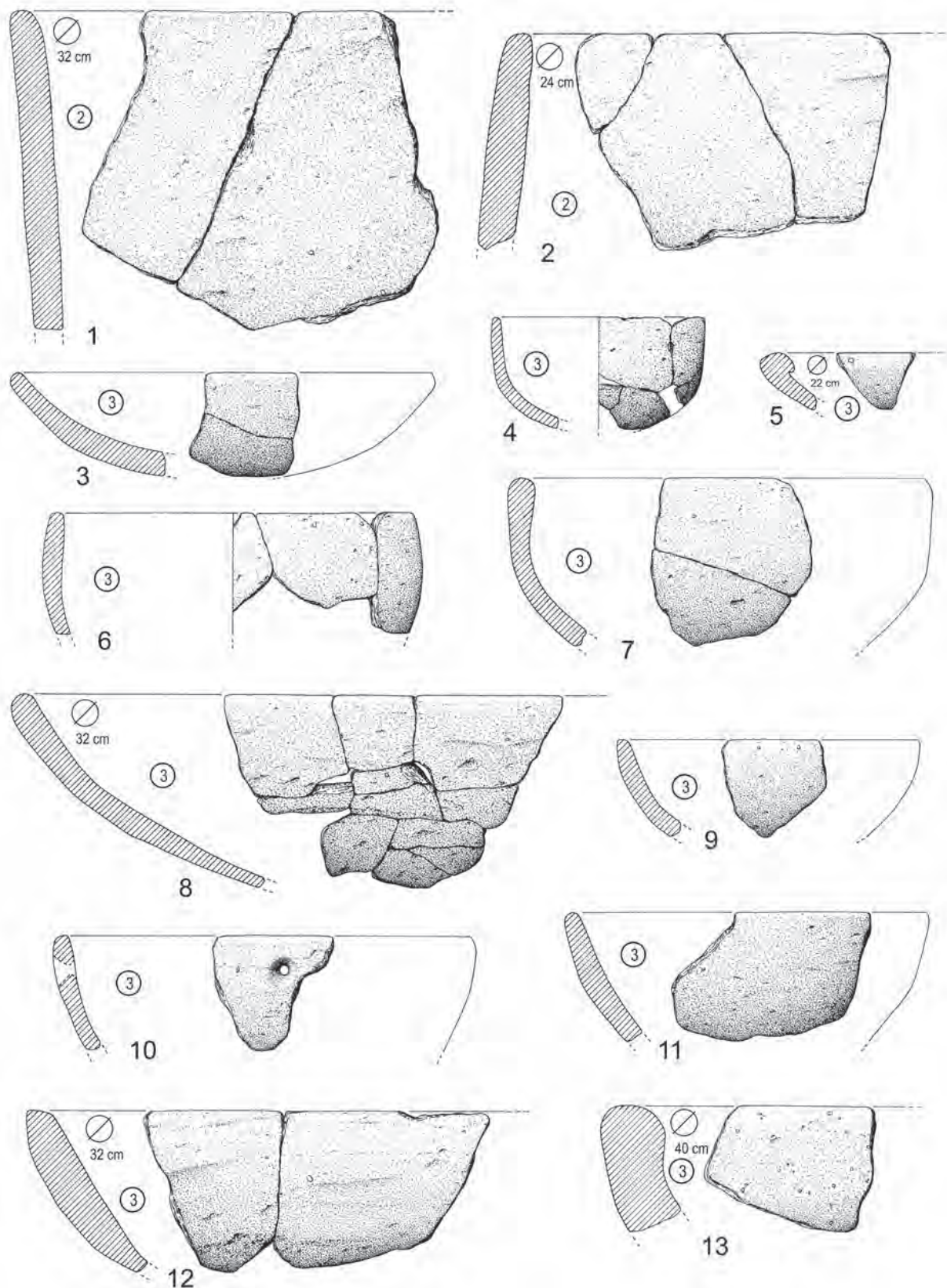
	Forma	Diâmetro/Quant.		Total	Percent.
1	<p><b>Globular</b></p> 	<p>Ø8 cm: 2 Ø10 cm: 2 Ø11 cm: 1 Ø12 cm: 5 Ø13 cm: 1 Ø14 cm: 11</p>	<p>Ø16 cm: 8 Ø18 cm: 5 Ø20 cm: 4 Ø24 cm: 2 Ø26 cm: 1 Ø indeterminado: 33</p>	75	20,38%
2	<p><b>Grandes recipientes com paredes verticais</b></p> 	<p>Ø18 cm: 1 Ø20 cm: 1 Ø24 cm: 1 Ø32 cm: 1 Ø indeterminado: 4</p>		8	2,17%
3	<p><b>Taças em calote</b></p> 	<p>Ø7 cm: 1 Ø10 cm: 2 Ø12 cm: 13 Ø14 cm: 7 Ø15 cm: 1 Ø16 cm: 7 Ø18 cm: 8</p>	<p>Ø20 cm: 14 Ø24 cm: 12 Ø26 cm: 7 Ø28 cm: 6 Ø32 cm: 3 Ø40 cm: 1 Ø indeterminado: 122</p>	214	58,15%
4	<p><b>Caçoilas campaniforme</b></p> 	<p>Ø14 cm: 6 Ø16 cm: 9 Ø18 cm: 7 Ø20 cm: 4 Ø22 cm: 4 Ø24 cm: 1</p>	<p>Ø26 cm: 1 Ø28 cm: 1 Ø30 cm: 2 Ø36 cm: 1 Ø indeterminado: 9</p>	50	13,59%
5	<p><b>Vasos de bordo espessado, abertos</b></p> 	<p>Ø12 cm: 1 Ø24 cm: 1 Ø indeterminado: 4</p>		6	1,63%
6	<p><b>Vaso de bordo espessado, fechado</b></p> 	<p>Ø18 cm: 1 Ø20 cm: 1 Ø indeterminado: 2</p>		4	1,09%
7	<p><b>Vaso de bordo em aba de inclinação variável</b></p> 	<p>Ø12 cm: 1 Ø24 cm: 1</p>		2	0,54%
8	<p><b>Taças Palmela</b></p> 	<p>Ø16 cm: 1 Ø24 cm: 4 Ø32 cm: 1 Ø34 cm: 1 Ø indeterminado: 2</p>		9	2,45%
<b>Totais</b>				<b>368</b>	<b>100,00%</b>

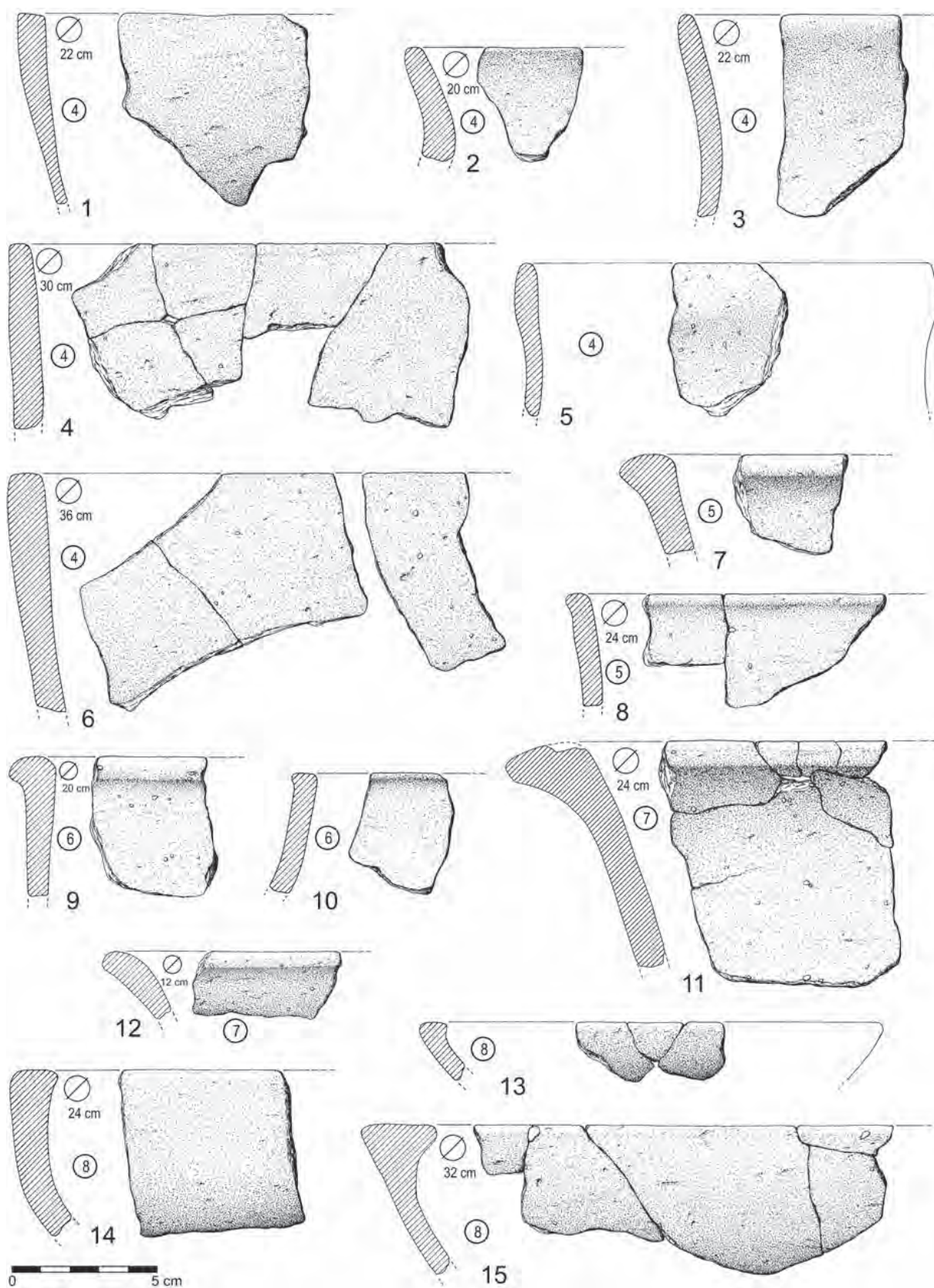
Fig. 11 – Freiria. Tipologia dos recipientes cerâmicos lisos.



**Fig. 12** – Freiria. Cerâmicas lisas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1998, 1999 e 2002. 1 – 18/15; 2 – 15/20; 3 e 4 – 20/13; 5 – 15/20,21; 6 – 20/12; 7 – 20/13.



**Fig. 13** – Freiria. Cerâmicas lisas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1985, 1995, 1997, 1998 e 1999. 1 e 2 – 20,21/13; 3 – 19/11; 4 – 21/8; 5 – 20/15; 6 – 16/18; 7 – 18/15; 8 e 9 – 20/12; 10 – 19/12; 11 – 18/14; 12 – 14,15/26; 13 – 20/15.



**Fig. 14** – Freiria. Cerâmicas lisas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1985, 1992, 1993, 1995, 1998 e 1999. 1 – 18/15; 2 – 15/20,21; 3 – 14/21; 4 – 14/14; 5 – 19/12; 6 – 16/18; 7 – 14/14; 8 – 20/12; 9 – sup.; 10 – 12/18,20; 11 – 17/11; 12 – ?; 13 – 16/18; 14 e 15 – 14,15/26.



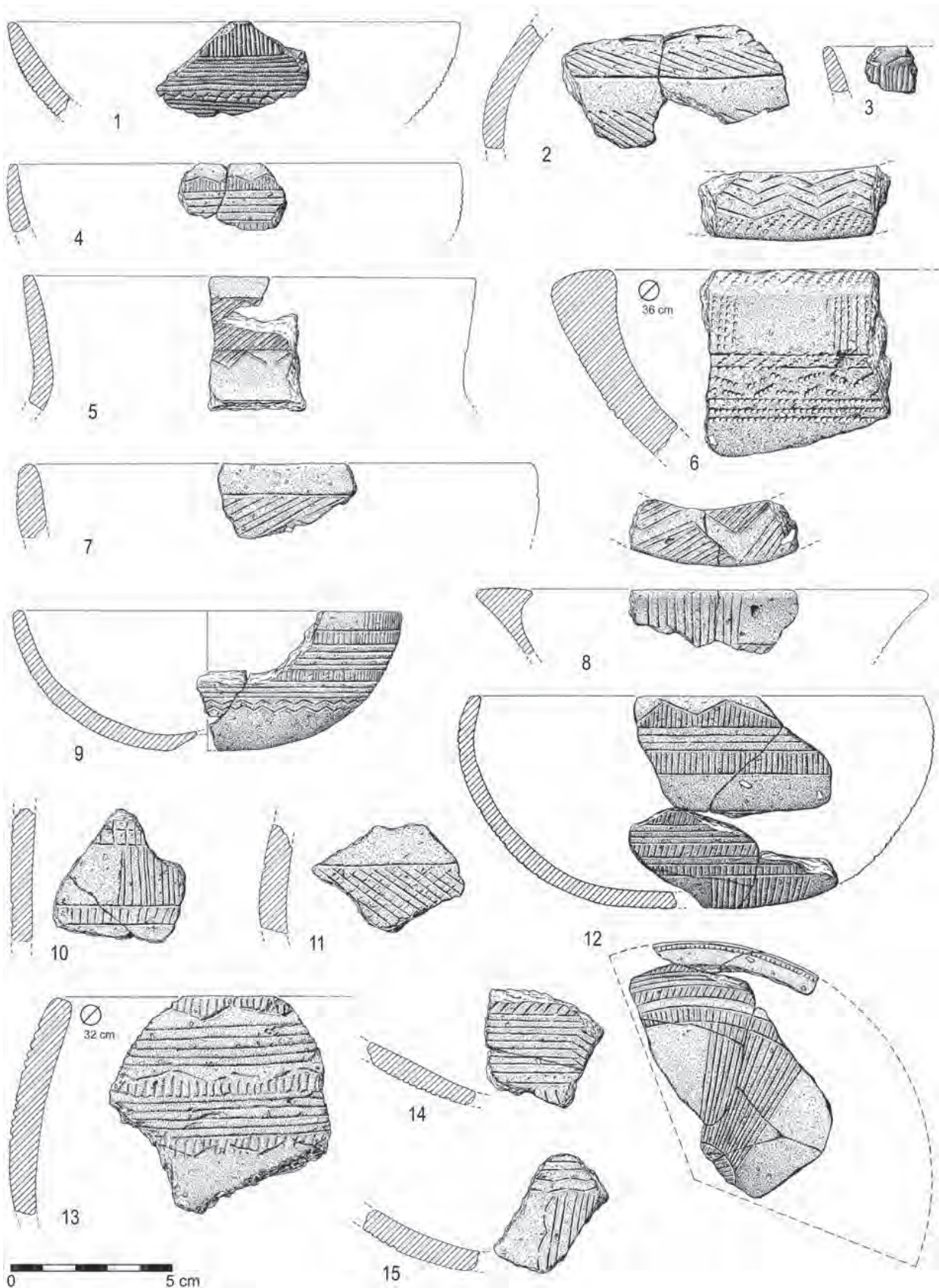
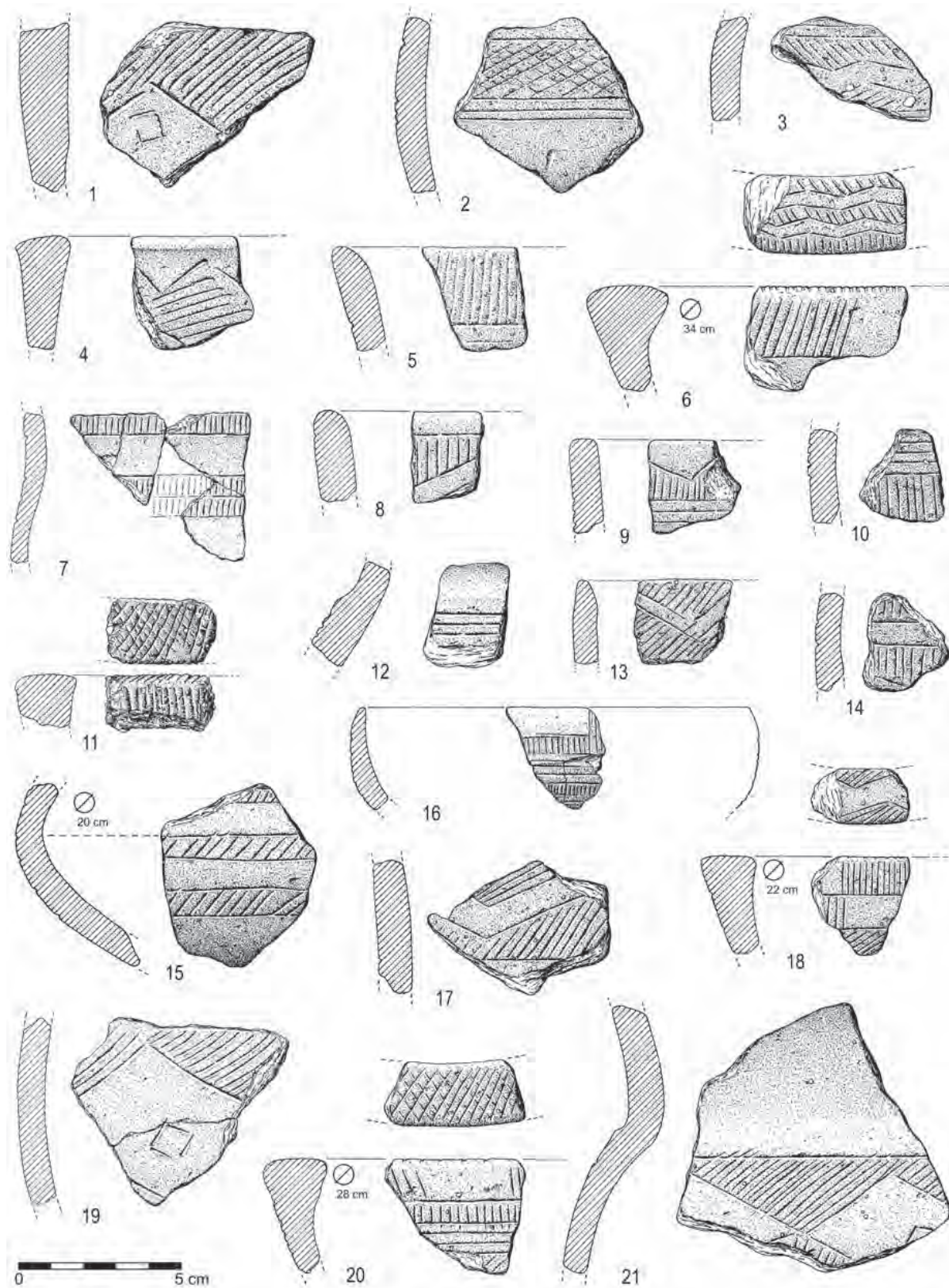
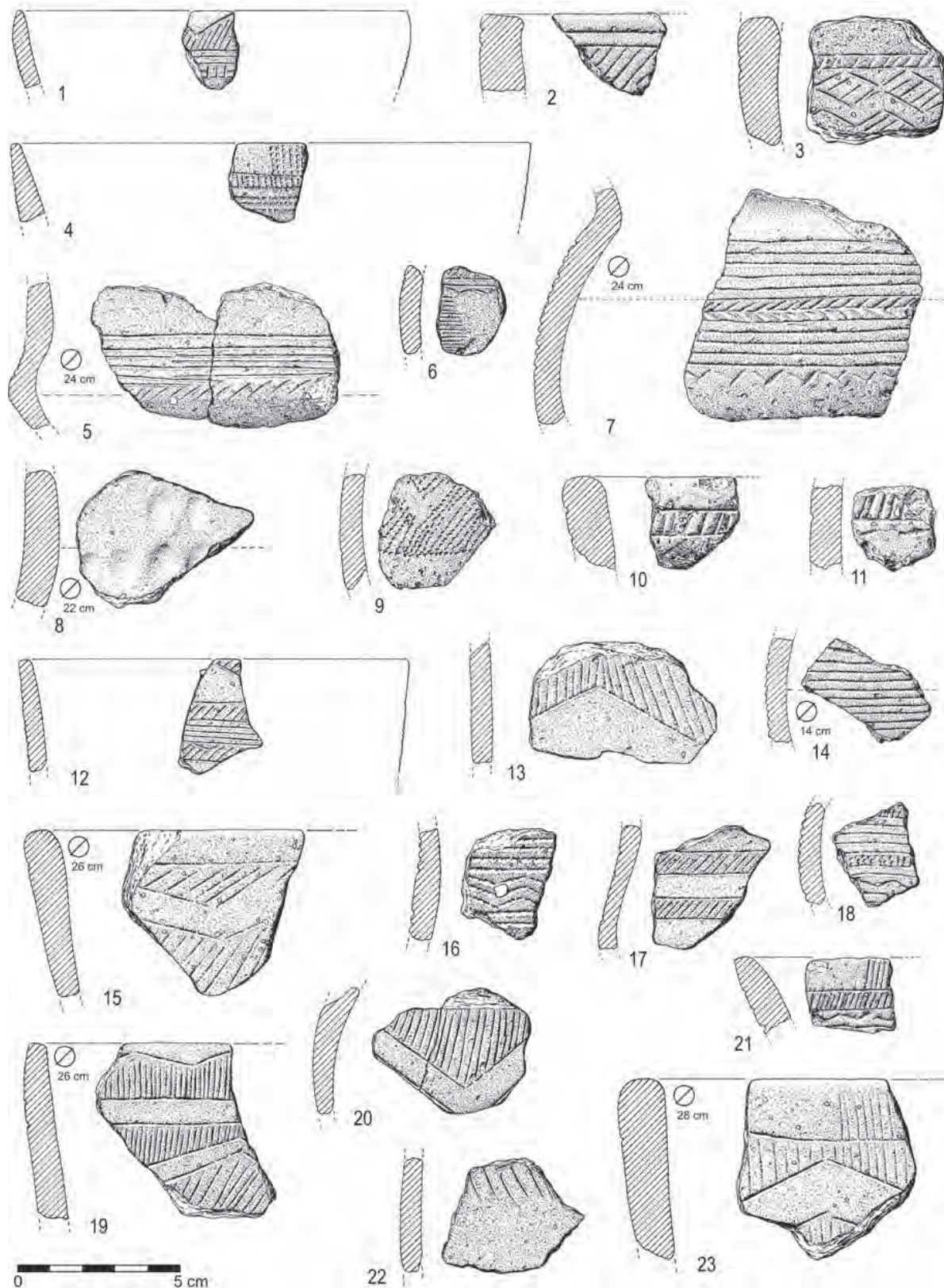


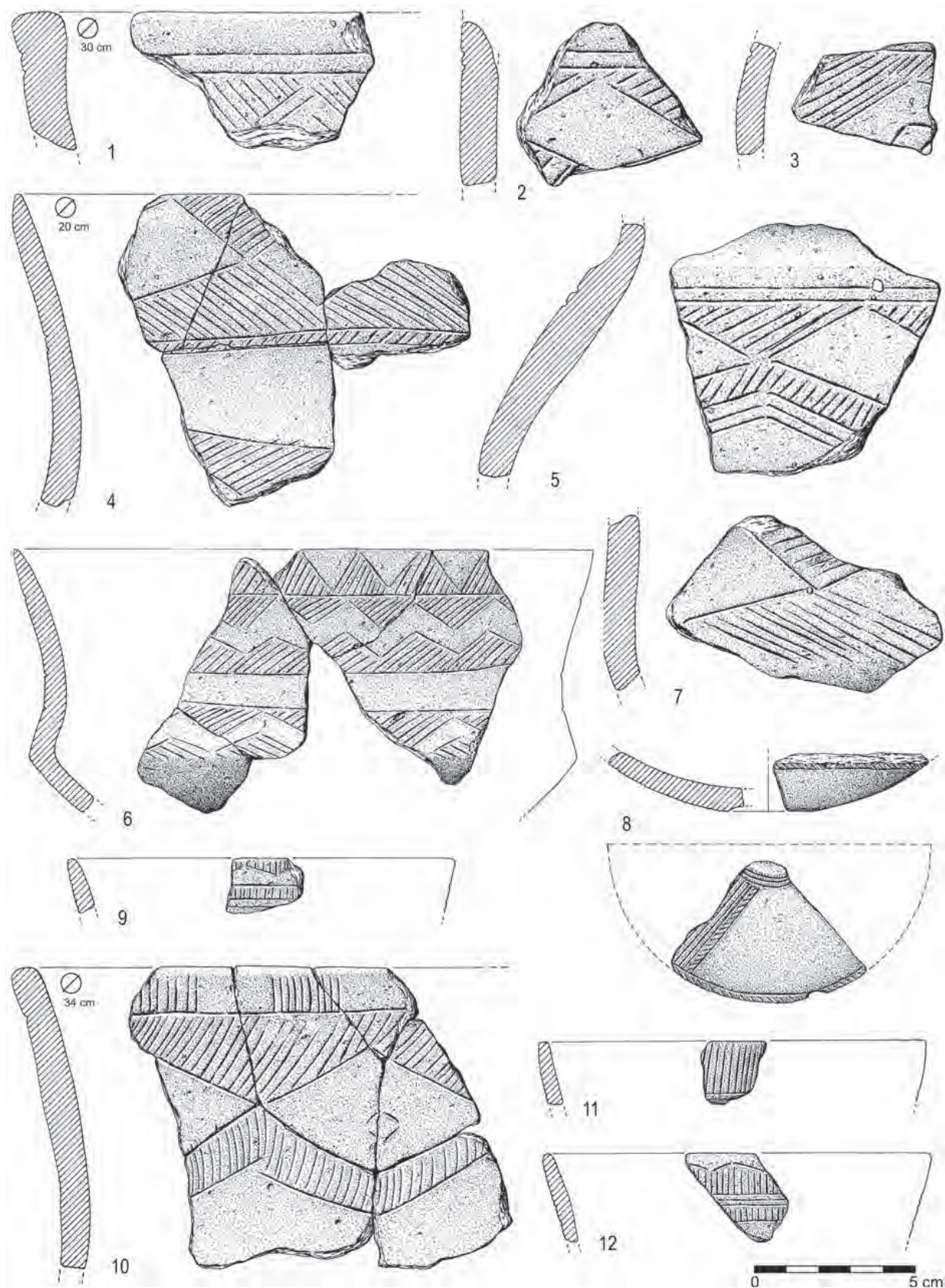
Fig. 15 - Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1985. 1 - 17/27; 2 - 14,15/26; 3 - 16/17; 4 a 12 - 14,15/26; 13 - sup.; 14 e 15 - 14,15/26;



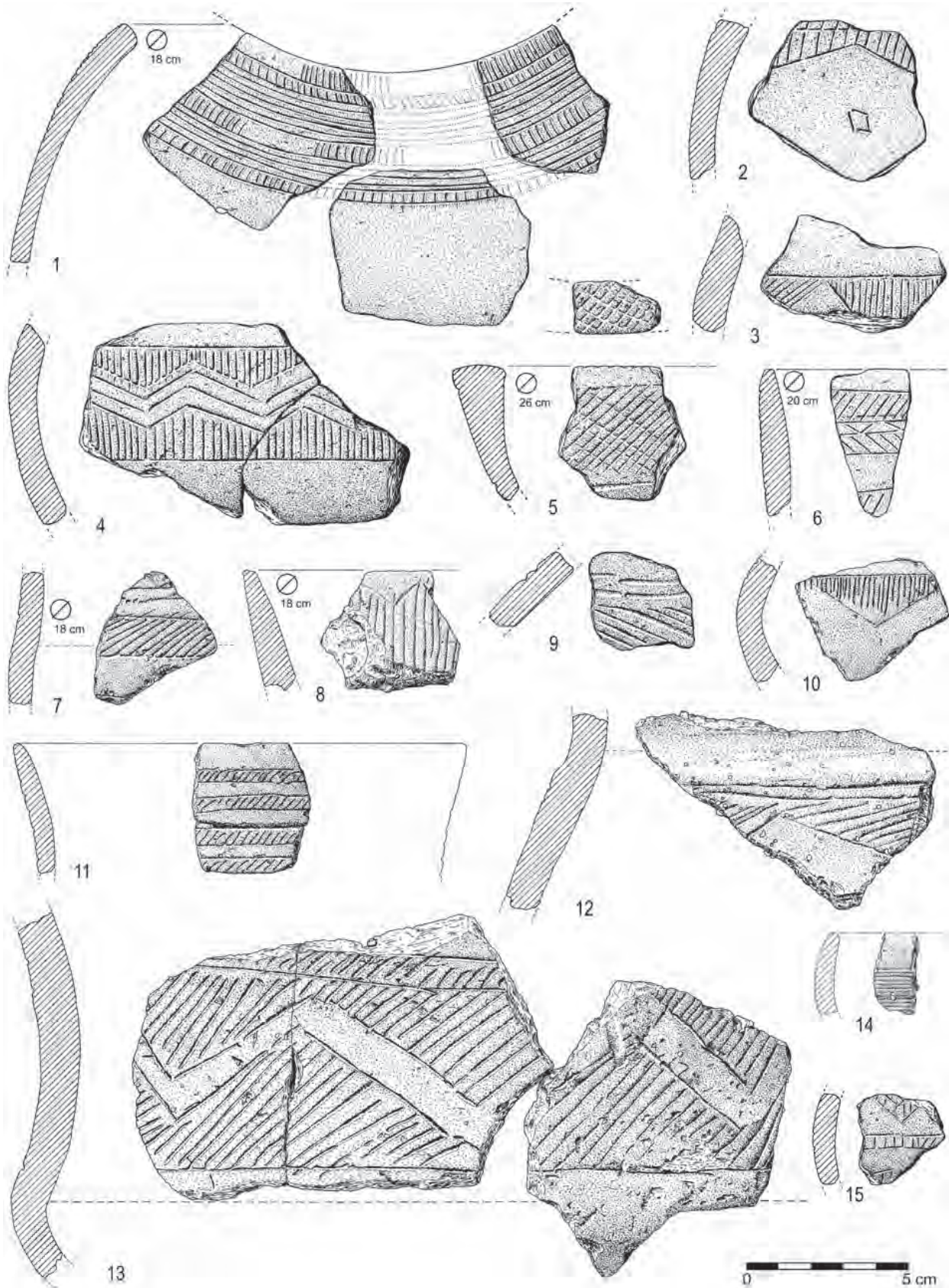
**Fig. 16** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos entre 1987 e 1994. 1 e 2 – 15/23; 3 – 16,17/23,24; 4 – 15/23; 5 – 14,15/26; 6 – 7/20,21; 7 – 16/25; 8 – 14,15/26; 9 – 15/15; 10 – 14/19; 11 e 12 – 14/14; 13 – 18/25; 14 e 15 – 14/19; 16 – 18/31; 17 – 20/24; 18 – 14/14; 19 – 16/25; 20 – 14/14; 21 – 16/25.



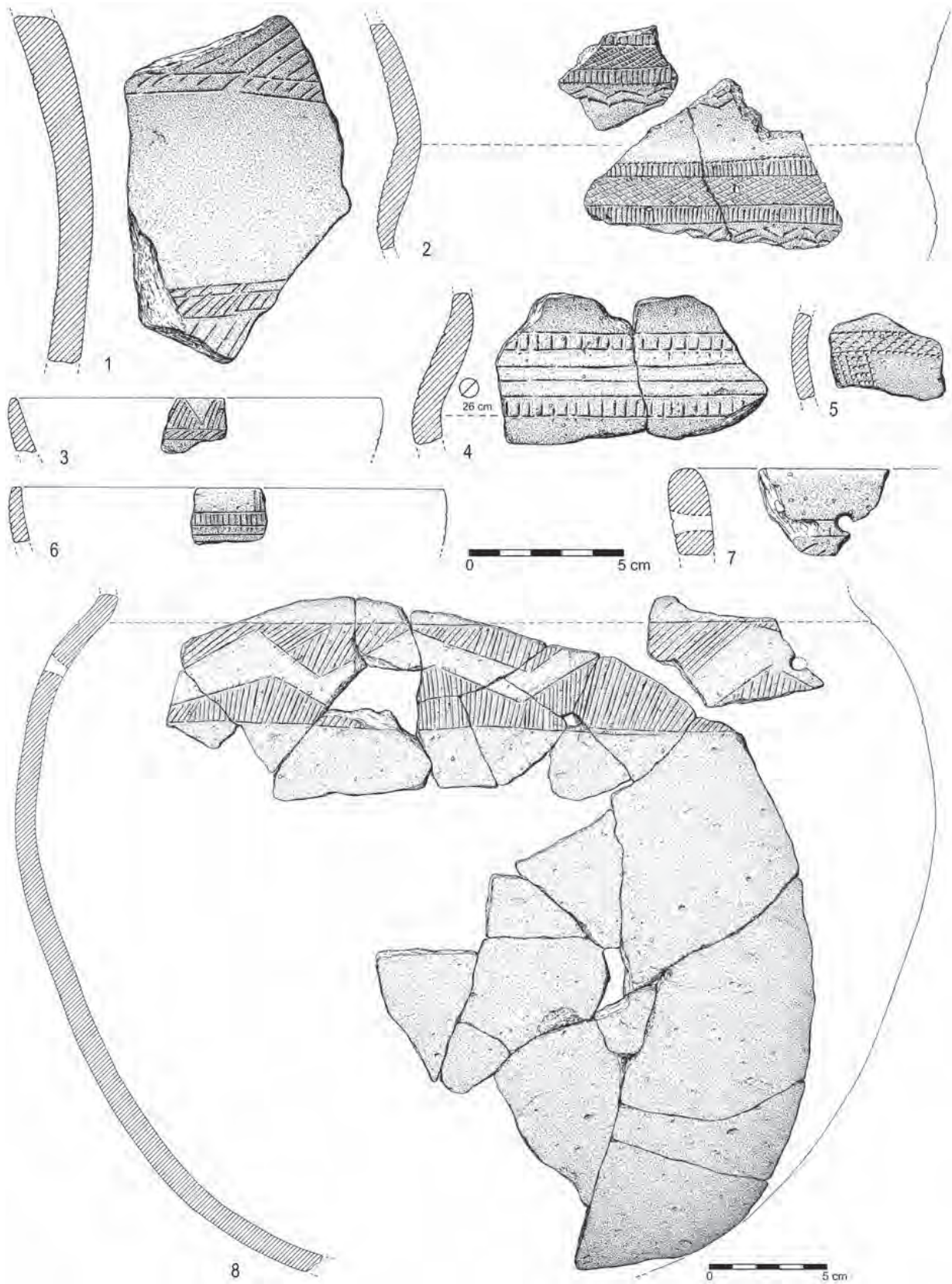
**Fig. 17** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas, exceptuando o exemplar n.º 17, que poderia acompanhá-las. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos entre 1994 e 1996. 1 – 15/20; 2 – 20/15; 3 – 20/8; 4 – 20/15; 5 e 6 – 20/8; 7 – 16/17; 8 – 20/8; 9 – 21/9; 10 – 21/8; 11 – 15/17; 12 – 23/8,9,10; 13 – 20/9; 14 – 16/11; 15 a 17 – 23/8,9,10; 18 – 15/17; 19 – 15,16,17/10; 20 – 16/17; 21 – 15/17; 22 – 23/8,9,10; 23 – ?.



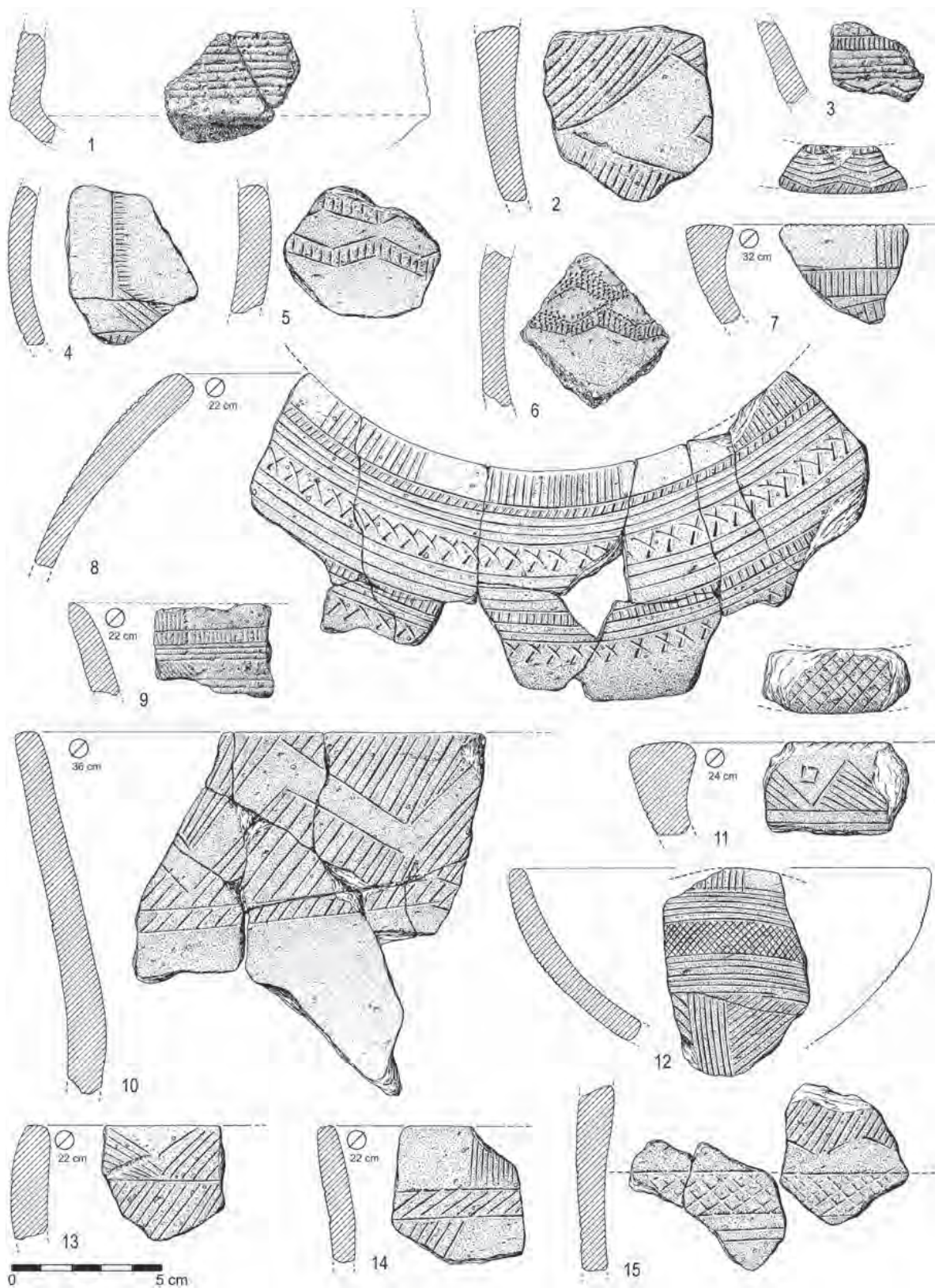
**Fig. 18** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1997. 1 a 5 – 14,15/19; 6 – 18/19 e 14,15/19; 7 e 8 – 14,15/19; 9 a 12 – 15/19.



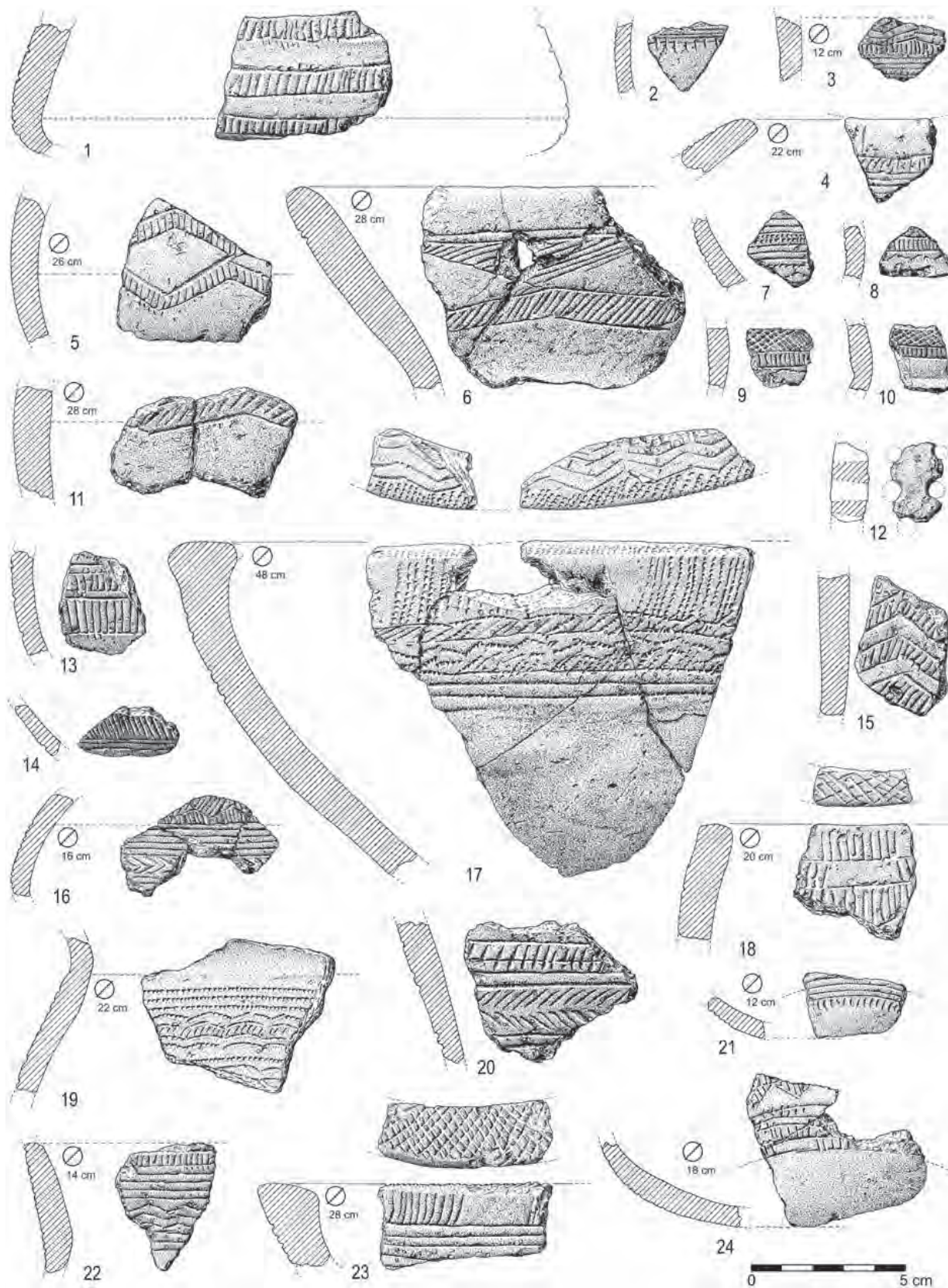
**Fig. 19** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1997. 1 a 9 – 15/19; 10 a 14 – 15/20,21; 15 – 18/14.



**Fig. 20** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1997. 1 – 18/13; 2 – 15/20,21; 3 – 18/14; 4 – 18/13 e 19/20; 5 – 19,20/14; 6 – 18/14; 7 – 19,20/14; 8 – 18/14.

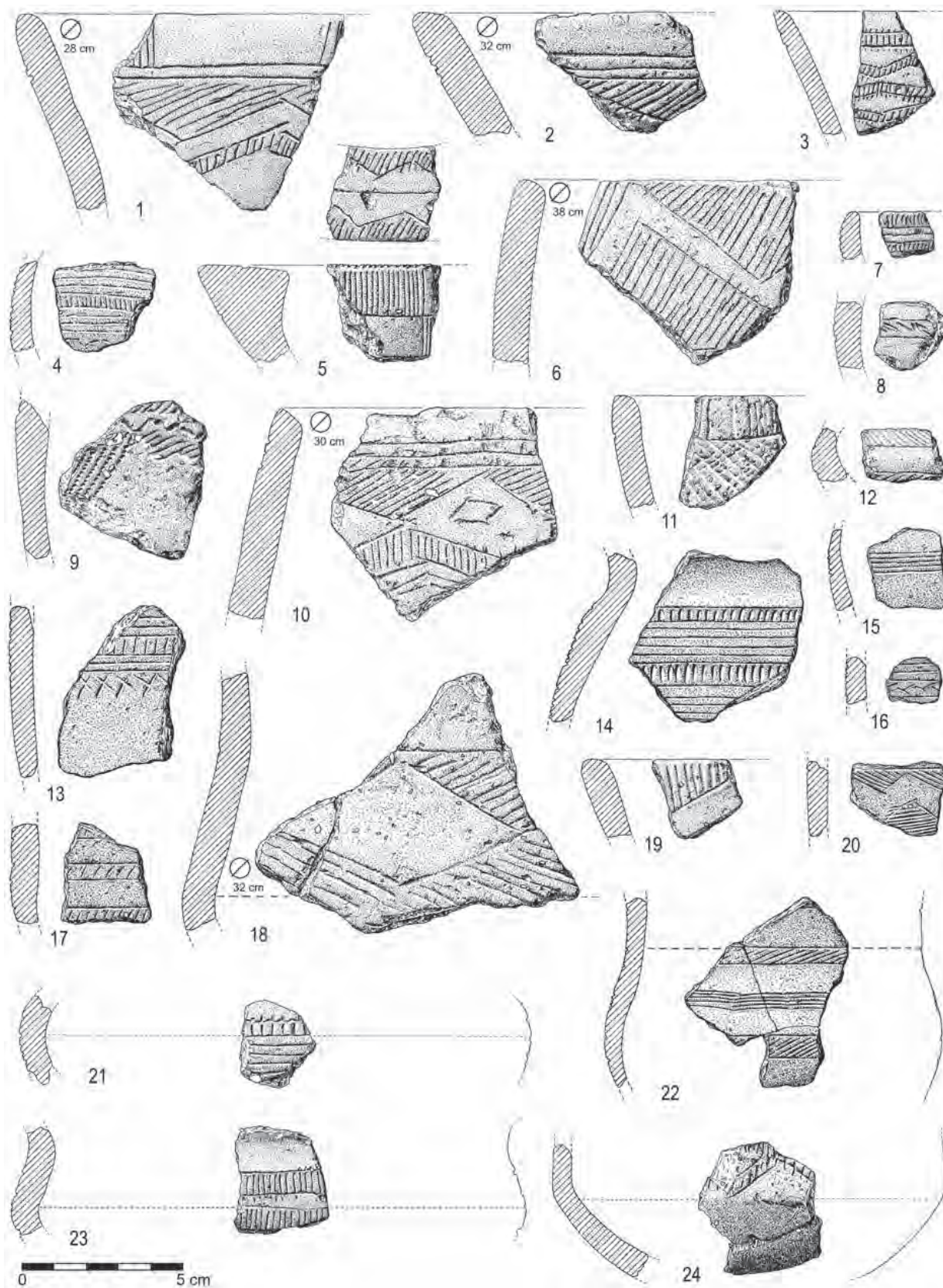


**Fig. 21** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1997. 1 – 19/20; 2 – Sup., Armazém do lagar; 3 – 19/20; 4 – 15/20,21; 5 – Sup., Armazém do lagar; 6 – 19/20; 7 – 19,20/14; 8 – 15/18 e 16/18; 9 – 21/15,16; 10 – 14/15 e 20/15; 11 – 19/15 e 20/14; 12 – 15/19; 13 – 15/15; 14 – Sup., Armazém do lagar; 15 – 18/13.

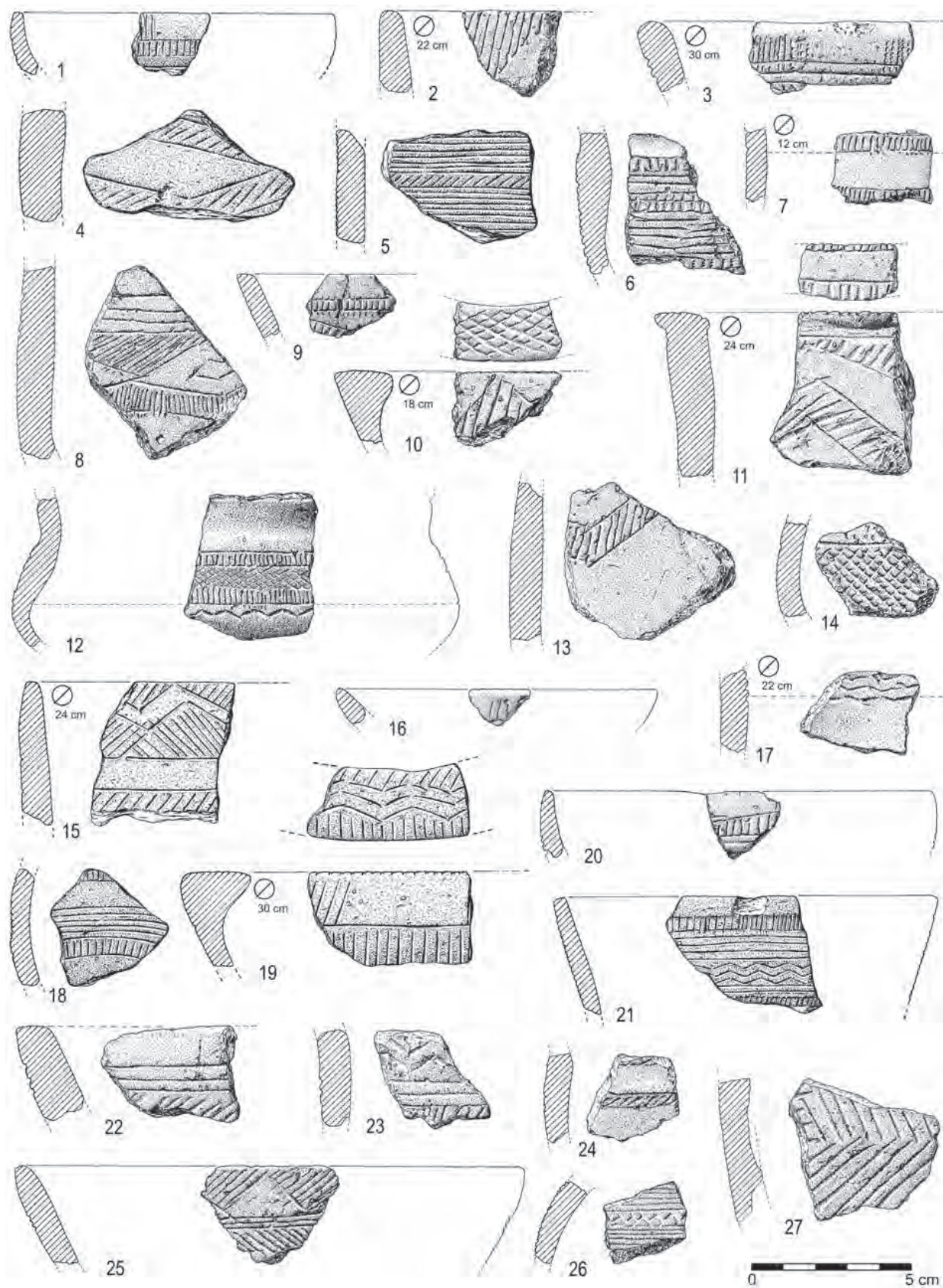


**Fig. 22** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas, exceptuando o exemplar n.º 12, fragmento de cincho. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1998. 1 e 2 – 14/21; 3 – 20/12; 4 – 14/21; 5 a 14 – 20/12; 15 – 14/21; 16 a 22 – 20/12; 23 – 14/21; 24 – 20/12.

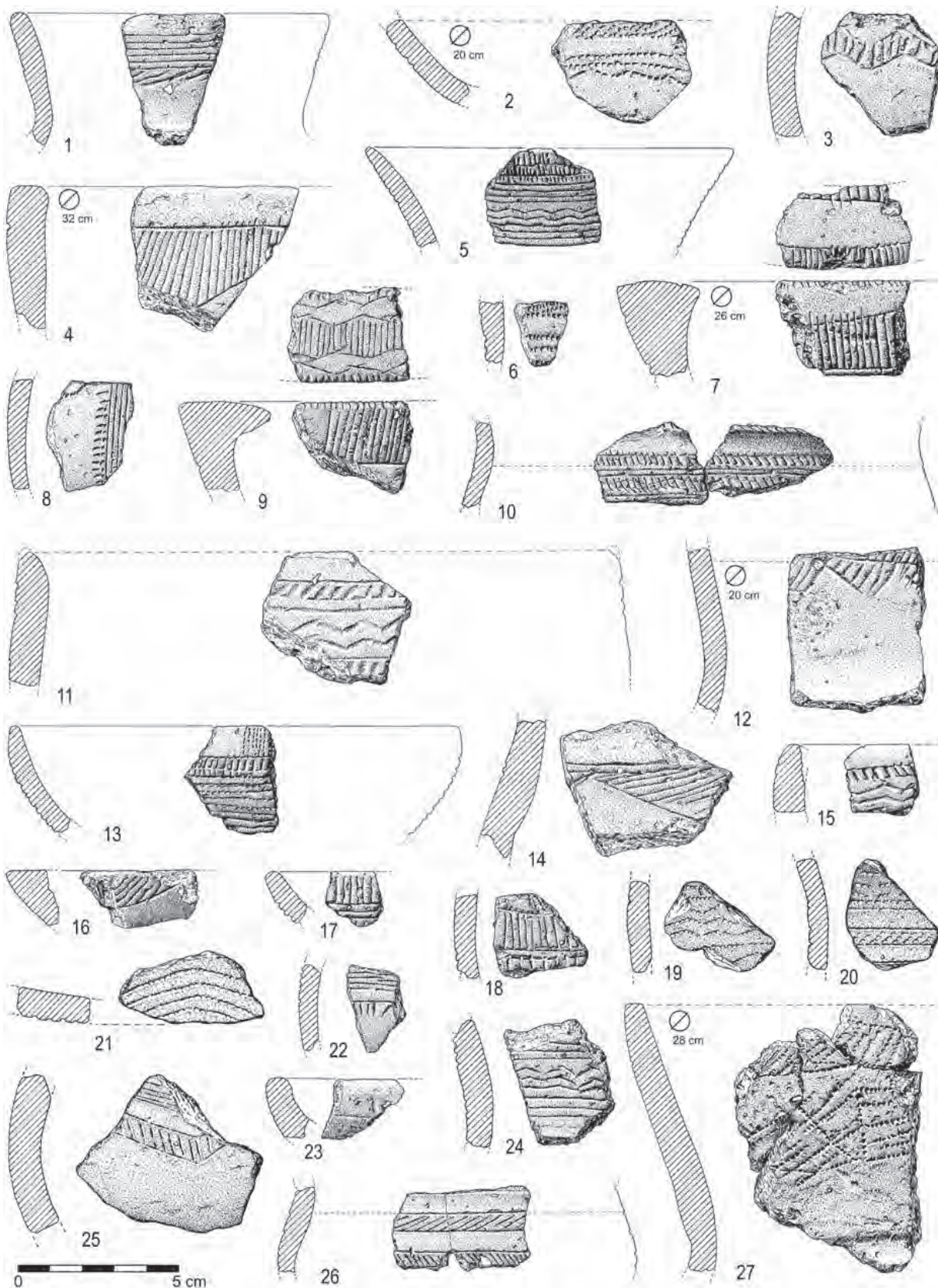




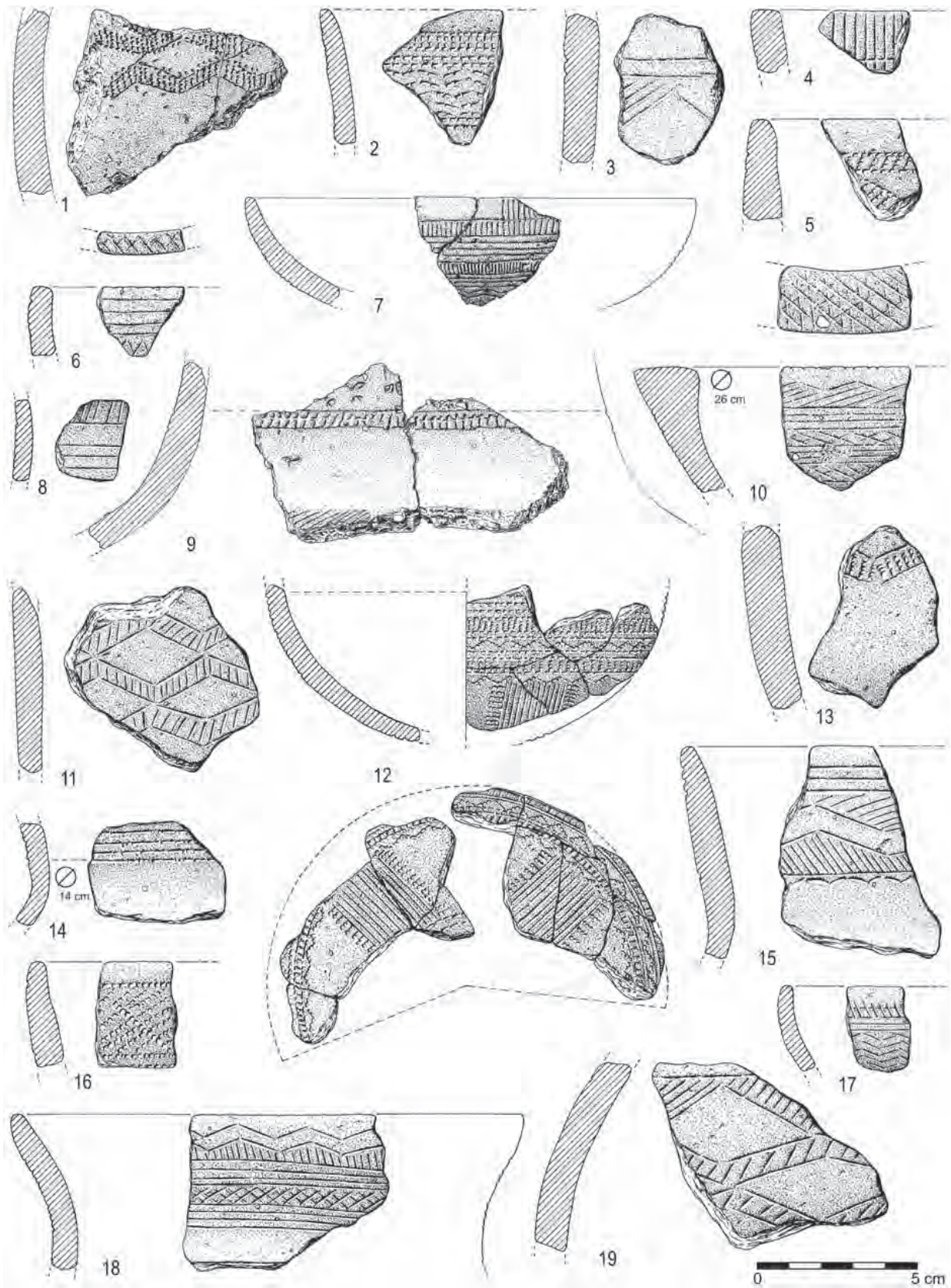
**Fig. 23** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1998. 1 – 14/21; 2 a 4 – 15/21; 5 e 6 – 14/21; 7 a 12 – 15/21; 13 – 14/21; 14 – 14/20; 15 a 21 – 14/21; 22 – 14/20; 23 e 24 – 14/21.



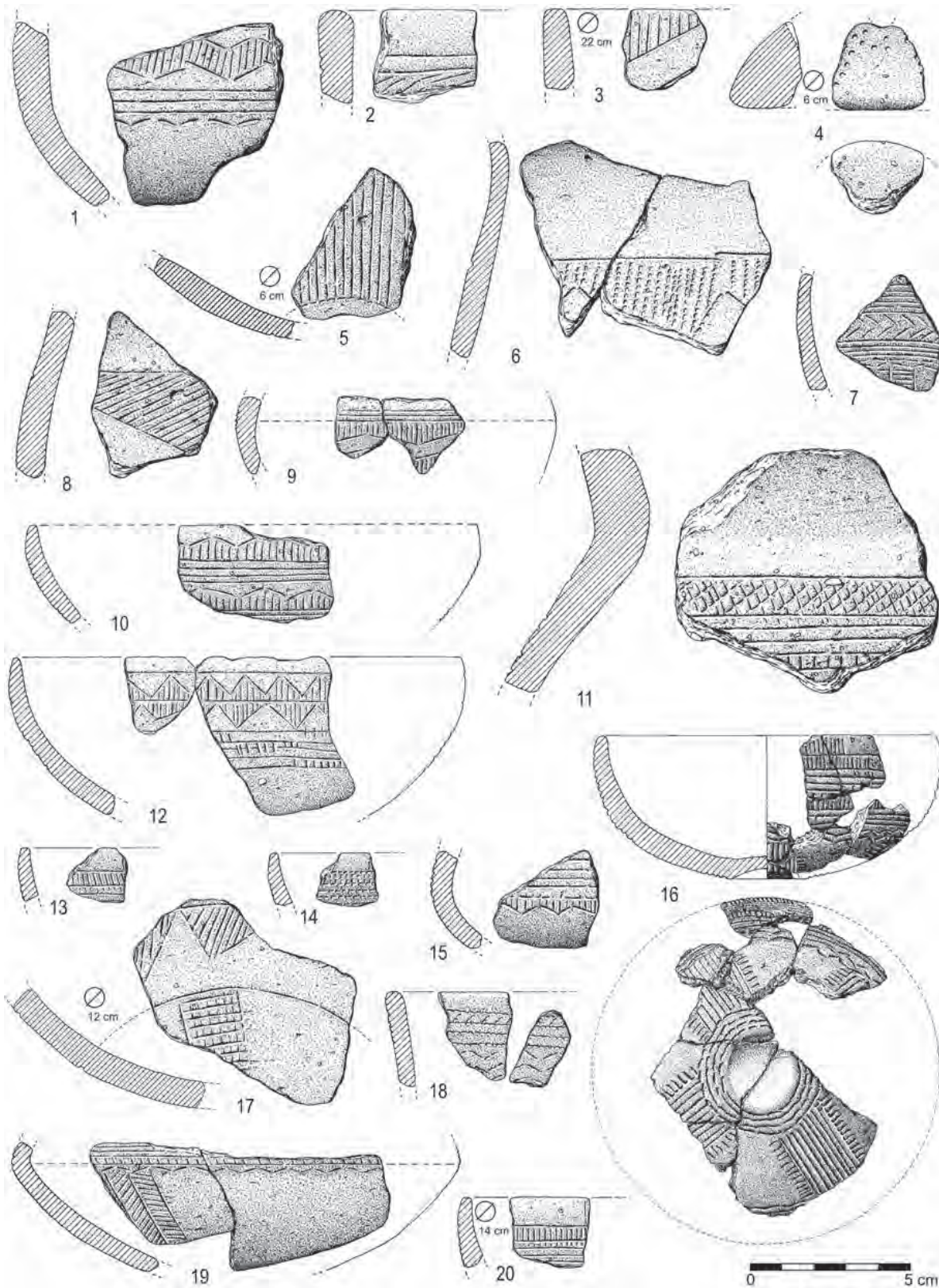
**Fig. 24** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1998. 1 – 14/20; 2 a 5 – 14/21; 6 – 14/20; 7 a 13 – 14/21; 14 – 14/20; 15 a 27 – 14/21.



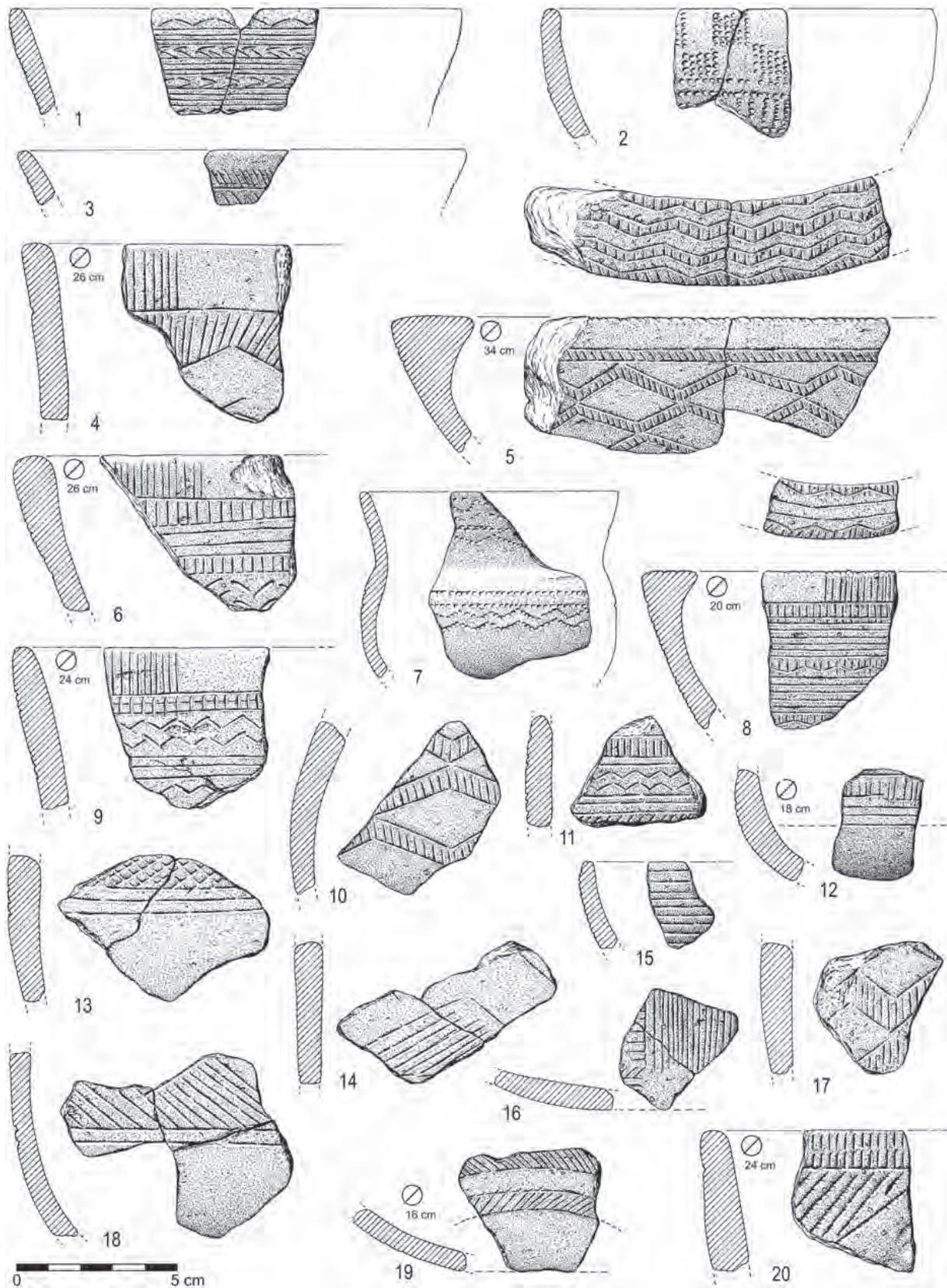
**Fig. 25** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1998. 1 – 20,21/12; 2 a 5 – 21/12; 6 a 10 – 20,21/12; 11 – 21/12; 12 – 20,21/12; 13 a 15 – 21/12; 16 a 18 – 19/11; 19 a 21 – 19/13; 22 – 21/12; 23 e 24 – 19/11; 25 – 19/13; 26 – 19/11; 27 – 21/12.



**Fig. 26** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1998 e 1999. 1 – 18/18; 2 a 6 – 19/13; 7 – 19/11; 8 – 19/13; 9 – 19/11; 10 a 12 – 19/13; 13 – 12/13; 14 a 19 – 19/13.



**Fig. 27** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas, exceptuando o exemplar n.º 4, suporte de lareira. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 – 19/13; 2 – 19/12; 3 a 5 – 19/13; 6 e 7 – 19/12; 8 – 19/13; 9 e 10 – 19/12; 11 – 19/13; 12 – 19/13 e 19/12; 13 a 15 – 19/12; 16 – 19/12 e 20/12; 17 – 19/12; 18 – 19/13; 19 e 20 – 19/12.



**Fig. 28** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 4 – 19/12; 5 – 19/12 e 19/13; 6 – 18/13; 7 a 11 – 19/12; 12 – 19/14,15; 13 e 14 – 18/13; 15 a 17 – 19/14,15; 18 – 18/13; 19 e 20 – 19/14,15.

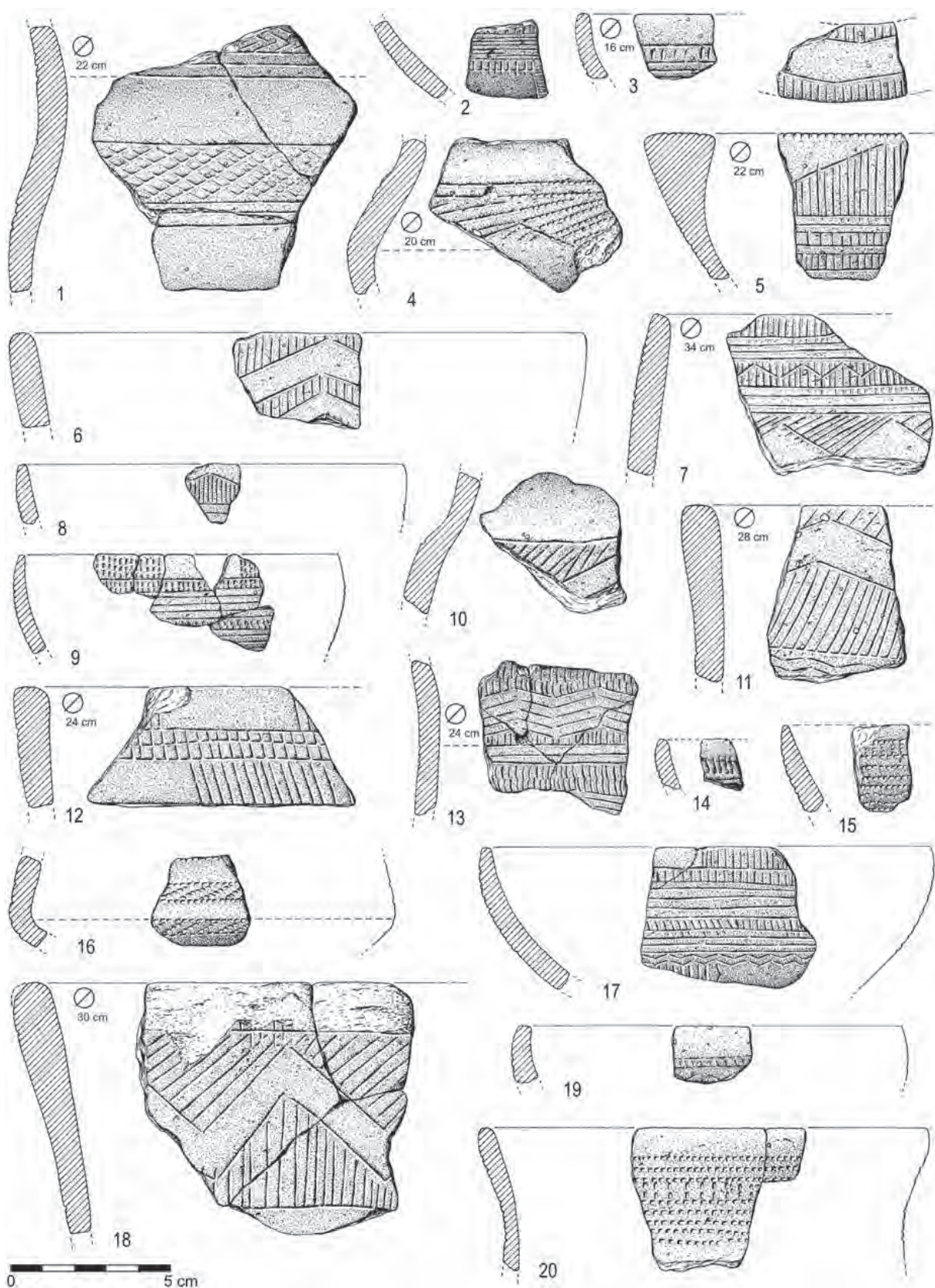
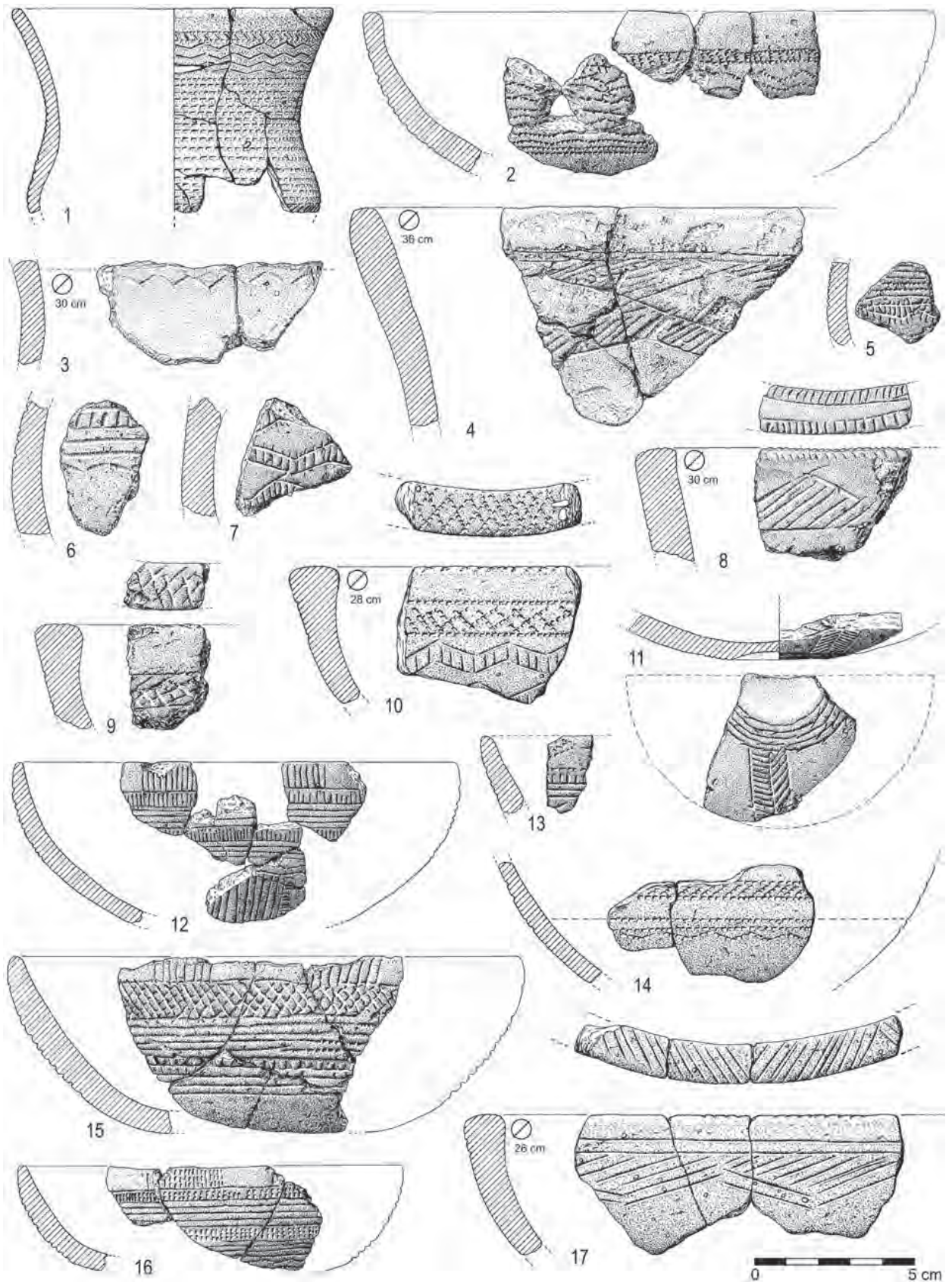


Fig. 29 - Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 3 - 20/14; 4 - 12/18; 5 e 6 - 15/20; 7 - 15/20,21; 8 - 15/20; 9 - 15/20,21; 10 - 12/18; 11 e 12 - 15/20,21; 13 - 12/18; 14 - 20/12; 15 e 16 - 15/20,21; 17 - 12/18; 18 - 15/20,21; 19 - 20/12; 20 - 15/20,21.



**Fig. 30** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 16 – 20/12 ; 17 – 19/13 e 20/12.



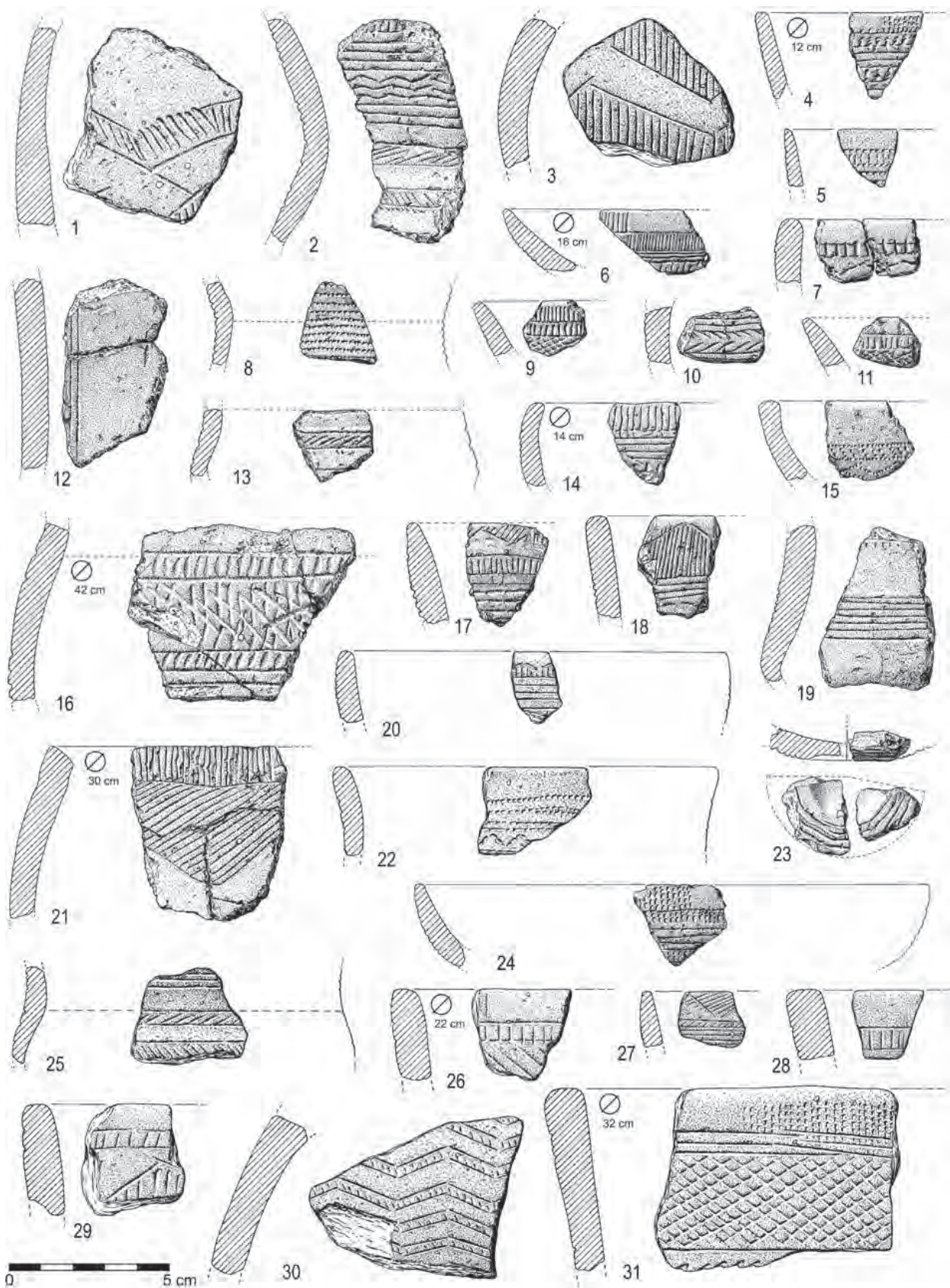
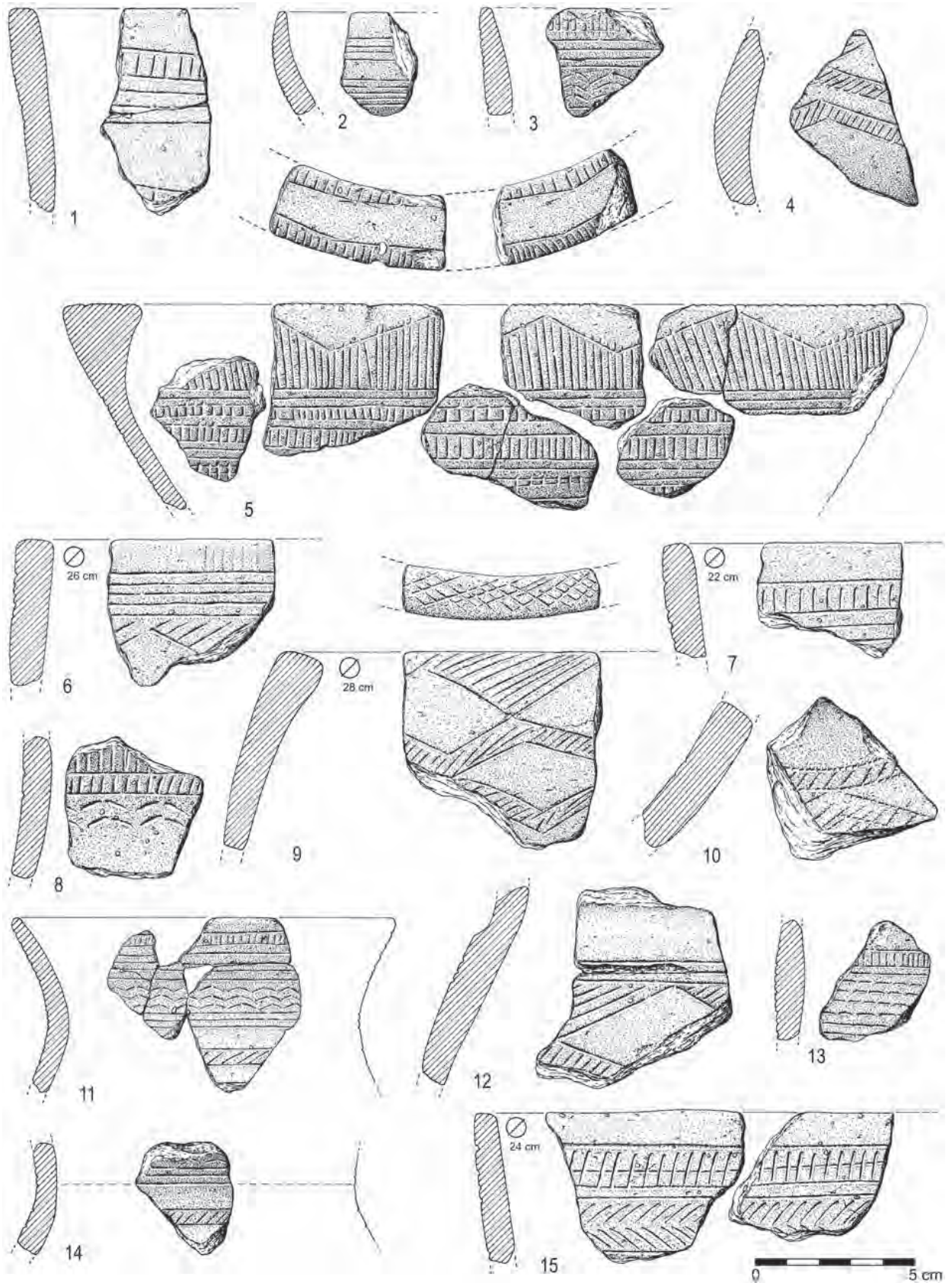


Fig. 31 – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 24 – 20/12 ; 25 a 31 – 20,21/13.



**Fig. 32** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 6 – 20,21/13; 7 – 20/13; 8 a 12 – 20,21/13; 13 a 15 – 20/13.

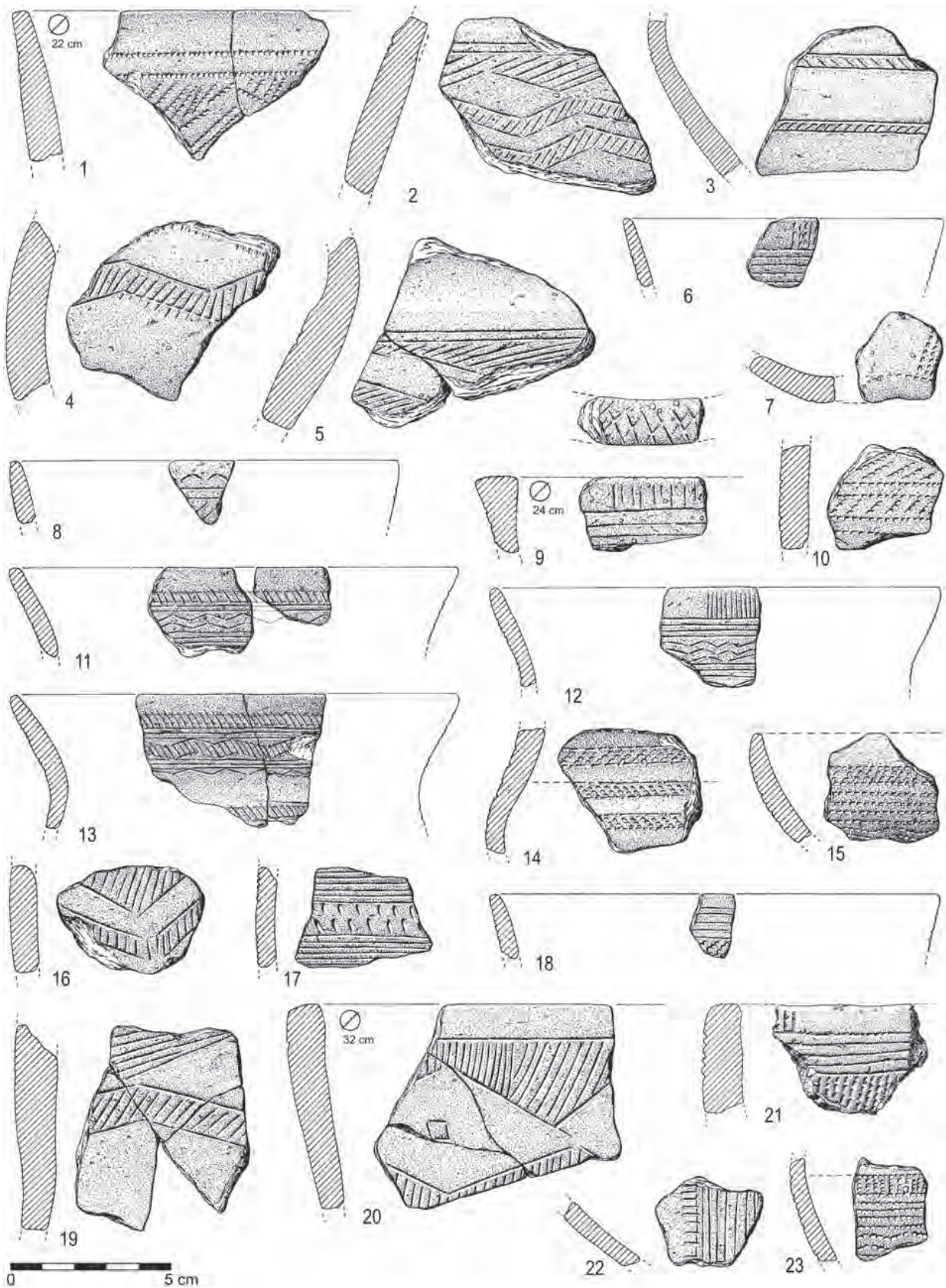
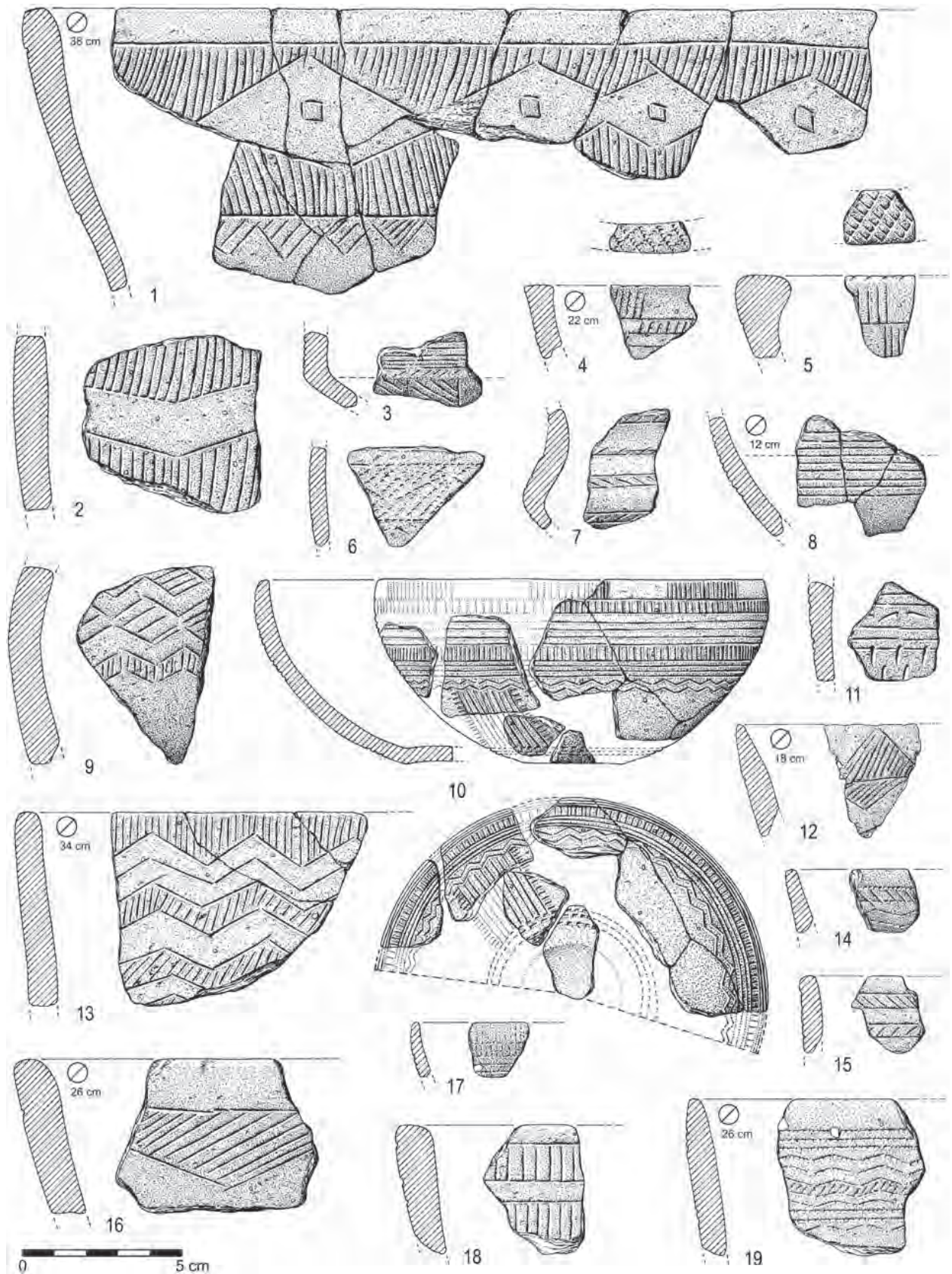
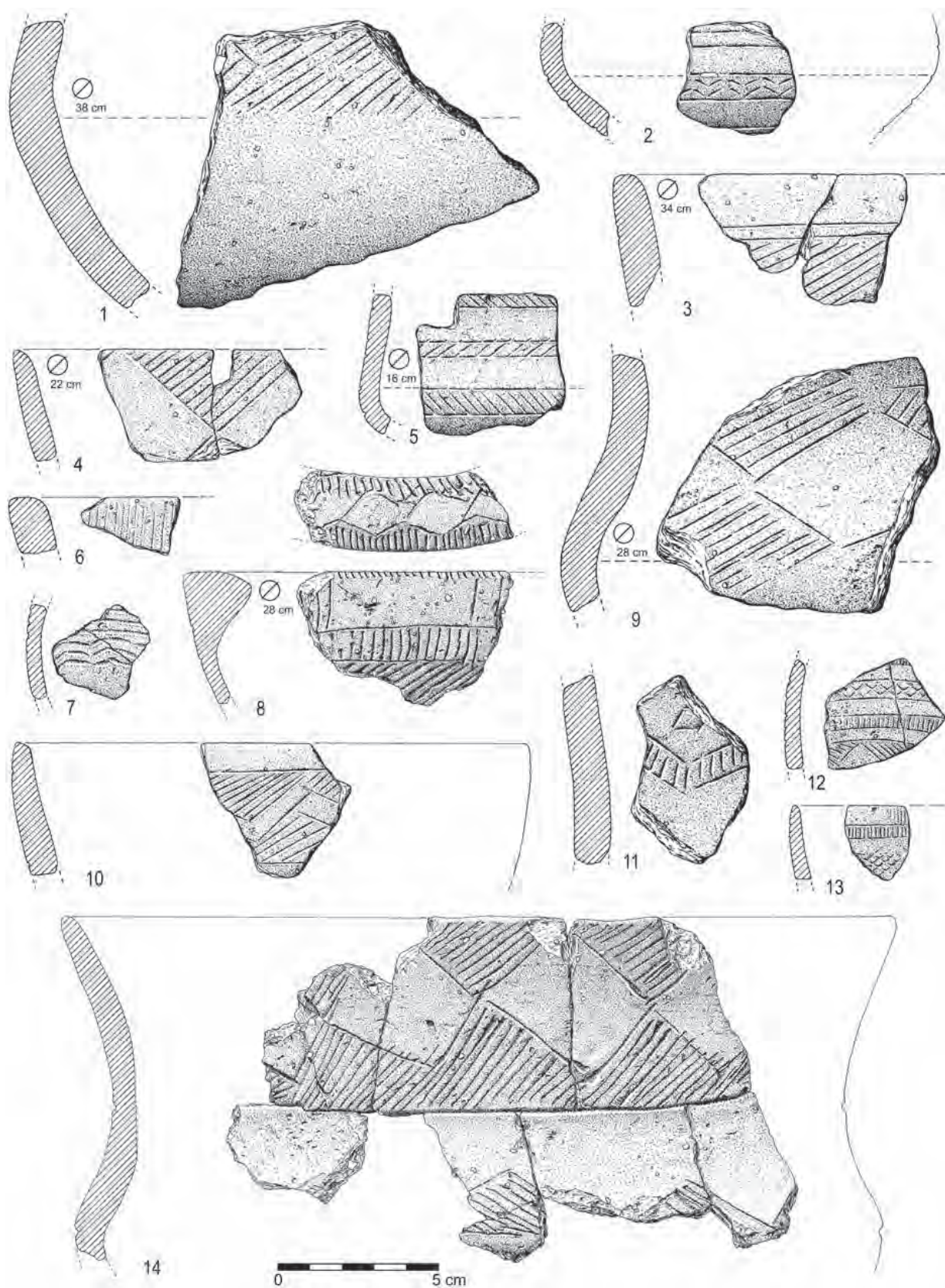


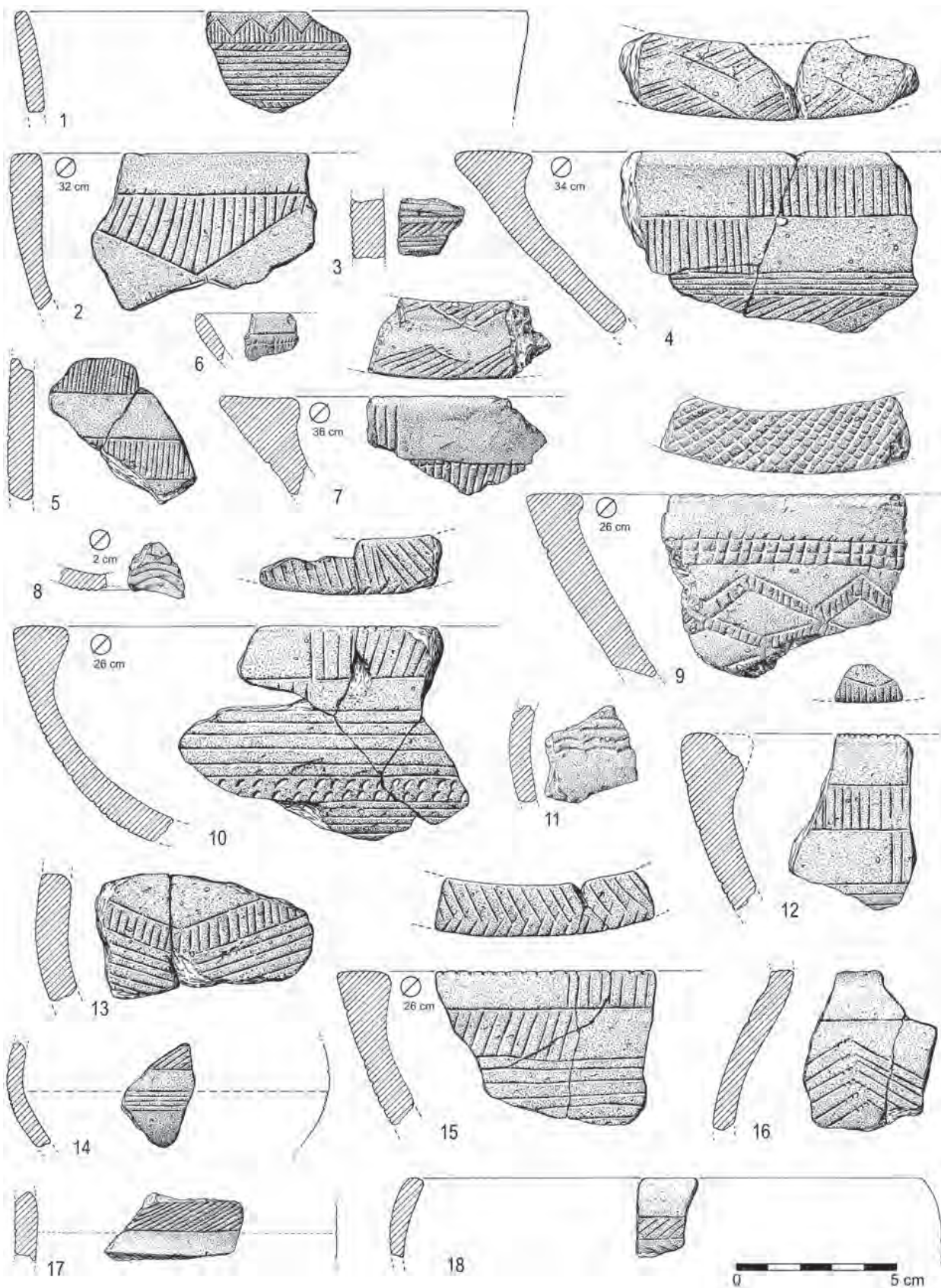
Fig. 33 – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 17 – 20/13; 18 a 21 – 12/18; 22 e 23 – 11/18.



**Fig. 34** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 – 11/19; 2 – 12/18; 3 a 9 – 12/18,20; 10 – 20/13; 11 a 19 – 12/18,20.



**Fig. 35** - Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 e 2 - 12/18,20; 3 - 12/18; 4 e 5 - 12/18,20; 6 - 25/18; 7 a 9 - 12/18,20; 10 a 13 - 16/18; 14 - 12/18,20.



**Fig. 36** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 18 – 16/18.

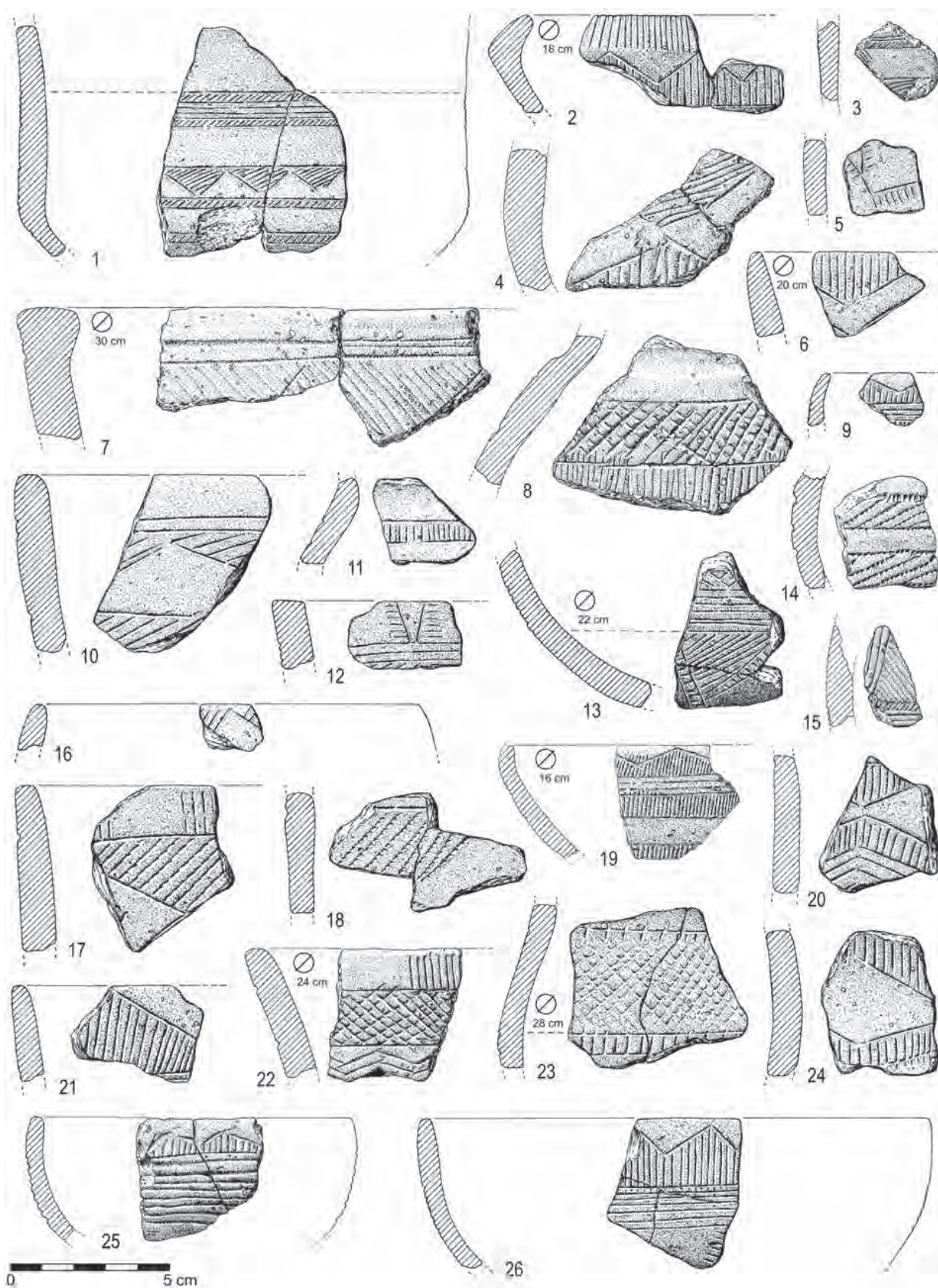
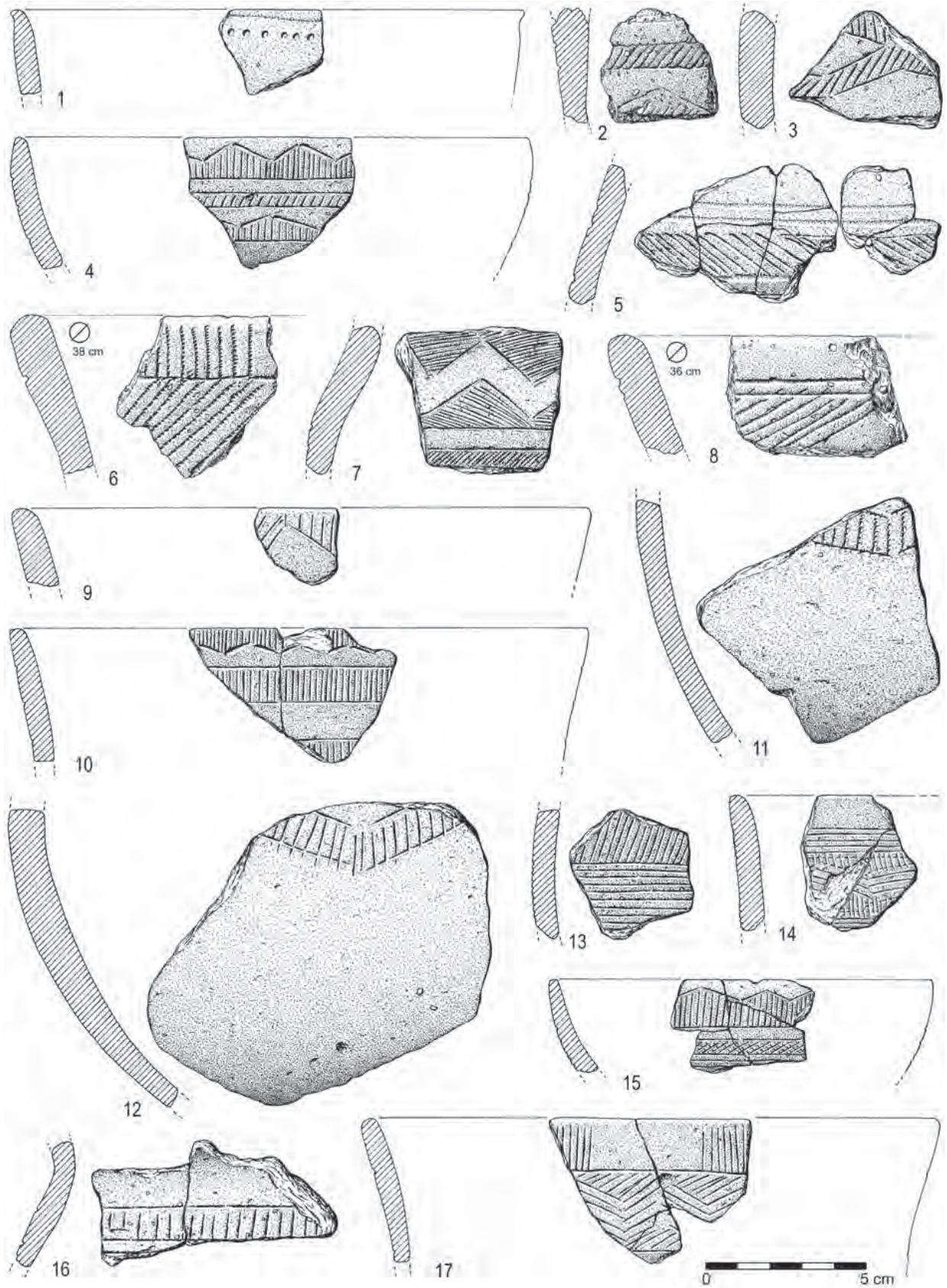


Fig. 37 - Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 26 - 16/18.



**Fig. 38** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999. 1 a 13 – 16/18; 14 e 15 – 19/15; 16 e 17 – 12,13/19.



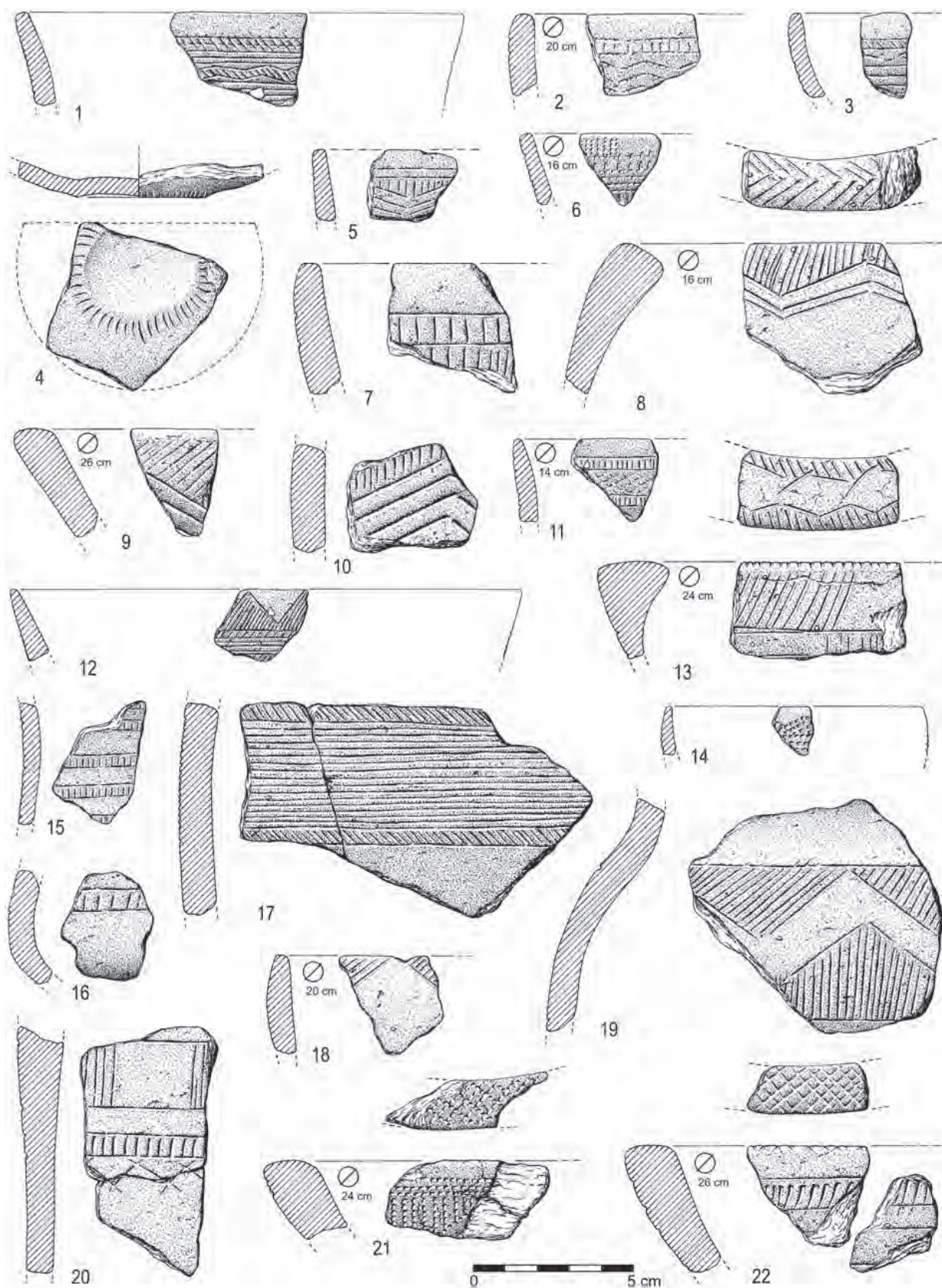
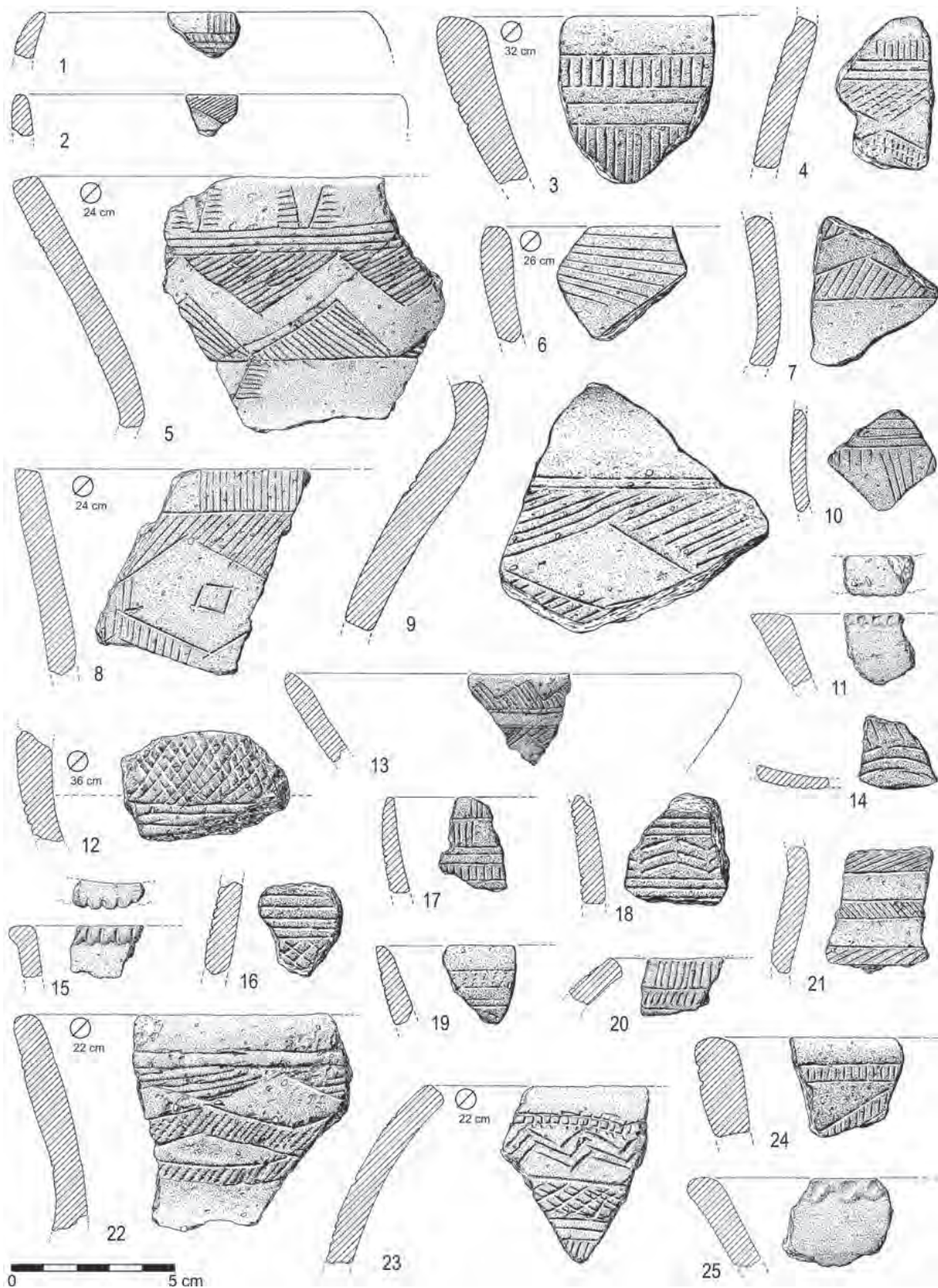


Fig. 39 – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 1999 e 2002. 1 a 11 – 12,13/19; 12 a 14 – 20/13; 15 – 17/11; 16 a 22 – 20/13.



**Fig. 40** – Freiria. Cerâmicas campaniformes decoradas, exceptuando os exemplares n.ºs 11, 15 e 25, fragmentos de recipientes com bordos denteados do Neolítico Final. Indicam-se as coordenadas de cada exemplar, permitindo a sua localização na Fig. 2. Materiais recolhidos em 2002. 1 a 7 – 20/13; 8 – ?; 9 e 10 – 20/13; 11 – ?; 12 e 13 – sup.; 14 – 20/7; 15 – ?; 16 – sup.; 17 – 15/23; 18 – 28/46; 19 – ?; 20 a 23 – sup.; 24 – 20,21,22/7; 25 – ?.

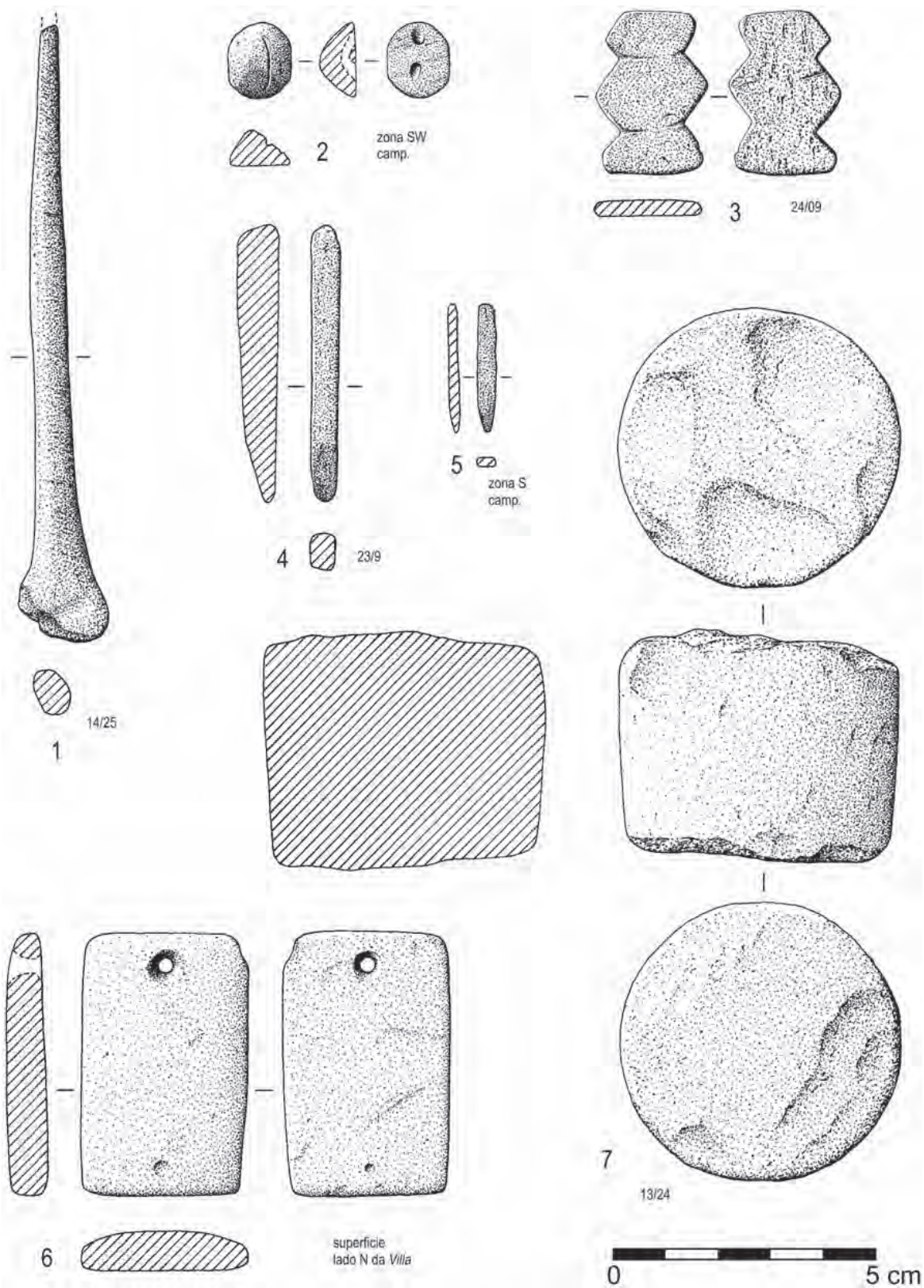


Fig. 41 – Freiria. Materiais diversos. 1 – furador aproveitando a morfologia de um metápodo lateral de cavalo (*Equus caballus*); 2 – botão de osso de formato intermédio calote/cónico, com perfuração em V na face ventral; 3 – botão de osso do tipo tartaruga, de formato antropomórfico; 4 – pequeno formão de cobre; 5 – furador ou sovela; 6 – braçal de arqueiro votivo fracturado e com tentativa de reutilização; 7 – fragmento de cilindro de calcário votivo, reutilizado.